UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

HETE TEIXEIRA LEAL

EGRESSOS E EGRESSAS DOS CURSOS SUPERIORES DO PRONERA\UNEB: CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Vitória da Conquista

2023

HETE TEIXEIRA LEAL

EGRESSOS E EGRESSAS DOS CURSOS SUPERIORES DO PRONERA\UNEB: CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Texto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha De Pesquisa: Política Pública Educacional.

Orientadora: Prof. Dra. Tatyanne Gomes Marques.

Vitória da Conquista

2023

L47e

Leal, Hete Teixeira.
Egressos e egressas dos cursos superiores do PRONERA/UNEB: contribuições da formação para educação do campo. / Hete Teixeira Leal, 2023.
130f.
Orientador (a): Drª. Tatyanne Gomes Marques.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2023.
Inclui referências. 109 – 115.
1.Educação do Campo. 2. Políticas Públicas Educacionais. 3. PRONERA. UNEB - Egressos/as. I. Marques, Tatyanne Gomes. II. Programa Pós-Graduação em Educação – PPGED. I. T.

CDD 370.91734

Catalogação na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

EGRESSOS E EGRESSAS DOS CURSOS SUPERIORES DO PRONERA\UNEB: CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Texto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Tatyanne Gomes Marques – UNEB/PPGEd-UESB

Orientadora

Prof. Dra. Maria Nalva Rodrigues Araújo Bogo - UNEB

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Prof. Dra. Arlete Ramos dos Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Dedico este trabalho a todos e todas que, de alguma maneira, plantaram a semente do PRONERA, seja como Movimentos sociais, Poder público, universidades, gestores(as), educadores(as) e, em especial, aos egressos e egressas do PRONERA.

Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada

Aquele que sabe que é negro
o coro da gente
E segura a batida da vida o ano inteiro
Aquele que sabe o sufoco de um jogo tão duro
E apesar dos pesares ainda se orgulha de ser brasileiro
Aquele que sai da batalha
Entra no botequim, pede uma cerva gelada
E agita na mesa logo uma batucada
Aquele que manda o pagode
E sacode a poeira suada da luta e faz a brincadeira
Pois o resto é besteira
E nós estamos pelaí...

(Gonzaguinha)

"Que a Universidade se pinte de negro, que se pinte de mulato. Não só entre os alunos, mas também entre professores. Que se pinte de operário e camponês, que se pinte de povo, porque a Universidade não é patrimônio de ninguém e pertence ao povo". Che Guevara, discurso na Universidade de Las Villas, em 28 de dezembro de 1959.

AGRADECIMENTOS

"É preciso força para sonhar e perceber
Que a estrada vai além do que se vê...".

O ato de tecer agradecimentos em um trabalho desta dimensão, que envolve de forma direta e indireta tantas pessoas, pode parecer em algum momento injusto com alguém que não esteja incluído, contudo, maior injustiça seria deixar de reconhecer aqui e agradecer com algumas palavras de carinho as pessoas que foram relevantes para que esta pesquisa ganhasse forma e se concretizasse.

Embora o período e a realização de um mestrado seja, na maioria do seu tempo, uma ação solitária, não poderia esquecer as mãos que não soltaram as minhas e fizeram diferença nesse percurso.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pai amigo e consolador, por me guiar em cada momento desta minha existência. Sem a tua proteção e amparo, eu jamais teria forças para renascer e decidir lutar pela vida, me transformando em uma mulher ainda mais forte. A ti, toda honra e toda glória.

A minha orientadora, Professora Doutora Tatyanne Gomes Marques. Taty, em todo esse percurso, você foi como uma mãe, que cobra, mas de forma doce, que orienta, e a gente acredita que suas indicações são os melhores caminhos a serem trilhados. Falta-me palavras para te agradecer todo apoio nessa minha trajetória como pesquisadora, toda empatia no momento de dor profunda que vivi e você souber ter. Você é exemplo e esperança de docentes humanos que enxergam o indivíduo como um todo e não apenas como uma fonte inesgotável de produção. A você, minha maior gratidão. A realização deste trabalho não seria possível sem você.

Ao meu Pai, Ademário Barbosa Leal, por me deixar a maior das heranças que o senhor poderia, a paixão pela educação e pela leitura. Espero estar correspondendo ao seu sonho de ter como filha uma mulher forte, com objetivos bem traçados e incansável na luta de transformar não somente a minha realidade e da nossa família, mas engajada ao ponto de contribuir para as transformações sociais. Este trabalho é parte desta tentativa. Obrigada por ser minha fonte eterna de inspiração.

A minha filha, Anna Sophia Leal, pelo seu apoio incondicional. Foi você quem ocupou por todo esse período o papel de mãe, dona de casa, amiga e conselheira, quando por inúmeras vezes eu não consegui dar conta de ser. Obrigada por ter sido o colo ao qual constantemente eu recorri. Sou eternamente grata por ter gerado um ser humano tão ímpar como você.

A Gustavo, meu sobrinho e afilhado amado, seu nascimento e desenvolvimento foi e continua sendo a cada dia uma lição na minha vida e na de todos que te cercam. Aprendi com você, uma criança especial, que as limitações somos nós mesmos que nos impomos. Seu desenvolvimento junto com o deste trabalho me ensinou que eu, assim como você, posso chegar aonde eu quiser. Obrigada arrancar de mim meus melhores sorrisos, que eu nem sabia que os possuía. Você é meu equilíbrio, meu cantinho de paz nos dias mais turbulentos. Amo-te!

À Professora Doutora Arlete Ramos dos Santos, pela oportunidade de iniciar essa trajetória rumo ao mestrado como sua aluna em uma disciplina especial do PPGEd. Naquele período, tive meus primeiros contatos com o campo da pesquisa e consegui aprofundar a discussão sobre políticas públicas, movimentos sociais e compreender o que de fato é a Educação do Campo. Agradeço também a sua acolhida no GEPEMDECC, grupo de pesquisa onde é coordenadora.

Ao amigo, Professor PhD Adenilson Souza Cunha Júnior, obrigada pelo apoio, por acreditar no meu potencial, por cada conversa, pelas palavras de incentivo e orientação, elas foram muito mais relevantes do que você possa imaginar.

Ao Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEd, pela oportunidade de fazer parte de um de mestrado, engajado, crítico e produtivo, com um potente corpo docente, em uma universidade pública.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais, Diversidade, Educação do Campo e da Cidade - GEPEMDECC, meu grupo de pesquisa, pela oportunidade de desenvolver em coletivo, encontros de estudos, eventos e produções relacionados ao ensino, pesquisa e extensão.Com vocês cresço um pouquinho a cada dia.

Suellem, amiga querida, como foi importante dividir contigo cada pequena conquista deste processo e sentir você vibrando comigo. Obrigada por cada palavra de incentivo, acalento e por ser luz na vida de quem tem o privilégio de te ter ao lado.

Ao Capitão Daniel Abreu, nesses dois anos, chefe imediato, atualmente meu subcomandante, nunca esquecerei o apoio em um período de aulas remotas no cenário da Pandemia do COVID 19. Sou grata por ter tido a oportunidade de dividir com o senhor momentos de conversas “revolucionárias”.

Ao meu esposo Joabson, por compreender minhas ausências, meus momentos de insegurança e ansiedade. Obrigada por cada planta, chocolate e abraço. O processo ficou bem mais leve depois que você chegou com seus cafés na cama e me ensinando a dançar em meio ao caos, na rua, na chuva e no mato.

Aos/às entrevistados/as, egressos\as dos cursos superiores do PRONERA\UNEB que se

disponibilizaram a contribuir com esta pesquisa, sempre de forma muito prestativa, solícita e atenciosa. Sei que cada um\uma precisou se organizar para conseguir ajustar agendas de trabalhos, estudos e demais compromissos, para contribuir com a realização desta produção. Esta pesquisa não seria possível sem a participação de vocês. A todos\as, minha eterna gratidão.

RESUMO

O presente estudo insere-se na linha de Políticas públicas educacionais já que se propõe a analisar como a formação nos cursos superiores do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA – executados por meio da parceria entre a Universidade do Estado da Bahia - UNEB, movimentos sindicais e sociais e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, contribui para o projeto de Educação do Campo. Para tanto, são objetivos específicos: contextualizar o PRONERA como uma política pública em disputa no projeto de Educação do Campo; identificar egressos (as) do PRONERA- UNEB e suas formações; conhecer as contribuições dos cursos superiores do PRONERA/UNEB para a Educação do Campo. Para isso, a pesquisa faz uso de um levantamento bibliográfico do tipo estado do conhecimento ou estado da arte que aponta para relevantes produções a nível nacional que dialogam com o objeto desta pesquisa e ao mesmo tempo demonstra a relevância desta ao identificarmos que poucos são os trabalhos que discutem a relação dos egressos do programa com o projeto ideológico de uma Educação do Campo. São analisados dados institucionais da execução do programa junto à Universidade do Estado da Bahia por meio da análise de um questionário respondido pela Coordenadora do Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire da UNEB que apresenta a quantidade de cursos realizados, bem como a dimensão territorial que estes convênios alcançam. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 (dez) egressos\as dos cursos superiores do PRONERA/UNEB, sendo 02 (dois) de cada curso, respeitada a equidade de gênero. A análise das entrevistas permitiu perceber que os egressos\as dos cursos superiores do PRONERA\UNEB têm utilizado dos conhecimentos adquiridos em seus processos formativos e das suas atuações profissionais para contribuir, cada uma dentro das suas possibilidades e áreas de atuação para o projeto de Educação do Campo, o PRONERA se consolida, desta maneira, enquanto uma importante política pioneira de Educação do Campo,

Palavras-chave: Educação do Campo. Políticas Públicas Educacionais. PRONERA. UNEB. Egressos/as.

ABSTRACT

This study is part of the post-graduation master´s program, in the line of public educational policies. It aims to analyze how the training in the higher education courses of the National Program of Education in Agrarian Reform - PRONERA - executed through the partnership between the University of the State of Bahia - UNEB, trade union and social movements and the National Institute of Colonization and Agrarian Reform - INCRA, contributes to the Rural Education project. To this end, the following specific objectives were to contextualize PRONERA as a public policy in dispute in the Rural Education project; identify graduates of PRONERA-UNEB and their training; to know the contributions of the higher education courses of PRONERA/UNEB for Rural Education. For this, the research makes use of a bibliographic survey of the type state of knowledge or state of the art that points to relevant productions at the national level that dialogue with the object of this research and at the same time demonstrates the relevance of this by identifying that there are actually few works that discuss the relationship of the graduates of the program with the ideological project of a Rural Education. Institutional data of the execution of the program with the University of the State of Bahia are analyzed through the analysis of a questionnaire answered by the coordinator of the "Paulo Freire Academic Center for Rural Education and Territorial Development" at UNEB, which presents the number of courses taken, as well as the territorial dimension that these agreements reach. Semi-structured interviews were conducted with 10 (ten) graduates of the higher education courses of PRONERA/UNEB, being 02 (two) of each course, respecting gender equality. The analysis of the interviews allowed us to perceive that the graduates of the higher education courses of PRONERA-UNEB have used the knowledge acquired in their training processes and their professional actions to contribute, each one within its possibilities. The project of Rural Education PRONERA is consolidated, in this way, as an important pioneering policy of Rural Education.

Keywords: Rural Education. Educational Public policies. PRONERA. UNEB. Alumni.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES

ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural
CAP - Centro de Aperfeiçoamento Profissional
CAPES - Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAEACDT - Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire
CASA - Centro de Agroecologia no Semiárido
CDA - Coordenação de Desenvolvimento Agrário
CEB - Câmara de Educação Básica
CEFET - Centros Federais de Educação Tecnológica
CEFFA - Centros Familiares de Formação por Alternância
CEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CETA - Movimento dos Trabalhadores Acampados e Assentados
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNE - Conselho Nacional de Educação
CNS - Conselho Nacional de Saúde
CPN - Comissão Pedagógica Nacional
EaD - Educação à Distância
EBEC - Encontro Baiano de Educação do Campo
EFA - Escola Família Agrícola
EJA - Educação de Jovens e Adultos
ENERA - Encontro Nacional das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária
FATRES - Fundação de Apoio à Agricultura Familiar do Semiárido da Bahia
FETAG - Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura
GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo
GEPEMDECC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo e da Cidade
GT-RA - Grupo de Trabalho de Apoio à Reforma Agrária
HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Sociedade e Educação no Brasil
IBICT - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia
IFBA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LOA - Lei Orçamentária Anual
MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário
MEPF - Ministério Extraordinário de Política Fundiária
MHD - Materialismo Histórico Dialético
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MLT - Movimento de Luta Pela Terra
OAB - Ordem dos Advogados do Brasil
ONG - Organizações não Governamentais
PNDU - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PNFC - Programa Nacional de Crédito Fundiário
PNRA - Programa Nacional de Reforma Agrária
PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PPA - Plano Plurianual
PPGEd - Programa de Pós Graduação em Educação

REDA - Regime Especial de Direito Administrativo
RI UFSCar - Repositório Institucional da Universidade Federal de São Carlos
SEC - Secretaria de Educação do Estado da Bahia
SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade
SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SDR - Superintendência de Desenvolvimento Agrário
TCC - Trabalho de conclusão de Curso
TCU - Tribunal de Contas da União
UESB -Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
UFRGS -Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFS - Universidade Federal de Sergipe
UFG - Universidade Federal de Goiás.
UNB - Universidade de Brasília
UNE -União Nacional dos Estudantes
UNEB - Universidade Estadual da Bahia
UNESC - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNESP - Universidade Estadual Paulista
UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNISINOS -Universidade Federal do Vale do Rio dos Sinos
UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Linha do tempo PRONERA …….. 30
Figura 2 – Orçamento do PRONERA de 2008 a 2018 …… 34
Figura 3 – UNEB Multicampi nos territórios de identidade da Bahia …… 56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das produções científicas sobre o PRONERA …… 53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Entrevistas por curso/Campus …….. 41
Quadro 2- Nomes fictícios dos/as entrevistados/as…….. 43
Quadro 3 – Compilação de produções científicas dos Bancos de Teses e Dissertações ……. 49
Quadro 4 – Compilação de produções que dialogam diretamente com o objeto da pesquisa ….…… 51
Quadro 5- Projetos do PRONERA executados pela UNEB ……... 59
Quadro 6 – Atuação dos\as entrevistados\as …….. 75
Quadro 7 – Tentativas anteriores de aprovações em vestibulares regulares ….. 82
Quadro 8 – Nível de escolarização dos entrevistados\as……. 84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Distribuição de produções científicas sobre o PRONERA …….....52

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS 17
2. O PRONERA COMO POLÍTICA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO 24
2.1 O PRONERA NO CENÁRIO DE DISPUTA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS 24
2.2 O PRONERA E O PROJETO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO 27
3. CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA 36
3.1. O MÉTODO E ABORDAGEM DA PESQUISA 36
3.2. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A PRODUÇÃO DOS DADOS 38
3.3. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO PARA A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA 40
3.4. CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO PARA A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA 40
3.5 PARTICIPANTES DA PESQUISA E CUIDADOS ÉTICOS 41
3.6 CUIDADOS ÉTICOS 44
3.7. ANÁLISE DOS DADOS 45
4. AS PESQUISAS ACERCA DO PRONERA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS 47
5. "A UNEB FOI A INSTITUIÇÃO QUE COMPREENDEU [...] ESSA DEMANDA E ATÉ ESSA DÍVIDA HISTÓRICA COM A SOCIEDADE BRASILEIRA": A UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA COMO PROTAGONISTA DO PRONERA NA BAHIA 55
6. OS CURSOS SUPERIORES DO PRONERA E A FORMAÇÃO CONTRA- HEGEMÔNICA DOS\AS TRABALHADORES\AS CAMPONESES\AS 63
6.1. *"TAMBÉM PODEMOS PISAR ESSE CHÃO*" PERFIL DOS\AS EGRESSOS\AS DOS CURSOS SUPERIORES DO PRONERA\UNEB 63
6.2 "NÓS OCUPAMOS ALGUMAS UNIVERSIDADES PARA ACEITAR O NOSSO PROJETO": HEGEMONIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTRA-HEGEMÔNICAS 76
6.2.1 "LÁ VEM OS ESFOMEADO DA ROÇA": UNIVERSIDADE PÚBLICA, DIFICULDADES DE ACESSO, PERMANÊNCIA E UM ESPAÇO PERMEADO POR TENSÕES 81
6.3 – "[...] *A FORMAÇÃO NO PRONERA, ELA ME ENCAMINHA PARA A CONTINUIDADE NA LUTA":* CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO DOS/AS EGRESSOS\AS DOS CURSOS SUPERIORES DO PRONERA\UNEB PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO 85
CONSIDERAÇÕES FINAIS 98
APÊNDICE 1 – Questionário para a coordenadora do Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire 106
APÊNDICE 2– Roteiro de entrevista semiestruturada com os egressos\as dos cursos superiores do PRONERA\UNEB 108
APÊNDICE 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) 110
APÊNDICE 4 – Parecer Consubstanciado do Comissão Nacional de Ética em Pesquisa 114

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

> Não existe tal coisa como um processo de educação neutra. Educação ou funciona como um instrumento que é usado para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a "prática da liberdade", o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo. *(*FREIRE, 2005, p.8).

No mundo contemporâneo, pesquisadores e pesquisadoras têm cada vez mais discutido o Estado[1] e evidenciado os múltiplos aspectos relacionados ao seu fortalecimento e/ou enfraquecimento, bem como os sujeitos que interagem para sua transformação. Também apontam para as mudanças que o Estado está sendo submetido, apesar da falta de consenso sobre a qualidade dessas (SANTOS, 1999, GENTILLI, 2004).

Assim, é importante destacar o papel do Estado como agente regulador das ações e políticas elaboradas em âmbito nacional, pois se faz necessário entender a importância de garantir a efetivação de políticas públicas de Estado, no sentido de Nação.

Os programas de governo têm caráter transitório, são ações elaboradas para beneficiar a população por determinado período e mudam a cada novo governo. Já as políticas públicas de Estado são mais estáveis, permanecem, mesmo quando há mudança de governos, uma vez que são "[...] baseadas nas legítimas demandas dos atores sociais, e que, depois de passarem pelo processo democrático de debate e de disputa de interesses, se tornariam prioridade governamental na formulação de políticas públicas" (ASSIS, 2011, p. 40). Diante do exposto, compreendemos políticas públicas como uma mediação política de regulação estatal das relações sociais. Tomamos por base a elaboração conceitual feita por Peters (1986), que considera política pública como sendo o conjunto das atividades governamentais, que implicam diretamente ou por intermédio de ações delegadas na ordem social. As políticas públicas, quando elaboradas e implementadas por meio de programas e projetos, devem necessariamente passar pela avaliação e controle de todos os atores envolvidos no processo.

As políticas públicas retratam as contradições de uma sociedade de classes, entretanto, mais que uma simples regulamentação de um serviço público, representam uma resposta às

---

[1] Trabalhamos aqui com o conceito de Estado como uma estrutura que objetiva defender os interesses das classes dominantes, tendo como base seus instrumentos de regulação, "este Estado não é mais do que a forma de organização que os burgueses necessariamente adotam, tanto no interior como no exterior, para garantir a recíproca de sua propriedade e de seus interesses" (MARX, 1993, p.98)

demandas específicas pautadas por determinados grupos. Conforme Engels (1972) registra, o desenvolvimento das relações sociais de produção capitalista se distingue pela simplificação das contradições de classe à medida que a sociedade vai se dividindo cada vez mais em dois campos antagônicos, em duas grandes classes, que se enfrentam diretamente: a burguesia e o proletariado. Vale salientar, nesse sentido, que as relações sociais existentes nesse campo de disputa são marcadas por interesses antagônicos, traço acentuado de uma sociedade capitalista. Sendo assim, é primordial a luta por políticas que não produzam as interdições que inviabilizam a participação dos sujeitos com suas contestações em seu contexto social. Neste sentido, faz-se necessário que se configurem políticas públicas que nasçam das demandas populares e que sejam produzidas/ executadas com a sua participação.

Feitas essas considerações, destaca-se que o interesse particular desta pesquisadora pela temática de Políticas públicas, com foco no campo educacional, surgiu durante a experiência pessoal, como militante de movimento estudantil, inicialmente no âmbito secundarista e, posteriormente, na esfera universitária, onde tive a oportunidade de participar ativamente de congressos e bienais da União Nacional dos Estudantes – UNE. Em 2007, estive presente na ocupação do terreno que abrigou o prédio da UNE de 1942 a 1964, que foi incendiado e demolido, logo após o golpe militar, como representação perversa de perseguição à militância que representava resistência àquele cenário político.

No ano de 2008, em uma ação conjunta com o poder público, construímos, enquanto sociedade civil, as Conferências de Juventude, com o objetivo de debater intervenções e políticas públicas nas mais diversas áreas (saúde, educação, esporte, cultura, gênero e lazer) para a juventude brasileira. Participei de todas as etapas, sendo a delegada mais votada da Bahia para a Conferência Nacional, realizada no mesmo ano em Brasília.

Uma das metas aprovadas na I Conferência Municipal de Juventude de Vitória da Conquista foi a criação do Conselho Municipal de Juventude, órgão que tive a responsabilidade de presidir durante a gestão 2008/2010. Essa experiência possibilitou a vivência com os mais diversos movimentos sociais e a construção conjunta, naquele momento, de uma agenda de demandas sociais apresentadas ao poder público.

Dando seguimento a agenda de ampliação e redefinições dos padrões de participação social do Governo Federal, participei, no ano de 2010, das Conferências de Educação em âmbito municipal, territorial, estadual e nacional, evento que debateu e aprovou uma série de metas e diretrizes para a educação pública no país.

Com o ingresso no curso de história[2] iniciei os estudos acadêmicos de temáticas referentes à educação. Em 2012, com a aprovação na seleção pública para Coordenação Administrativa do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, na Universidade Estadual do Sudeste da Bahia (UESB), tive a oportunidade de ter contato direto com o programa enquanto uma política pública para o público de reforma agrária. Nesse momento, a UESB, por meio do Centro de Aperfeiçoamento Profissional – CAP, iniciou a execução do programa. Em 2001, com parceria firmada entre Movimentos Sociais, Sindicais e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária– INCRA, a instituição já havia executado os seguintes cursos: alfabetização de pessoas Jovens e Adultas[3], escolarização de nível fundamental I (1ª à 4º série) e II (5ª à 8º série)[4], Ensino Médio integrado ao curso técnico de Enfermagem, com beneficiários oriundos de assentamentos das áreas de Reforma Agrária de todas regiões do estado da Bahia e Norte de Minas Gerais e contava com três novos convênios firmados, mas ainda não em execução. Esses projetos ofertavam 250 (duzentos e cinquenta) vagas em sua totalidade, para a implementação de três cursos de nível médio/profissionalizante, em três diferentes áreas, a saber: 50 (cinquenta) vagas para o curso técnico em administração, 50 (cinquenta) vagas no técnico em cooperativismo e 150 (cento e cinquenta) vagas ofertadas na área de técnico em meio ambiente.

Tive a oportunidade de participar ativamente do PRONERA/UESB em todas as suas etapas, seja inicialmente como articuladora de movimentos sindicais na coordenadora local, na UESB, de turmas de alfabetização na modalidade EJA, seja posteriormente prestando consultoria na elaboração de projetos pedagógicos para submissão ao órgão concedente. Além disso, ocupei uma cadeira como membro do Conselho Estadual do PRONERA, entre os anos de 2012 e 2013, como representante da UESB e, posteriormente, exercendo a função na coordenação administrativo financeira de três convênios de curso técnico integrado ao médio.

Desta maneira, ao vivenciar este programa em diferentes funções e lugares, ora como movimento social, ora como poder público, passo a compreendê-lo enquanto uma importante política pública para o projeto político ideológico de Educação do Campo. Em decorrências dessas experiências, surge o interesse em pesquisar as contribuições da formação superior de

---

[2] Graduei-me em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

[3] A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394\1996, em seu artigo 37, prevê que, " A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida" (BRASIL, 1996).

[4] O Ensino Fundamental no Brasil atualmente é organizado em 9 anos e não séries.

egressos (as) de uma modalidade que até então não tinha tido a oportunidade de viver enquanto profissional, os cursos de graduação do PRONERA. Assim, chego à UNEB, instituição de ensino que é destaque no estado da Bahia quando focalizamos a parceria na execução dessa política.

Em um trabalho com esta proposta é imprescindível avaliar as tensões que a relação entre Estado e Sociedade traz para o cenário político; a construção de agendas e reivindicações por demandas sociais específicas de cada grupo, instituições representantes da sociedade, como: ONGs, instituições filantrópicas e Movimentos Sociais (SANTOS, 1999; GOHN, 2003; DRAIBE, 1997). É preciso discutir como esses conflitos se desenvolvem. Nessa linha, Ball (2014, p.222) ressalta:

> [...] na interface entre a política educacional e o neoliberalismo, o dinheiro está em toda a parte. Como indiquei, a própria política é agora comprada e vendida, é mercadoria e oportunidade de lucro, há um mercado global crescente de ideias de políticas. O trabalho com políticas está também cada vez mais sendo terceirizado para organizações com fins lucrativos, que trazem suas habilidades, seus discursos e suas sensibilidades para o campo da política, por uma taxa honorária ou por um contrato com o Estado.

Nesta conjuntura, a educação atua como meio de perpetuação desse sistema, quando pode ser utilizada como meio de emancipação para a classe trabalhadora. Por educação emancipatória entendemos ser aquela em que os diversos entes que compõem diretamente a comunidade escolar priorizam um projeto pedagógico de formação intelectual que seja capaz de modificar não só a sua realidade, mas a sociedade como um todo (FREIRE, 2004).

É preciso neste contexto discutir a construção coletiva de uma educação que trabalhe no sentido de superação do capital, do individualismo, da competição e do lucro a partir do fortalecimento das lutas contra projetos dominantes de exploração. Para tanto, Mészáros (2004) trabalha com a ideia de uma sociedade para além do capital formulada por meio de processos educativos emancipatórios que formem indivíduos para a vida e não para o mercado de trabalho – perspectiva da Educação do/no Campo[5].

---

[5] Por Educação do Campo trabalhamos com o conceito discutido por Caldart (2008) como sendo aquela proposta de educação que trabalha os interesses políticos, econômicos e culturais dos diversos sujeitos que compõem o campo, nas suas diversas formas de organização. Educação do Campo compreendida como um processo permanente de valores, conhecimentos e tecnologias, objetivando o desenvolvimento social e igualitário para esta população. Neste sentido, enquanto a escola no campo está assentada numa perspectiva ruralista de dominação, a escola do campo representa uma proposta coletiva de construção pedagógica, baseada nas diferentes vivências dos seus sujeitos: os povos do campo.

As relações sociais e os processos educacionais estão totalmente interligados, nesse sentido, busca-se uma educação continuada e permanente que possibilite aos alunos e professores construam juntos um projeto de sociedade que represente o rompimento da lógica de educação para alienação da classe trabalhadora. Essa ruptura, não pode se limitar ao campo estrito da pedagogia, mas tomar os espaços públicos com ampla participação social.

Conforme Mészáros (2004, p.27) discute:

> Limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa. Do mesmo modo, contudo, procurar margens de *reforma sistêmica* na própria estrutura do sistema do capital é uma *contradição em termos*. É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente.

Promover uma educação como ferramenta de superação não pode se limitar a uma proposta pedagógica com caráter de reformas superficiais que promovam pequenas correções e mantenham as estruturas intactas, mas que seja um projeto que consiga alcançar patamares de transformações de rompimento das condições práticas do capital.

Ao tomar como referência essa perspectiva de educação e sociedade, justifico o aprofundamento dos estudos relacionados às ações governamentais em atendimento às pautas dos povos do campo. A partir das experiências que me constituem e das concepções que tomo como base teórica-metodológica, proponho nesta pesquisa a análise das contribuições da formação dos egressos e egressas dos cursos superiores realizados a partir de uma política educacional, a saber, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA.

O PRONERA é uma política pública de educação do campo desenvolvida pelo governo federal no âmbito do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, por meio de parceria entre este o INCRA, Instituições de Ensino Superior e os Movimentos Sociais que têm na sua bandeira de luta a reforma agrária.

Segundo o Manual de Operações do programa, essa política pública educacional tem como beneficiários/as, a população jovem e adulta das famílias de áreas de reforma agrárias criadas ou reconhecidos pelo INCRA e do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), público previsto no Art. 13 do Decreto n.º 7.352/2010, entre eles: assentados, acampados, remanescentes quilombolas, extrativistas, alunos de cursos de especialização e pós-graduação promovidos pelo Incra, técnicos de Assistência Técnica e Extensão Rural-ATES\ATER, estudantes egressos da graduação, em qualquer área do conhecimento, e que tenham desenvolvido estágio, pesquisa ou extensão nas áreas de reforma agrária, professores e

educadores, com vínculo efetivo ou temporário com as Secretarias Municipais e/ou Estaduais de Educação, que exerçam atividades educacionais em atendimento direto às famílias beneficiárias, nas escolas localizadas nos assentamentos ou no entorno, que atendam à comunidade assentada, e servidores públicos efetivos do INCRA e em exercício, neste último caso, somente para os cursos de pós graduação

Desta forma, a presente pesquisa se propõe a fazer uma análise no sentido de responder às seguintes questões: Como a formação superior de egressos e egressas do PRONERA/UNEB contribui para a Educação do Campo? O fato de os povos do campo terem essa política como suporte para acessar um curso de graduação traz implicações para suas atuações em prol da Educação do Campo? Como egressos/as de cursos do PRONERA/UNEB significam suas formações?

Desta maneira, a relevância desta pesquisa pode ser compreendida a partir da dimensão de uma política pública da envergadura do PRONERA, tendo como pilar o projeto de educação do campo. Ao focalizar a execução dessa política pela UNEB, instituição de ensino superior Muti campi, que se faz presente em diversos Territórios de Identidade[6] da Bahia, pressupõe-se que os dados da investigação possibilitarão destacar o papel dessa instituição pública enquanto protagonista do PRONERA no estado. Além disso, destaca-se que analisar as contribuições da formação em cursos superiores de egressos e egressas do PRONERA permite acompanhar e avaliar a própria política pública no projeto da Educação do Campo.

Nesse sentido, na análise realizada, o texto desta dissertação está organizado no primeiro capítulo com as considerações iniciais, onde contextualizo a aproximação do objeto de pesquisa com minha vida acadêmica e profissional.

No segundo capítulo é feita uma discussão do PRONERA no cenário da política pública de Educação do Campo, demonstramos que a trajetória de um programa desse alcance e magnitude foi marcada por avanços, retrocessos e disputas ideológicas, mas sobretudo pensado

---

6Segundo dados obtidos no site da Secretaria de Planejamento, o governo do estado da Bahia reconhece oficialmente, desde 2010, os Territórios de Identidade como divisão territorial para o planejamento e execução das políticas públicas do estado, objetivando o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões. Esse tipo de divisão foi utilizado em 2003, com a nomenclatura de territórios rurais pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário. A composição foi realizada a partir da discussão entre representações sociais e gestores públicos, que concluíram com a relação de 27 territórios, a saber: Irecê, Velho Chico, Chapada Diamantina, Sisal, Litoral Sul, Baixo Sul, Extremo Sul, Médio Sudoeste da Bahia, Vale do Jiquiriçá, Sertão do São Francisco, Bacia do Rio Grande, Bacia do Paramirim, Sertão Produtivo, Piemonte do Paraguaçu, Bacia do Jacuípe, Piemonte da Diamantina, Semiárido, Nordeste II, Litoral Norte e Agreste Baiano, Portal do Sertão, Sudoeste Baiano, Recôncavo, Médio Rio de Contas, Bacia do Rio Corrente, Itaparica, Piemonte Norte do Itapicuru, Metropolitano de Salvador, Costa do Descobrimento.

e solidificado a partir das lutas dos movimentos sociais por um projeto de educação voltada às especificidades dos povos do campo.

No terceiro capítulo é apresentado o percurso teórico metodológico da pesquisa, momento em que é delimitado o método e abordagem, os instrumentos e procedimentos adotados na coleta e análise dos dados obtidos, bem como os critérios de inclusão e exclusão para participação nas entrevistas, nesse aspecto apontamos e os cuidados éticos levados em consideração nos trabalhos de pesquisas com seres humanos, conforme determina a legislação sobre o tema.

O quarto capítulo, intitulado "As pesquisas acerca do PRONERA: Uma revisão bibliográfica das produções acadêmicas" é uma pesquisa de Estado da Arte ou do Conhecimento, nele é feito o levantamento das produções bibliográficas já realizadas sobre o tema, a partir das pesquisas nas plataformas de teses e dissertações encontradas, essas foram realizadas como uso de filtros e descritores para posterior leituras dos resumos e introduções para selecionar as pesquisas que de fato dialogam com o objeto de pesquisa deste trabalho.

No quinto capítulo é feita a contextualização da trajetória do PRONERA na Universidade do Estado da Bahia, instituição que se destaca na oferta de cursos pelo programa, em todas as suas modalidades. O capítulo destaca a aproximação e diálogo desta instituição de ensino com organizações da sociedade civil e como essa parceria foi um importante para o engajamento na formulação de um projeto de Educação do Campo.

No sexto e último capítulo é feita a análise das entrevistas com os\os egressos\as dos cursos superiores do PRONERA\UNEB, neste momento é discutida as dificuldades de acesso, permanência e tensões encontradas no meio universitário. O ponto central de discussão deste capítulo é como esses sujeitos, oriundos das comunidades camponesas utilizam do conhecimento adquirido nos cursos superiores ofertados pelo PRONERA\UNEB para contribuir com o projeto de Educação do Campo.

2. O PRONERA COMO POLÍTICA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

Este capítulo tem como objetivo situar o PRONERA historicamente enquanto uma política pública educacional destinada aos povos do campo, em um cenário de disputas ideológicas, marcado por avanços, retrocessos, mas, sobretudo, pelo comprometimento dos sujeitos coletivos envolvidos.

O programa em pauta foi criado em 1998 a partir da reivindicação dos movimentos sociais, com o objetivo de reduzir o analfabetismo, promover elevação do nível de escolarização formal, por meio da garantia de acesso ao ensino fundamental, médio, técnico-profissional, superior e pós-graduação, entre jovens e adultos das áreas de reforma agrária do Brasil. Por que razão, é interpretado nesta pesquisa como uma política pública em disputa.

2.1 O PRONERA NO CENÁRIO DE DISPUTA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

A cada nova geração que surge nas sociedades contemporâneas, crescem com ela os requisitos educacionais para o acesso ao trabalho qualificado, assim como se define de simbólica uma relação entre escolarização e condição econômico-social do indivíduo. Desta forma, é cada vez mais perceptível a importância da educação como requisito de inclusão e desenvolvimento. Todavia, historicamente a relação do Brasil com as políticas públicas tem sido caracterizada por ações inconsistentes e sem nenhuma garantia de continuidade, fator que contribui para a análise da dicotomia existente em ser o país com uma das maiores taxas de concentrações de renda do mundo e, ao mesmo tempo, representar acentuados índices de desigualdades sociais[7]·.

Trabalhamos aqui com a definição de políticas públicas trazida por Frigotto (2009, p.69), como sendo: “políticas não universais e que atingem grupos específicos, vítimas das relações sociais de produção”. Nesse cenário, entendemos a importância de políticas públicas como uma

[7] Segundo dados de uma pesquisa publicada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNDU, 2019, no Brasil, 11% da população mais rica detinha 28,3% da renda do país, quase um terço do total. Ao ser comparado com outros países, o Brasil só perdia em concentração de renda para o Catar. No ano de 2022, já no cenário da pandemia do Covid-19, dados publicados pelo relatório *The World Inequality Report 2022*, apontam para o contínuo crescimento das desigualdades sociais em todo o mundo, sendo que no Brasil metade da riqueza nacional está nas mãos de 1% dos brasileiros, enquanto a metade mais pobre da população possui menos de 1% desta.

mediação política de regulação estatal das relações sociais existentes em uma sociedade marcada por interesses antagônicos, traço marcante de uma sociedade capitalista.

Ao analisarmos a história da educação destinada aos povos do campo no Brasil, percebemos que esta sempre esteve pautada pelos interesses políticos e econômicos das classes dominantes. O ideário do agronegócio, inserido no projeto capitalista, influência e dita cada vez mais a relação entre trabalho e educação, a partir da sua tendência em controlar a produção de insumos, armazenamento e vendas. Vale ressaltar que este processo é marcado por dinâmicas degradantes nas relações de trabalho e pela verticalização e concentração de riquezas do país nas mãos de grandes grupos internacionais. Nesse sentido, a educação destinada aos povos do campo tem sido reflexo da reprodução de uma formação de mão de obra para servir ao capital, distanciando o projeto educacional de uma visão crítica para transformação da realidade desta população.

Segundo Souza (2007), no decorrer da década de 1990, foi observado um pacote de ações que remodelaram, de forma direta, o sistema público de ensino nos países latino-americanos. Esses foram caracterizados por intervenções governamentais e de reformas educacionais, com foco nos padrões de qualidade e eficácia. Essas mudanças, no caso do Brasil, puderam ser notadas a partir da promulgação de Leis, Decretos e Resoluções, a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dessa forma, as diversas políticas educacionais implementadas no país, aparecem nos discursos e nos documentos oficiais, com o propósito de preparar os sujeitos para responder às demandas do mercado de trabalho e continuar reproduzindo as relações sociais existentes.

Na década de 1990, a educação estava concentrada em grandes centros urbanos, especialmente, a Educação Superior. Assim como a concentração de terras e demais bens, a educação passa a ser uma política em disputa.

> As políticas de educação brasileira, de modo geral, estiveram ou estão notadamente subordinadas ao ideário do mercado e do capital que se configura por um modelo de desenvolvimento concentrador de renda e consequentemente excludente. Nesta perspectiva, a ação educativa se vincula a processos meramente "de adestramento, acomodação, mesmo que se utilizem noções como as de educação polivalente e abstrata" (FRIGOTTO, 2001, p. 80).

Libâneo (1994) discute que a educação representa toda modalidade de alcance, interrelações e influências que interferem na formação de sujeitos sociais, formulando assim uma percepção de mundo, ideias, valores e crenças que, por consequência, se manifestam em convicções ideológicas e políticas. Dessa forma:

> A educação é instituição social que se ordena no sistema educacional de um país, num determinado momento histórico; é um produto, significando os resultados obtidos da ação educativa conforme propósitos sociais e políticos pretendidos; é processo por consistir transformações sucessivas, tanto no sentido histórico quanto no desenvolvimento da personalidade. (LIBÂNEO, 1994, p. 22).

Dialogando com Libâneo (1994), o PRONERA se apresenta enquanto essa alternativa ao sistema educacional que se propõe construir novas relações sociais e políticas, nesse aspecto o PRONERA nasce como fruto da luta dos povos do campo, com a presença cada vez mais crescente desses sujeitos na cena política e cultural do país, reivindicando seus direitos e conquistando espaço nas mais diversas áreas. Para tanto, não podemos deixar de destacar o papel dos movimentos sociais nesse processo, atuando com as organizações representativas dos povos do campo na busca de pautar também a educação, a formação técnica, cultural e política para o reconhecimento dos projetos educacionais, que estavam postos em uma sociedade marcada pelo embate de classes.

Aqui trabalhamos o conceito de classes aliado ao de modo de produção que tem como base a teoria marxista. Esta teoria entende esse processo como sendo a relação de grupos de pessoas com a propriedade dos meios de produção e as consequentes relações de exploração econômica amparada por essas relações sociais e políticas de subordinação e domínio que são geradas entre esses polos. Marx e Engels (1998, p.40) discutem essa sociedade historicamente marcada por classes antagônicas e suas contradições, até chegar no momento da cisão que conhecemos até hoje, a burguesia e o proletariado[8].

> A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e artesão, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta; uma luta que terminou sempre ou por uma reconstrução revolucionária da sociedade inteira, ou pela ruína comum das duas classes em luta. Nas primeiras épocas históricas verificamos, quase por toda a parte, um arranjo complicado da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de condições sociais. (MARX e ENGELS, 1998, p.40).

Nesta perspectiva, a classe exploradora se constitui enquanto uma camada numericamente pequena de indivíduos que extraem excedentes das propriedades ao explorarem um grupo superior em número de pessoas. Essas, por sua vez, detêm pouco ou nenhum controle sobre os

[8] Entendemos burguesia como sendo a classe de capitalistas detentores dos meios de produção e exploradores do trabalho assalariado do proletariado que por não possuir a propriedade dos meios de produção são obrigados a vender sua força de trabalho como forma de sobrevivência.

meios de produção. É nesse contexto de exploração que a luta de classes se apresenta como uma alternativa para os explorados de superação política do sistema vigente.

No campo brasileiro, esse embate de classes se apresenta de forma bastante demarcada e identitária. O patronato rural brasileiro não mede esforços para garantir a perpetuação dos seus interesses em detrimento de direitos historicamente negados aos sujeitos do campo. A visão da propriedade de terra como direito absoluto, a representação de empresários do agronegócio no Congresso Nacional e demais setores estatais, o Estado como protetor dos interesses dos grandes conglomerados e a violência como prática constante de controle, são algumas das técnicas adotadas no processo de exploração e dominação do campesinato no Brasil.

Portanto, a conjuntura do país e as políticas públicas retratam neste contexto as contradições de uma sociedade de classes, entretanto, mais que uma simples regulamentação de um serviço público, representam uma resposta às demandas específicas pautadas por determinados grupos.

Fica evidente assim que o projeto educacional que está posto no Brasil é aquele que serve aos grandes conglomerados, onde o indivíduo é formado para desenvolver ao máximo as potencialidades econômicas do sistema vigente. Não basta desta forma tentar combater as causas de maneira superficial, sem compreendê-las. É exatamente neste contexto de disputas que o PRONERA se situa enquanto de projeto de sociedade, questionando a ausência do poder público não só na oferta dos níveis mais avançados de escolaridade para os povos do campo, mas na luta por uma Educação do Campo e pela reforma agrária.

2.2 O PRONERA E O PROJETO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

A história da educação brasileira demonstra que esta sempre esteve pautada em uma perspectiva de desigualdade. Essa realidade, consequentemente, reflete o modelo de uma sociedade construída com bases ideológicas do sistema capitalista. Quando essa realidade é observada pela ótica do povo do campo, nota-se, em um primeiro momento, o desinteresse por parte do Estado de escolarizar essa população específica, com a justificativa da não necessidade em função da realização de um trabalho essencialmente manual.

Sobre esse histórico descaso estatal em promover uma política educacional para os povos do campo, Sérgio Celani Leite afirma que:

> A educação rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político

> ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão – gente da roça não carece de estudos, isto é coisa para gente da cidade. (1999, p.14).

Desde 1500, período conhecido historiograficamente como colonização exploratória dos povos e riquezas do nosso país, que o meio rural brasileiro vem se transformando de forma acelerada, contudo, essas transformações estão longe de representar condições favoráveis para o campesinato[9]. O debate sobre Educação do Campo surge, então, da percepção de todo esse processo de exclusão de acesso aos bens materiais e imateriais/simbólicos. Assim, falar em um projeto formativo vai além apenas da esfera estritamente escolar, é discorrer sobre uma postura reativa/propositiva de homens e mulheres do campo que se opõem a uma trajetória marcada pela ausência de garantias estatais.

Arroyo, Caldart e Molina (2004, p.11) debatem essa omissão estatal em relação à Educação do Campo. Apontam que:

> A Educação do Campo nasce de um outro olhar sobre o campo. Interroga-nos porque nem sequer os governos democráticos, nem sequer o movimento educacional progressista conseguiu colocar em seus horizontes o direito dos camponeses à educação. O olhar negativo, preconceituoso, do campo e seu lugar no modelo de desenvolvimento seriam responsáveis? A agricultura camponesa vista como sinal de atraso, inferioridade, como um modo de produção, de vida e de cultura em extinção? Como quebrar o fetiche que coloca o homem do campo como algo à parte? [...] Por muito tempo a visão que prevaleceu na sociedade, continuamente majoritária em muitos setores, é a que considera o campo como lugar atrasado, do inferior, do arcaico.

Com a modernização do campo, surge a pauta da educação rural como modelo pensado para o fortalecimento dos grandes latifúndios. Essa educação é marcada por uma metodologia tradicional pensada desde os colonizadores europeus, com o objetivo de "fixar o homem no campo" em um cenário econômico onde a crise cafeeira gerou um processo de migração do povo do campo para as cidades (SANTOS, 2012).

Segundo Santos (2012), foi o setor de Educação do MST, em conjunto com outros movimentos sociais, que deu início ao debate, em nível nacional, sobre a Educação do Campo, pensada como uma educação voltada para os povos do campo, que leve em consideração sua cultura, costumes e valores.

---

[9] Campesinato é um termo que se refere aos agricultores familiares que trabalham com a produção de alimentos e outros produtos agrícolas, utilizando técnicas tradicionais e geralmente vivendo em áreas rurais. No Brasil, o campesinato é composto por pequenos agricultores que fornecem grande parte dos alimentos consumidos no país. Esses camponeses geralmente possuem terras de tamanho reduzido e são responsáveis por manter a agricultura familiar, gerando empregos e mantendo a economia e a cultura local. (Padilha 2008)

Para Caldart (2002), a Educação do Campo reflete uma prática pedagógica construída a partir das inúmeras ações desenvolvidas por sujeitos que vivem no campo. O campo nesse caso é considerado como produtor de pedagogias. Assim, a Educação do Campo constitui como um projeto amplo de educação que a vincula a outras lutas sociais, conscientizando a população camponesa da sua inserção no contexto econômico social do qual esta faz parte, bem como seu papel na transformação desta realidade, posto que é inviável educar o indivíduo sem alterar as condições estruturais que o desumanizam.

> O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só o lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e quilombolas. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso o campo é lugar de vida e sobretudo de educação. (ARROYO, 2011, p.137).

O projeto de Educação do Campo, segundo Molina (2006), se manifesta como um instrumento de luta dos contrários, em contraposição aos projetos hegemônicos da sociedade capitalista. Na Educação do Campo, os sujeitos do campo se apresentam como protagonistas da luta por mudanças sociais a partir de um projeto educacional pensado por e para eles/as.

Ao dialogar com as produções de Santos (2012), Caldart (2002) e Molina (2006), vale registrar que os movimentos sociais, ao reivindicarem uma Educação do Campo, engajam-se em uma luta muito mais ampla, que vem a ser a busca pela representatividade, pelo lugar de fala do camponês na idealização, planejamento e execução de suas políticas. Assim, vai de encontro aos históricos programas impostos de maneira verticalizada, hegemônicos, construídos em gabinetes, por indivíduos que desconhecem a realidade campesina. Exemplo de uma política contra-hegemônica o PRONERA se constrói no movimento da realidade vivida pelos povos do campo organizados em Movimentos.

Segundo informações levantadas no site do INCRA, o PRONERA nasce em julho de 1997, em razão da realização do I Encontro Nacional das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – ENERA, fruto de uma parceria entre o Grupo de Trabalho de Apoio à Reforma Agrária da Universidade de Brasília - GT-RA/UnB, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em outubro do mesmo ano, a Universidade Estadual Paulista - UNESP, Universidade de Brasília - UnB, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Universidade Federal de Sergipe - UFS e a Universidade do Sul de

Santa Catarina - UNISUL reuniram-se com o objetivo de discutir a participação das Instituições de Ensino Superior no processo educativo nas áreas de Reforma Agrária. Identificou-se, naquele momento, a alfabetização de jovens e adultos como modalidade prioritária, haja vista o alto índice de analfabetismo entre o público-alvo.

No ano seguinte, em 1998, o então Ministro Extraordinário de Política Fundiária, Raul Jungmann, mobilizado e cobrado pelos Movimentos Sociais, assina a Portaria nº 10 de 16 de abril de 1998, que criou o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, com o objetivo de fortalecer a educação nas áreas de Reforma Agrária, utilizando metodologias específicas que contribuíssem para o desenvolvimento sustentável do campo.

Figura 1 – Linha do tempo PRONERA

Fonte: Elaborado pela autora a partir das legislações vigentes.

A figura 1 que detalha a linha do tempo do PRONERA demonstra que, no período de 25 anos de sua existência, o programa esteve em disputa enquanto política púbica de Estado, sobretudo, do ponto de vista de cortes orçamentários, o que compromete diretamente a continuidade desta política.

A Portaria nº 10, de 16 de abril de 1998, aprovou o primeiro Manual de Operações do PRONERA, documento responsável por compilar as orientações pedagógicas, fundamentação legal, princípios e objetivos do programa, delimitar os beneficiários, bem como definir as normas de elaboração, apresentação e operacionalização dos projetos. Segundo o Manual de Operações:

> O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) é uma política pública de Educação do Campo, desenvolvida nas áreas de reforma agrária e executada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra. Seu objetivo é fortalecer o meio rural enquanto território de vida em todas as suas dimensões: econômicas, sociais, políticas, culturais e éticas. (BRASIL, 2004, p.9).

O PRONERA reafirma-se como fruto da luta dos movimentos sociais e sindicais do campo. Na elaboração dessa política pública, a educação é conceituada como "instrumento público para viabilizar a implementação de novos padrões de relações sociais no trabalho, na organização do território e nas relações com a natureza nas áreas de reforma agrária" (BRASIL, 2004, p.7).

São objetivos do Programa, segundo seu Manual de Operações:

> I. Oferecer educação formal aos jovens e adultos beneficiários do II Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), nos níveis de ensino básico, superior e pós-graduação, Residência Agrária, e áreas do conhecimento ofertados em regime de alternância e nas modalidades de jovens e adultos e Educação do Campo;
>
> II. Assegurar as condições de acesso à educação pública aos integrantes do II PNRA; e
> III. Proporcionar melhorias no desenvolvimento dos assentamentos rurais por meio da formação educacional e qualificação do público do PNRA e dos profissionais que desenvolvem atividades educacionais e técnicas nos assentamentos". (BRASIL, 2016, p.132).

Para seu pleno desenvolvimento, o PRONERA se baseia na relação entre educação e desenvolvimento territorial sustentável. Destaca essa junção como condição essencial para construir uma educação pautada na busca pela qualidade do modo de vida do camponês. Nessa

perspectiva, entre suas premissas, estão: Democratização do acesso à educação, inclusão, participação, interação, multiplicação e parceria.

Ao ter em uma de suas premissas o trabalho baseado na parceria entre poder público e sociedade civil, esta se encontra subdividida em importantes categorias para a garantia do bom desenvolvimento do trabalho coletivo, a saber: Princípio do Diálogo, Princípio da Práxis, Princípio da Transdisciplinaridade e Princípio da Equidade.

Ao longo da sua trajetória, o PRONERA se solidificou enquanto uma política pública fortalecida pelo protagonismo da população do campo. Até o momento da sua criação, não havia memória, na história do Brasil, de camponeses/as protagonizando uma política pública de Educação do Campo centrada na articulação de diversos sujeitos, tanto representantes do Estado, quanto da sociedade civil organizada.

O Programa surge assim como uma alternativa que atende às demandas de alfabetização e escolarização de jovens e adultos, formando educadores, além de capacitar coordenadores/as locais para atuarem como sujeitos multiplicadores do processo formativo. Mobilizou, desta maneira, toda uma comunidade para uma série de ações educativas nas áreas da reforma agrária, a partir de metodologias de ensino específicas voltadas às especificidades socioculturais, visando contribuir com condições de vida digna para a população que vive no campo, através da valorização de sua diversidade cultural.

A articulação, baseada no tripé Movimentos sociais, Instituições de ensino e INCRA, fez com que o PRONERA fosse pensado como um elemento que o torna diferente das outras políticas públicas. Este aspecto fortalece o protagonismo dos povos oriundos das áreas de reforma agrária na constituição desta política.

Nesse contexto, é possível notar a explicitação do embate político ideológico de classes, evidenciado nas articulações governamentais iniciadas em 2016 com o golpe político midiático e a assunção de Michel Temer à Presidência da República, quando é publicado o Acórdão nº 775\16, que compromete todo o processo de Reforma Agrária, com a argumentação de supostos indícios de irregularidades na seleção de beneficiários do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA).O cenário fica ainda mais nebuloso, em 2018, com a eleição do então presidente Jair Bolsonaro que, com o objetivo de enfraquecer os programas e movimentos de luta pela terra, assina o Decreto nº 20.252, de 20 de fevereiro de 2020 reorganizando a estrutura do INCRA, que comprometeu a continuidade do programa num processo claro de criminalização dos movimentos sociais e esvaziamento dos espaços consultivos e deliberativos.

Conforme Molina (2018, p. 37) afirma:

> O PRONERA nasce do sangue dos Trabalhadores e das Trabalhadoras rurais, do massacre de Eldorado dos Carajás, da sequência de lutas e do acúmulo de forças que foi se constituindo a partir daquela correlação de forças, como as três marchas chegando à Brasília. Tudo isso vai forjando as características de uma política pública que também nunca havia sido vista antes em nosso país, com uma característica fundamental que esta articulação entre três sujeitos de territórios diferenciados, mas que materializam uma nova política pública, o PRONERA, uma nova ação do Estado que articula na sua essência, os movimentos sociais, os movimentos sindicais, o corpo dos servidores do INCRA e as Universidades.

De acordo com dados do site do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST, 2020), o PRONERA foi responsável, no período de 1998 a 2020, pela escolarização de 167 mil alunos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, 5.300 alunos em cursos superiores e outros 9 mil no ensino médio tradicional de camponeses e camponesas nos 27 estados da Federação brasileira. Esses dados evidenciam que há uma disputa das políticas públicas educacionais até então não vivenciada pelos povos do campo no Brasil. O povo do campo entrou em cena e passou a disputar também o orçamento da união.

No decorrer do ano de 2004, como resultado da potência das suas atividades, o PRONERA passou a compor o Plano Plurianual[10] (PPA) do Governo Federal. Assim, a partir de 2005, o programa começou a ser previsto no orçamento da União, com destinação de recursos específicos para seu desenvolvimento.

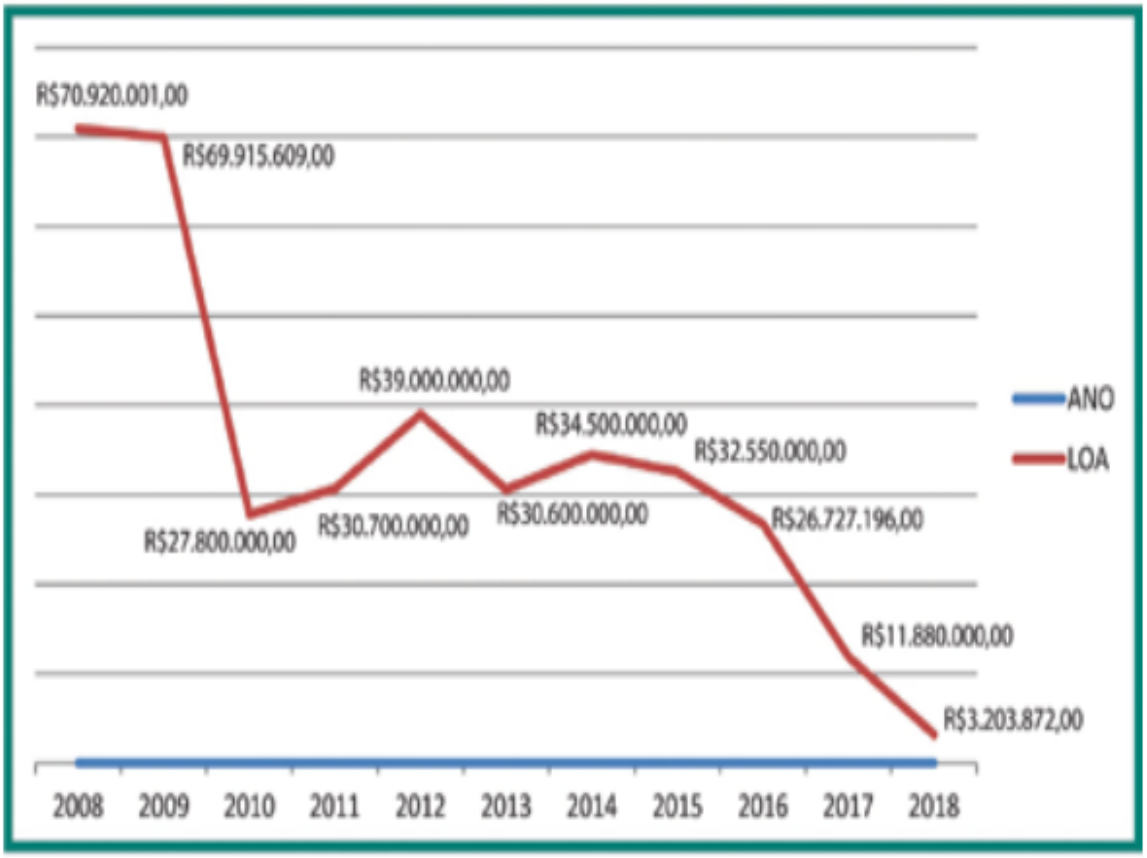
Segundo Melo (2018), em 2008, o PRONERA já sofre uma primeira investida, quando o Tribunal de Contas da União – TCU, por meio do Acórdão 2.653\08, proíbe de firmar novos convênios. Após muita articulação e um abaixo assinado entregue ao TCU com mais de 100 assinaturas de docentes de universidades federais e estaduais, servidores públicos e diversas representações de movimentos sociais e sindicais, um novo Acórdão do TCU Nº 3.269\2010 autoriza o programa realizar novos convênios, com a condicionante de elaboração e aprovação de um novo Manual de Operações. Entre os anos de 2008 e 2010, período marcado pela impossibilidade de celebrar novas parcerias, representou para o PRONERA uma série de prejuízos, entre eles, financeiros.

Para melhor detalhar, foi exatamente no ano de 2008 que, antes do Acórdão que impediu novos convênios, foi aprovado o maior orçamento até então já destinado ao programa, um montante de R$ 70.920,000,00. Dois anos depois, o recurso previsto para ser aplicado no

[10]O Plano Plurianual é o instrumento governamental que define diretrizes, objetivos e metas da administração pública, assegurando a inclusão de ações específicas de cada área no Orçamento Geral da União (OGU), no intervalo de 04 anos.

PRONERA sofre um grande corte e, no ano de 2010, o valor destinado foi de R$ 27.800.000,00. Como podem ser observados pela figura 2 a seguir, os cortes orçamentários passaram a ser constantes desde 2010.

Figura 2 – Orçamento do PRONERA de 2008 a 2018



Fonte: Elaborada por MELO, Conceição Coutinho e WAQUIL, Paulo Dabdab, 2018.

Em 2016 quando, por meio de um golpe parlamentar midiático, Michel Temer assume o poder, já é possível perceber o início de um processo de desestruturação e desmobilização de importantes espaços do governo responsáveis por políticas sociais. Nesse mesmo ano, o INCRA passa a deixar de reunir a Comissão Pedagógica Nacional, importante órgão deliberativo do Programa.

Com a eleição do presidente Jair Bolsonaro, o cenário agrava e é aprovado o Decreto de nº 9759 de 11 de abril de 2019. Este decreto extingue todos os conselhos, comissões e outros mecanismos de participação social no governo. Nessa reorganização administrativa, é extinta a coordenação responsável pela Educação do Campo do INCRA. Dessa forma, compromete-se a organização e financiamento do Programa. O projeto societário em vigência, a partir de 2019,

é ainda mais excludente e focado nas relações mercantis e na lógica da gestão empresarial nas instituições públicas. Delineia-se um Estado a serviço dos interesses do capital e uma sociedade marcada pela ampliação da desigualdade social (SANTOS e NUNES, 2020, p.13)**.**

Os movimentos sociais, ao denunciarem a possibilidade de extinção de uma política da envergadura do PRONERA, por meio de documentos e atos políticos, trazem ao cenário o debate sobre o que há de mais perverso nesse processo: o direito à educação que vem sendo negado à população trabalhadora do campo. Nessa lógica, o que vem sendo demandado é um projeto de educação pautada na história de luta da resistência camponesa, indígena, negra no país, que tenham seus valores políticos, sociais e culturais considerados, realidade contrária ao projeto capitalista e à lógica patronal.

Em 2023, com a posse do governo Lula, completados 100 dias do novo mandato, já é possível perceber algumas ações na perspectiva inversa ao governo anterior. Como primeiro ato, o então Presidente eleito Lula sinalizou, com a criação de novos ministérios[11], o que denota um cenário maior de participação popular no seu governo.

Outra importante ação deste novo governo foi a promulgação do decreto que remove os impedimentos estabelecidos na gestão anterior para a participação social na definição de políticas públicas, isto representa o retorno da sociedade civil do debate, formulações e execuções de políticas sociais, inviabilizadas pelo gestor anterior.

Extinta nos últimos 4 anos do então presidente Bolsonaro (2019-2022), a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade (SECAD) retorna à estrutura do Ministério da Educação (MEC) em 2023 com a nova nomenclatura de Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), com o objetivo de cooperar com o Governo Federal em seu projeto de união e reconstrução do Brasil na esfera educacional. Já nos dois primeiros meses de trabalho, a Secretaria demonstra estar empenhada em cumprir uma rotina de diálogos com diversos grupos visando à construção de uma agenda de programas e políticas públicas educacionais.

[11] A criação do Ministério da Igualdade Racial, Ministério dos Direitos Humanos e o Ministério dos Povos Indígenas, são alguns desses exemplos.

3. CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este capítulo tem como objetivo apresentar os caminhos que foram percorridos para atender aos objetivos da pesquisa. Neste sentido, descreve o método, os instrumentos e procedimentos para a produção dos dados, os critérios de inclusão e exclusão dos/as participantes, cuidados éticos e como se deu a análise dos dados obtidos.

3.1. O MÉTODO E ABORDAGEM DA PESQUISA

Não é possível pensar em fazer ciência sem método, já que o processo de pesquisa requer uma ação planejada a partir de referenciais teóricos e uma série de procedimentos que, uma vez seguidos, chegarão a um resultado científico. Conforme Freitas (2007, p. 45) destaca "Todos sabemos que o método é essencial em uma pesquisa – depois de identificado o problema. Problema e método têm uma relação direta".

Assim, considerando a questão de pesquisa que move esta investigação, o método de análise utilizado é o Materialismo Histórico Dialético. Tal escolha se explica porque, para analisar as contribuições da formação de egressos e egressas do PRONERA/UNEB para a Educação do Campo, exigem-se compreender os embates, conflitos e tensões existentes entre as políticas públicas e a Educação do Campo, com foco no PRONERA. Esta política pública está inserida em uma conjuntura de disputas de espaços de poder no Estado brasileiro. Compreender as particularidades da formação em cursos superiores do PRONERA/UNEB não é uma análise que pode ser feita fora da dinâmica mais ampla onde a educação está. Conforme Santos e Nunes (2020, p.95), esclarecem:

> Por ter em sua gênese uma natureza contrária ao que prega o capitalismo e por estar situada em campo de interesse do mesmo através do agronegócio, a Educação do Campo é marcada por conflitos e lutas entre os movimentos sociais, educadores do campo e o Estado através da educação capitalista de cunho neoliberal.

O Materialismo Histórico-Dialético, a partir das ideias defendidas por Karl Marx e Friedrich Engels, é um instrumento teórico metodológico que faz uma leitura apurada do modo de produção capitalista a partir dos fatos históricos que transformaram de alguma maneira as relações humanas e a sociedade em si. Neste contexto, esmiuçando o significado do Materialismo Histórico Dialético, temos o termo "materialismo" que representa a conjuntura

material da existência humana, visto que o indivíduo é um ser social inserido em um cenário político, cultural e econômico. Já o termo "histórico" faz referência à existência do ser humano envolto ao longo do tempo na historicidade que, por sua vez, produz o movimento da contradição, a dialética (KOSIK, 1976).

A escolha do método de pesquisa se deu, então, por entender que este é o modelo que nos permite uma melhor compreensão de mundo na sua totalidade. Partindo do princípio que os modelos de pesquisa podem contribuir ou não para a elucidação de uma sociedade dividida em classes, levamos em consideração que as pesquisas científicas são historicamente produzidas majoritariamente a partir da lógica do pensamento burguês. Nessa perspectiva, Frigotto (1987, p. 83) defende que o/a pesquisador/a precisa "indagar sobre o sentido histórico, social, político e técnico de nossas pesquisas. A serviço de que e de quem despendemos nosso tempo, nossas forças, e grande parte de nossa vida?".

Na mesma linha, Lukács (2010) defende que o Materialismo Histórico Dialético contribui para uma melhor compreensão do objeto a ser investigado, visto que tem como ponto de partida a categoria da totalidade sobre o entendimento da realidade. Com isso, não queremos afirmar que este método concede respostas para todas as questões, mas sim, que ele problematiza de forma mais ampla a pesquisa que se pretende realizar, sobretudo, após a década de 1990, período que temos um número crescente de políticas neoliberais que se fortaleceram no Brasil e, amo mesmo tempo, a emergência de programas como o PRONERA, fator que explica a necessidade de compreender o complexo a partir da lógica materialista.

Para Marx (1988), a história sempre foi movida pela luta de classes, onde o proletariado é a classe explorada e carente de direitos e meios de produção, o que o coloca na condição de potencial protagonista de uma revolução que paute o fim do sistema exploratório o qual é submetido na engrenagem da sociedade capitalista. Assim, a sociedade de classes está baseada em dois pilares que a sustenta, a propriedade privada e a exploração do operariado. Nessa lógica, um dos processos de mudança perpassa inclusive pela produção de ciência que, por muito tempo, foi utilizada para favorecer a burguesia.

Desta maneira, realizar uma pesquisa tendo como método o Materialismo Histórico Dialético de Marx e Engels requer uma compreensão que é preciso partir do abstrato para o concreto, compreendendo que esta teoria está fundamentada no modo de produção capitalista. É neste sentido que o presente trabalho analisa, à luz da teoria marxista, as contradições

presentes no campo das políticas educacionais que levaram à criação do PRONERA e como esta política está em disputa no Estado brasileiro, no seu projeto de campo e de educação. De modo mais particular, esta pesquisa focaliza as contribuições da formação dos/as egressos e egressas do PRONERA/ UNEB para a Educação do Campo, compreendendo esta como um projeto político do campesinato.

3.2. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A PRODUÇÃO DOS DADOS

Esta pesquisa tem como objetivos específicos: contextualizar o PRONERA como uma política pública em disputa no projeto de Educação do Campo; identificar egressos (as) do PRONERA- UNEB e suas formações; conhecer as contribuições dos cursos superiores do PRONERA/UNEB para a Educação do Campo.

Para alcançar tais objetivos, a pesquisa teve início a partir da leitura e análise das normativas que regem essa política pública em um cenário marcado pela categoria da contradição na disputa do Estado brasileiro.

Também foi realizado o levantamento denominado "Estado do conhecimento" ou "Estado da Arte", já que esta modalidade de pesquisa permite o rastreamento do que já foi construído e orienta na pesquisa bibliográfica, de modo a conhecer o campo em que se insere o tema, apontando, no caso desta pesquisa, como ele se situa na área da educação.

> As pesquisas conhecidas pela denominação "estado da arte" ou "estado do conhecimento" são definidas como de caráter bibliográfico, parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (FERREIRA, 2002, p.257).

Nesse sentido, fez-se o uso dos seguintes bancos de dados: Banco de dissertações e Teses do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGEd – UESB); Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT) e do Repositório Institucional da Universidade Federal de São Carlos (RI UFSCar).

Por fim, para conhecer as contribuições da formação nos cursos superiores do PRONERA/UNEB para a Educação do Campo, a opção principal desta pesquisa foi a escuta dos/as egressos e egressas dos cursos de graduação na UNEB em Pedagogia da Terra, Letras, Engenharia agronômica e Direito, através das entrevistas semiestruturadas que emergiram como a metodologia mais adequada.

As entrevistas semiestruturadas foram baseadas em um roteiro previamente elaborado pela pesquisadora, no entanto, por ser um instrumento maleável, apresentou grande flexibilidade e maior amplitude na coleta de dados, o que favoreceu o contato mais íntimo entre entrevistadora e entrevistado/a. Além disso, fornece informações tanto qualitativas, quanto quantitativas, conforme debatido por Nunes (2020, p. 415):

> As conversas interativo-provocativas se dão a partir de uma pauta de assuntos ou temas a serem abordados pelo pesquisador, no intuito primeiro de provocar uma relação interativa entre o pesquisador e o pesquisado, em que esse último possa expressar as informações que dispõe acerca do objeto de estudo, provocado pela natureza interativa do instrumento de coleta e produção de informações. No processo de produção da informação, as interações a que se referem às conversas interativo-provocativas ocorrem na medida em que há a necessidade de produzir interpretações para as expressões dos sujeitos da pesquisa. Do mesmo modo, a própria natureza provocativa das conversas gera e/ou alimenta a interação entre pesquisador e sujeito pesquisado.

Em entrevistas fechadas, com questões objetivas, torna-se mais difícil contextualizar de forma mais ampla as informações obtidas. Já nesta modalidade é possível o aprofundamento do diálogo que se torna mais natural e dinâmico, o que permite que novos questionamentos sejam incluídos no decorrer das entrevistas com os sujeitos da pesquisa. Com isso, é possível confirmar e aprofundar questões ou ainda redirecionar o assunto, podendo alcançar pontos até então não previstos.

No questionário elaborado e enviado para o Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire da UNEB (Apêndice 1) desta pesquisa, buscou-se compreender o programa a partir da visão institucional, para tanto, discutem-se informações referentes aos convênios do PRONERA executados pela UNEB, a saber: Quantidade de cursos e projetos, ano de início e conclusão, movimentos sociais e\ou sindicais demandantes, público inicial e concluinte, departamentos envolvidos.

No caso do roteiro de entrevistas desta pesquisa (Apêndice 2) , as questões iniciais se referem, entre outros quesitos, à idade, autodeclaração de cor/raça, curso realizado, profissão,

ano de início e conclusão da graduação, profissão e nível de escolarização da família, com o objetivo de descrever o perfil do/a entrevistado/a. Em seguida, por meio de questões mais abertas, buscou-se dialogar no sentido de compreender os caminhos que levaram esses indivíduos a ingressarem em graduações pelo PRONERA\UNEB, questionando como foi a sua educação básica e em que escola (do campo ou da cidade), se existia relação anterior com movimentos sociais e\ou sindicais, e como se deu o contato com a instituição de ensino e o programa.

Sobre o desenvolvimento do curso em si, buscou-se compreender se as expectativas foram alcançadas, como se deu o processo de escolha da área de conhecimento, bem como o nível de participação e\ou influência da família nesse sentido. Por fim, dialogamos sobre a contribuição dos egressos\as das graduações pelo PRONERA\UNEB para o projeto de Educação do Campo, atual ocupação profissional e trajetória acadêmica, vinculando todo esse contexto ao nível e alcance da contribuição da formação dessas pessoas para a Educação do Campo.

3.3. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO PARA A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Como já sinalizado, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em parceria com os movimentos socais e o INCRA, desenvolveu diversos cursos de graduação pelo PRONERA, tais como: Pedagogia da Terra, Letras, Engenharia agronômica e Direito. Nesse sentido, foram critérios para participação na pesquisa, na etapa da realização das entrevistas:

a) Ter sido egresso e/ou egressa dos cursos de graduação ofertados pelo PRONERA na Universidade do Estado da Bahia;
b) Ter, ao menos, 02 (dois) entrevistados egressos/as de cada curso e que atuem, preferencialmente, em funções diferentes no âmbito da Educação do Campo;
c) Realizar o mesmo quantitativo de entrevistas entre homens e mulheres, para garantir a equidade de gênero;
d) Ter sido convidado (a) e ter aceitado participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Apêndice 3.

3.4. CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO PARA A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Os critérios de exclusão, assim como os de inclusão, são partes importantes da pesquisa científica, pois é um mecanismo de filtro para que os candidatos que não atendem aos requisitos propostos pela pesquisa já sejam inicialmente excluídos. Isso potencializa o tempo dos

entrevistadores, além de contribuir para que os resultados sejam mais confiáveis e precisos. Nesse sentido, neste estudo, forma critérios de exclusão:

a) Não ter sido egresso e/ou egressa dos cursos de graduação do PRONERA/UNEB;

b) Ter feito outros cursos do PRONERA/UNEB que não sejam superiores;

c) Não ter aceitado participar da pesquisa e\ou não ter assinado o Termo de Livre Consentimento Esclarecido – TCLE.

Assim, ao realizar contato com os sujeitos para convidá-los à participação nas entrevistas, todos aceitaram, inclusive a maioria demonstrou satisfação e prazer em poder contribuir com o estudo acerca deste tema que, para eles/as, é de grande relevância.

3.5 PARTICIPANTES DA PESQUISA E CUIDADOS ÉTICOS

As entrevistas foram realizadas no período de 17 de janeiro a 14 de fevereiro de 2023, com encontros agendados previamente, sempre em datas e horários sugeridos pelos/as próprios/as entrevistados/as de acordo sua disponibilidade. Os encontros se deram por intermédio da plataforma digital *Google Meet,* essa mediação tecnológica foi necessária em razão do cenário da pandemia do Covid 19, além disso facilitou a realização das conversas, uma vez que não tivemos custos financeiros com viagens e em alguns casos, foram realizadas mais de uma entrevista por dia, conforme demanda dos\as próprios\as entrevistados\as.

Ao todo, foram entrevistadas 10 (dez) pessoas, conforme planejado, considerando a equidade de gênero, entrevistamos uma mulher e um homem que fez a formação em cada curso.

Quadro 1 – Entrevistas por curso/Campus[12]

QUANTIDADE	SEXO/ GÊNERO	CURSO	CAMPUS DA UNEB
01	Feminino	Pedagogia da Terra	Bom Jesus da Lapa\Campus XVII
01	Masculino	Pedagogia da Terra	Bom Jesus da Lapa\Campus XVII
01	Feminino	Pedagogia da Terra	Teixeira de Freitas\ Campus X
01	Masculino	Pedagogia da Terra	Teixeira de Freitas\ Campus X

[12] Não foi possível realizar entrevistas com representações de egressos (as) do curso de Letras da Terra, do Campus de Conceição do Coité

01	Feminino	Letras da Terra	Teixeira de Freitas\ Campus X
01	Masculino	Letras da Terra	Teixeira de Freitas\ Campus X
01	Feminino	Agronomia	Barreiras\Campus IX
01	Masculino	Agronomia	Barreiras\Campus IX
01	Feminino	Direito	Salvador\Campus I
01	Masculino	Direito	Salvador\Campus I

Fonte: dados das entrevistas.

Umas das entrevistadas é egressa duplamente egressa do PRONERA porque graduou-se em Pedagogia da Terra (Licenciatura) no Campus XVII em Bom Jesus da Lapa e também em Direito, no Campus I Salvador. Apenas para fins de organização desta pesquisa ela constará como entrevistada do curso de Direito.

Ressalta-se que na UNEB o curso de Pedagogia da Terra teve duas turmas, uma em Bom Jesus da Lapa e a outra em Teixeira de Freitas, logo foram realizadas 04 (quatro) entrevistas de egressos/as, considerando 02 (dois) de cada Campus. Essa opção se deu pela compreensão de que são dois grupos situados em tempo, grupo e cenários geográficos diferentes, fator que pode gerar diferentes percepções e experiências.

No decorrer do levantamento dos/as entrevistados/as desta pesquisa, fez-se uma mobilização no sentido de tentar conseguir um/a representante indígena e outro quilombola como tentativa de evidenciar a diversidade do público do PRONERA. Não houve êxito em encontrar um/a egresso/a indígena, mas conseguimos uma egressa do curso de Agronomia que é de área remanescente de quilombo da região de Bom Jesus da Lapa.

Na escolha dos nomes fictícios para os/as entrevistados/as, optamos por homenagear mulheres e homens que tiveram suas vidas ceifadas na luta pela terra e pela libertação do seu povo. A seguir, em forma de tabela[13], sintetizamos a biografia de cada homenageado/a que "emprestarão" seus nomes para identificar os/as entrevistados/as desta pesquisa.

[13] A ordem adotada no quadro seguiu o critério de ordem de realização das entrevistas.

Quadro 2- Nomes fictícios dos/as entrevistados/as

Nome do/a homenageado/a	Biografia	Fato
OZIEL ALVES PEREIRA	17 anos, filho de Alderino Alves Pereira e Luiza Alves Pereira. Consta dos autos o depoimento de nove testemunhas que afirmam terem presenciado a detenção de Oziel que foi preso, algemado e espancado pelos policiais militares Pargas, Pinho e Vanderlan, na companhia de outros dois PMs. O laudo cadavérico descreve quatro tiros, três na cabeça e um no peito de Oziel. Fonte:https://https:mst.org.br	**Massacre de Eldorado dos Carajás**
ALTAMIRO RICARDO DA SILVA	42 anos, agricultor, filho de Juventino da Silva e Filomena Maria da Silva. O laudo cadavérico comprovou que sua execução ocorreu após ter caído ao solo em virtude dos disparos recebidos nas pernas. Fonte:https://https:mst.org.br	**Massacre de Eldorado dos Carajás**
MARIA ZILDA	Agricultora assassinada por jagunços que atacaram a Fazenda Mucambo, próximo município de Barra do Choça. Fonte::https://https:mst.org.br	**Militante da Reforma Agrária, no Assentamento Mucambo.**
ROBSON VITOR SOBRINHO	25 anos, filho de Maria Antonia Vitor Sobrinho (pai não declarado). O laudo descreve que a vítima foi alvejada por quatro tiros, entre eles, dois foram disparos à "queima-roupa" pelas costas. Fonte:https://https:mst.org.br	**Massacre de Eldorado dos Carajás**
ROSELI CELESTE NUNES DA SILVA	33 anos. Mãe de três filhos, lutadora pela Reforma Agrária e defensora dos direitos das mulheres. Foi assassinada em 31 de março de 1987, durante um protesto de pequenos agricultores no Norte do Rio Grande do Norte. Fonte:https://mst.org.br	**Militante da Reforma Agrária, no Rio Grande do Norte**
JOAQUIM PEREIRA VERAS	32 anos, filho de Raimundo Souza Sobrinho e Adelaide Maria Conceição. O laudo cadavérico relata duas feridas características de orifícios de entrada de projéteis de arma de fogo. Fonte:https://https:mst.org.br	**Massacre de Eldorado dos Carajás**
JOÃO RODRIGUES ARAÚJO	Morreu de hemorragia em consequência de ter recebido dois tiros nas regiões dos braços e várias apunhaladas de arma branca (punhal, faca, etc), nas regiões das pernas. Fonte:https://https:mst.org.br	**Massacre de Eldorado dos Carajás**
DANDARA DOS PALMARES	Dandara integrou a luta armada pela libertação do povo negro da escravidão. Dominava técnicas de capoeira, liderava mulheres e homens e foi companheira de Zumbi dos Palmares. Fonte:https://terradedireitos.org.br	**Quilombo dos Palmares**
ADNA SENHORA TEIXEIRA	Liderança, trabalhadora rural, assassinada com 21 facadas por três homens, quando estava com o marido na Linha CA 04, Km 28, ocupação do Sítio Baianinho, em Cujubim, área de conflitos por terra. O cônjuge dela, identificado apenas como L. R, também foi atacado e ferido, porém sobreviveu. Ambos lutavam pelo	**Militante da Reforma Agrária**

	direito à terra. Um dos suspeitos pelo homicídio foi preso pela Polícia Civil de Cujubim, no dia 12/08/2016. Fonte:https:// terradedireitos.org.br	
MARGARIDA MARIA ALVES	A primeira mulher a liderar um sindicato de trabalhadores rurais no Brasil morreu aos 50 anos, na frente de casa, perto de seu marido e do filho de oito anos, que brincava na calçada. No dia 12 de agosto de 1983, a presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba, foi assassinada com um tiro de espingarda calibre 12 no rosto. Margarida foi responsável por ações trabalhistas que incluiam o direito à carteira de trabalho e a documentos para agricultores, com 13 º salário, jornadas de trabalho de 40 horas semanais e férias. Fonte:https://caipiremovi.org.br	**Militante da Reforma Agrária, na Paraíba**

Fonte: Sites e revistas.

3.6 CUIDADOS ÉTICOS

A presente pesquisa adotou todos os preceitos éticos previstos na legislação vigente, a saber: Resolução nº466, de 12 de dezembro de 2012, Resolução nº510, de 07 de abril de 2016 e Resolução nº580, de 22 de março de 2018, respeitando devidamente o princípio de dignidade da pessoa humana. Para tanto, foram tomadas todas as medidas necessárias na busca de garantir segurança no manejo dos dados e informações coletados.

Todos os dados e documentos referentes às pesquisas serão guardados pela pesquisadora, durante o período de 05 anos.

A participação nas entrevistas se deu de forma voluntária e sem previsão de vantagem financeira. Para isso, foram agendadas após o contato inicial com os/as egressos/as dos cursos de graduação PRONERA/UNEB e apresentação dos objetivos/condições da pesquisa.

A adesão à pesquisa como participante foi pactuada através da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Apêndice 3), documento foi assinado pelos/as participantes e pesquisadora, contendo todas as informações de forma escrita, clara e objetiva. Todos/as os/as participantes receberam uma via do TCLE.

As entrevistas foram agendadas e realizadas todas por meio da plataforma *Google Meet*, conforme disponibilidade dos/as participantes e da pesquisadora. Todas foram gravadas em gravador de voz para a devida transcrição, com a garantia de que as imagens dos entrevistados não serão utilizadas para divulgação.

Foi garantida liberdade e tempo adequados para registro das respostas de cada participante. Como na entrevista descrevemos experiências que podem desencadear manifestações de emoções, quando aconteceu interrompemos o diálogo temporariamente e retomamos em seguida no momento oportuno.

Foram assegurados procedimentos consoantes com a resolução CNS 466/12, do Conselho de Ética em Pesquisas, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, assegurando a confidencialidade e privacidade, a proteção da imagem e não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e\ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e\ou de aspectos econômico-financeiros. A análise de risco numa pesquisa é imprescindível, nesse sentido, todos os danos previsíveis foram evitados.

Aos/às participantes da pesquisa, foi assegurada a garantia de plena liberdade, inclusive de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou penalização alguma.

3.7. ANÁLISE DOS DADOS

É preciso dar sentido às entrevistas realizadas com os sujeitos estudados. Neste aspecto, a questão que surge é: Como interpretar os diversos indicadores, impressões e dados que serão obtidos nesse processo? Fica evidente que todas as informações coletadas nas entrevistas e, posteriormente, transcritas, não podem ser tratadas de forma isolada, como simples relatos, pois representam vivências, impressões, expressões e histórias narradas por meio da oralidade.

O que nomeamos aqui de conversas interativo-provocativas, categoria trazida por Nunes (2020, p.422), se constitui, segundo o autor, “o instrumento que favorece a livre expressão da subjetividade das estudantes em face do que é provocado na situação de interação pesquisador no momento de seu desenvolvimento”.

Feitas essas considerações, os procedimentos adotados na análise das informações coletadas partiram da transcrição de todas as entrevistas e posterior categorização por eixos temáticos. Essa organização temática permitiu analisar regularidades e singularidades das falas, identificando as principais contribuições da formação superior não só para cada indivíduo como também para o projeto de Educação do Campo.

Os textos ou trecho das entrevistas que utilizo nesta pesquisa são transcrições realizadas por mim, após as realizações de cada encontro. Logo, são textos narrativos construídos a partir da relação pesquisadora – entrevistados/as, conservadas as características de oralidade próprias de cada sujeito, bem como momentos de emoção, como tristeza, choro, alegria, sorrisos etc. A partir disso, as entrevistas foram analisadas tendo como base o suporte biográfico já elencado.

4. AS PESQUISAS ACERCA DO PRONERA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

A metodologia utilizada para realizar esta pesquisa de revisão bibliográfica foi baseada no levantamento de dissertações e teses encontradas no Banco de dissertações e Teses do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGEd – UESB); Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT); e no Repositório Institucional da Universidade Federal de São Carlos (RI UFSCar). Essa plataforma, em especial, foi selecionada por ter produções oriundas do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo - GEPEC, referência em produções relacionadas ao tema. O período de buscas nas plataformas ocorreu entre 18 de outubro a 03 de novembro de 2021.

A opção pela pesquisa de revisão bibliográfica se justifica porque esse tipo de levantamento coloca o/a pesquisador/a em contato direto com o que foi escrito sobre o tema, com o intuito de recolher informações prévias sobre o objeto investigado. Nesta pesquisa, investigamos o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA com foco em egressos (as) do programa, na perspectiva de analisar as contribuições da formação em cursos superiores de egressos e egressas do PRONERA para a Educação do Campo.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir do material já elaborado e, assim, possibilita tecer inferências sobre o tema. Para utilizar as fontes bibliográficas, é necessário buscar um método que vá além do papel instrumental, ou seja, um método que dê o caminho para o desenvolvimento concreto da investigação. Severino (2007) nos diz que:

> A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documento impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122).

Em decorrência da necessidade de conhecer o campo em que se situa esta pesquisa, a construção deste trabalho foi realizada a partir de buscas nas plataformas digitais já relacionadas anteriormente. Para melhor organização e sistematização, foi utilizado o Excel que é um programa editor de planilhas produzido pela Microsoft. É válido salientar que não se fez uso de

um recorte temporal explicitamente, visto que a própria data de implementação do programa e sua trajetória já satisfaz este marco no tempo.

A primeira plataforma utilizada foi o Banco de dissertações e Teses do Programa de Pó-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGEd–UESB), com o uso dos descritores: “PRONERA” e “egressos”, só foi encontrada 01 (uma) pesquisa em nível de dissertação que dialoga com o objeto pesquisado.

No Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), utilizando os descritores "PRONERA" e "egressos" com o booleano “AND”, foi encontrado um total de 574.258 (Quinhentos e setenta e quatro mil e duzentos e cinquenta e oito trabalhos). Quando usado apenas o descritor “PRONERA”, foram encontrados 156 resultados, o que possibilitou melhor filtrar as pesquisas. Nesse sentido, foi feita a leitura dos títulos, palavras-chave, resumos e considerações finais. A partir da leitura, chegou-se ao total de 17 (dezessete) trabalhos, sendo 3 (três) teses e 14(quatorze) dissertações. As demais foram descartadas por não dialogarem com o tema deste trabalho.

No Repositório Institucional da Universidade Federal de São Carlos (RI UFSCar), a busca realizada com os descritores “Egressos” and “PRONERA” apresentou um total de 437 (quatrocentos e trinta e sete) produções. Optamos por realizar a pesquisa nesta plataforma pelo relevante número de produções que esta instituição desenvolve sobre políticas públicas e Educação do Campo. Ao realizar o filtro apenas com o descritor” PRONERA”, chegamos a 72 trabalhos, sendo 05 (cinco) trabalhos de conclusão de curso (TCC), que não foram aproveitados aqui porque Trabalho de Conclusão de Curso não era o foco das buscas, 41(quarenta e uma) dissertações e 26 (vinte e seis) teses.

A Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT), foi utilizado os descritores “Egressos” “PRONERA”. Por ser a última plataforma explorada pela pesquisadora, possivelmente seja um fator que justifique a pouca contribuição desta plataforma para a pesquisa, uma vez que os trabalhos encontrados e filtrados após a leitura dos títulos, palavras-chave, resumos e considerações finais, coincidiam com as pesquisas levantadas nas plataformas já citadas e trabalhadas anteriormente.

Após a análise das pesquisas, a exclusão das encontradas repetidas em mais de uma plataforma, chegamos ao total 18 (dezoito) produções, sendo 15 (quinze) em nível de mestrado e 03 (três) elencadas no quadro abaixo:

Quadro 3 – Compilação de produções científicas dos Bancos de Teses e Dissertações

	Autor(a)	Título	Instituição de Ensino	Ano	Nível da pesquisa
1	**SILVA, PAULA DA**	Pedagogia da terra na UFSCar: uma análise acerca da proposta metodológica e das práticas educativas da turma Helenira Resende.	Universidade Federal de São Carlos	2004	Mestrado
2	**SANTOS, ANTONIA FERNANDA DA SILVA**	O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária e a Importância da Escolarização na opinião de Assentados Rurais do Sertão do Estado de Sergipe.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2005	Mestrado
3	**JUNIOR, MAURO ROQUE DE SOUZA**	Educação na Reforma Agrária: Uma proposta extensionista da UNEB para o PRONERA.	Universidade do Estado da Bahia	2006	Mestrado
4	**CARVALHO, SANDRA MARIA GADELHA DE**	Educação na Reforma Agrária: PRONERA, Uma Política Pública?	Universidade Federal do Ceará	2006	Doutorado
5	**AMARAL, DÉBORA MONTEIRO DO**	Pedagogia da terra: olhar dos/as educandos/as em relação à primeira turma do Estado de São Paulo.	Universidade Federal de São Carlos	2010	Mestrado
6	**MARIALVA, MARIA ELCINEIDE DE ALBUQUERQUE**	PRONERA: Política pública na educação de assentados(as) da reforma agrária.	Universidade Estadual de Campinas	2011	Mestrado
7	**SIMPLICIO, ANTONIA VANDERLUCIA DE OLIVEIRA.**	Egressos do curso pedagogia da terra e suas práticas educativas: um estudo de caso no Assentamento 25 de maio, Madalena, Ceará.	Universidade de Brasília	2011	Mestrado
8	**NETO, PAULINO JUSTO LUCAS**	Políticas Públicas para o desenvolvimento rural: uma análise sobre a eficácia do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA.	Universidade Federal Rural de Pernambuco	2011	Mestrado
9	**LORENZO, IVANALDA DANTAS NOBREGA DI.**	Construção do conhecimento e reafirmação do território: A contribuição da turma Margarida Maria Alves do curso de Ciências Agrárias, Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.	Universidade Federal da Paraíba	2013	Doutorado
	ALVAREZ,	Movimentos sociais e	Universidade	2013	Mestrado

10	**ADENILSA MONTEIRO DO AMARAL**	educação do campo: Um estudo da experiência no PRONERA na Bahia.	do Estado da Bahia		
11	**LIMA, LUCILEIDE PAZ FERREIRA DE**	A 1ª turma do curso de licenciatura em Pedagogia do PRONERA da UFPB (2007-2011): contribuições para o desenvolvimento nos assentamentos.	Universidade Federal da Paraíba	2013	Mestrado
12	**AQUINO, EVELY CRISTINE PEREIRA DE**	Trajetórias humanas de homens e mulheres da Educação de Jovens e Adultos e a tensa luta pela leitura da palavra em um assentamento de Reforma Agrária.	Universidade do Estado de Minas Gerais	2014	Mestrado
13	**SOUSA, LEILA DA SILVA**	O PRONERA na relação INCRA e UESB: evidências e contradições sobre o programa.	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	2015	Mestrado
14	**SORANO, ROBERTA DE ALMEIDA**	Mulheres assentadas e figurações sociais: um estudo sobre as egressas do curso de licenciatura em Ciências Sociais/ PRONERA DA UFGD/MS.	Universidade Federal da Grande Dourados	2015	Mestrado
15	**COSTA, SIDINEY ALVES**	Políticas Públicas/Estatais e Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária: Estudo dos efeitos do PRONERA no Sudoeste Baiano.	Universidade Federal de São Carlos	2017	Doutorado
16	**CARVALHO, MAURO DOS SANTOS.**	Percepções da equipe técnica, dos professores e dos beneficiários sobre a gestão do Pronera no período de 2004 a 2013: o caso da UESB.	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	2018	Mestrado
17	**FERREIRA, SUELLEN CRISTINA RODRIGUES**	Educação do Campo na Educação Superior: As repercussões do PRONERA na atuação social, profissional e política de egressos dos cursos ofertados na UFPB (CAMPUS I).	Universidade Federal da Paraíba	2018	Mestrado
18	**ALMEIDA, VIVIANE APARECIDA RIBEIRO DE**	Inserção profissional dos egressos da primeira turma de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos/SP.	Universidade Federal de São Carlos	2019	Mestrado

Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir de produções científicas dos Bancos de Teses e Dissertações.

O levantamento realizado e sintetizado no quadro 3, aponta que grande parte das produções são em nível de mestrado. Essas pesquisas começam a surgir, pelo levantamento realizado, a partir do ano de 2004. Possivelmente esse marcador temporal se justifica por termos a experiência dos primeiros projetos executados pelo programa em fase de conclusão.

O momento final da pesquisa se deu com o cruzamento para exclusão dos trabalhos que não dialogavam com o tema central deste trabalho. Após a análise das pesquisas, chegamos ao número de 05 (quatro) trabalhos que dialogam diretamente com o objeto pesquisado e aqui são utilizados, sendo desses: 1 (uma) tese e 4 (quatro) dissertações. Estas produções seguem elencadas no quadro a seguir:

Quadro 4 – Compilação de produções que dialogam diretamente com o objeto da pesquisa

	Autor(a)	Título	Instituição de Ensino	Ano	Nível da pesquisa
1	**JUNIOR, MAURO ROQUE DE SOUZA**	Educação na Reforma Agrária: Uma proposta extensionista da UNEB para o PRONERA.	Universidade do Estado da Bahia	2006	Mestrado
2	**SIMPLICIO, ANTONIA VANDERLUCIA DE OLIVEIRA.**	Egressos do curso pedagogia da terra e suas práticas educativas: um estudo de caso no Assentamento 25 de maio, Madalena, Ceará.	Universidade de Brasília	2011	Mestrado
3	**ALVAREZ, ADENILSA MONTEIRO DO AMARAL**	Movimentos sociais e educação do campo: Um estudo da experiência no PRONERA na Bahia.	Universidade do Estado da Bahia	2013	Mestrado
4	**COSTA, SIDINEY ALVES**	Políticas Públicas/Estatais e Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária: Estudo dos efeitos do PRONERA no Sudoeste Baiano.	Universidade Federal de São Carlos	2017	Doutorado
5	**CARVALHO, MAURO DOS SANTOS.**	Percepções da equipe técnica, dos professores e dos beneficiários sobre a gestão do PRONERA no período de 2004 a 2013: o caso da UESB.	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	2018	Mestrado

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de produções científicas dos Bancos de Teses e Dissertações

A maior parte das pesquisas levantadas nos bancos é do tipo dissertação de mestrado. Os estudos sobre o PRONERA neste levantamento aparecem constantemente a partir da análise de

experiências de turmas (projetos) específicas, percepções de discentes e docentes, bem como dialogando diretamente com temas do tipo: práticas educativas, Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos e política social. Interlocuções que necessariamente atravessam o PRONERA enquanto uma política pública destinada para um grupo específico.

Tabela 1– Distribuição de produções científicas sobre o PRONERA levantadas nos Bancos de Teses e Dissertações por Instituição de Ensino – 1998 a 2022

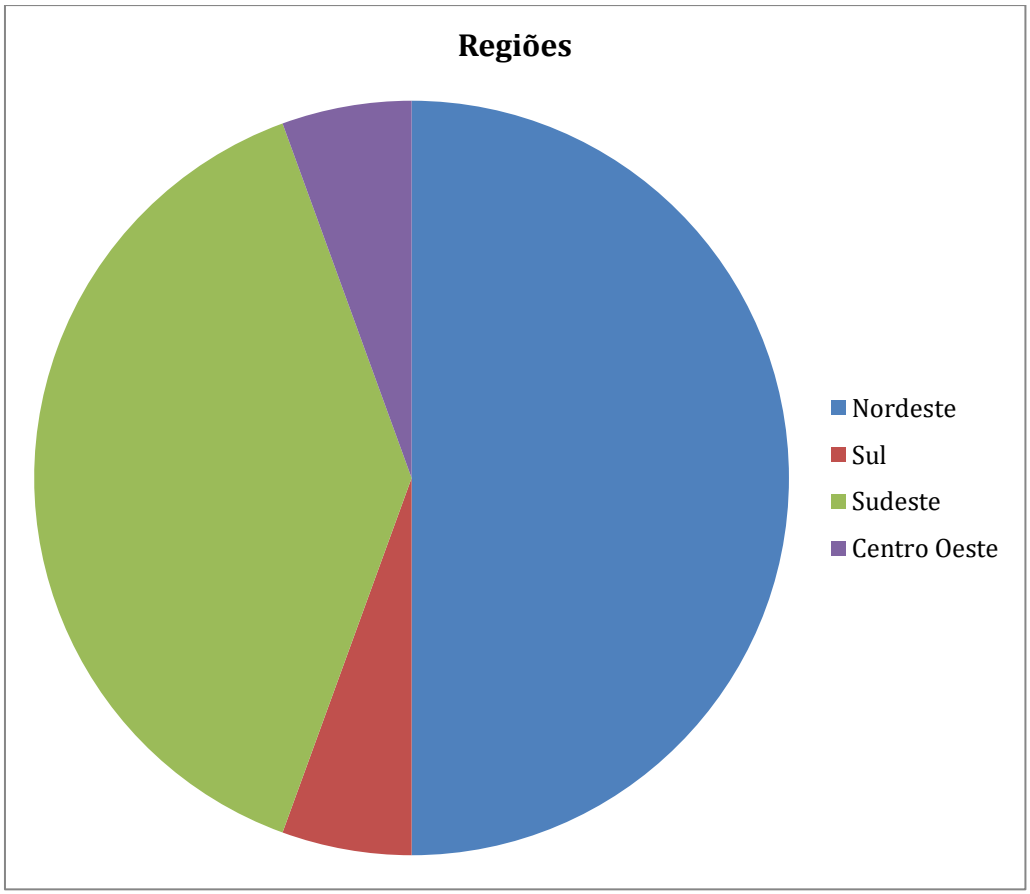
Instituição de Ensino	Quantidade
Universidade Federal Rural de Pernambuco	1
Universidade Estadual de Campinas	1
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	1
Universidade do Estado da Bahia	2
Universidade Federal do Ceará	1
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	1
Universidade Federal de São Carlos	4
Universidade Federal da Paraíba	3
Universidade Federal da Grande Dourados	1
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1
Universidade de Brasília	1
Universidade do Estado de Minas Gerais	1
Total	**18**

Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir dos dados levantados nas pesquisas das produções científicas dos Bancos de Teses e Dissertações.

A análise das produções acadêmicas levantadas e a distribuição por Instituições de Ensino Superior evidencia que o PRONERA tem se apresentado como tema de grande relevância no campo de pesquisa da área de política educacional.

A tabela 1 nos possibilita analisar que, além de ser uma política que alia o acesso da população camponesa à educação com a luta pela reforma agrária, o PRONERA se apresenta também como um tema que tem despertado o interesse no campo da pesquisa acadêmica. As instituições que mais se destacam nesse processo, a partir do levantamento realizado, são: UNEB, UFSCAR e UFP, o que pode ser justificado pela vivência mais constante destas comunidades acadêmicas com o programa.

Gráfico 1 – Distribuição das produções científicas sobre o PRONERA identificadas nos Bancos de Teses e Dissertações por região - 1998 a 2022



Fonte: Dados levantados nas pesquisas das produções científicas dos Bancos de Teses e Dissertações.

Ao relacionarmos a tabela 1, que apresenta a distribuição das produções científicas por Instituição de Ensino Superior, com o gráfico 1, que faz essa divisão pelas regiões do país, nota-se que metade das produções levantadas estão alocadas em universidades da região Nordeste, com destaque para duas instituições, a Universidade Federal da Paraíba (com três pesquisas) e a Universidade do Estado da Bahia (com duas). As demais universidades se apresentam com uma pesquisa cada. É possível que o aparecimento dessas duas Universidades como destaque nas pesquisas tenha relação com o alcance numérico e social da formação promovida por tais instituições por meio de projetos do PRONERA.

A região Sudeste aparece em segundo lugar com um número significativo, ressaltando as pesquisas oriundas da Universidade Federal de São Carlos, o que constata a hipótese levantada anteriormente quando da escolha das plataformas de banco de teses e dissertações. A UFSCAR ganha visibilidade nas produções relacionadas à Educação do Campo, sobretudo, a partir dos estudos e eventos realizados pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo-GEPEC, criado dentro Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Sociedade e

Educação no Brasil – HISTEDBR, referência a nível nacional como espaço de difusão do conhecimento.

Em síntese, as pesquisas levantadas são na sua maioria a nível de mestrado, recorrentemente estudam o PRONERA enquanto uma política pública educacional e de desenvolvimento rural. Várias fazem a relação com o projeto de Reforma Agrária e de Educação do Campo no Brasil. Frequentemente também foram encontradas pesquisas que analisam o PRONERA na interlocução com o INCRA e os movimentos sociais.

Pela amplitude da sua representatividade e alcance social, essa política ainda carece de muitas pesquisas. Aponto aqui a escassez de textos que tragam os sujeitos envolvidos no programa como tema central de análise e discussão, como proponho neste trabalho.

5. “A UNEB FOI A INSTITUIÇÃO QUE COMPREENDEU [...] ESSA DEMANDA E ATÉ ESSA DÍVIDA HISTÓRICA COM A SOCIEDADE BRASILEIRA”: A UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA COMO PROTAGONISTA DO PRONERA NA BAHIA

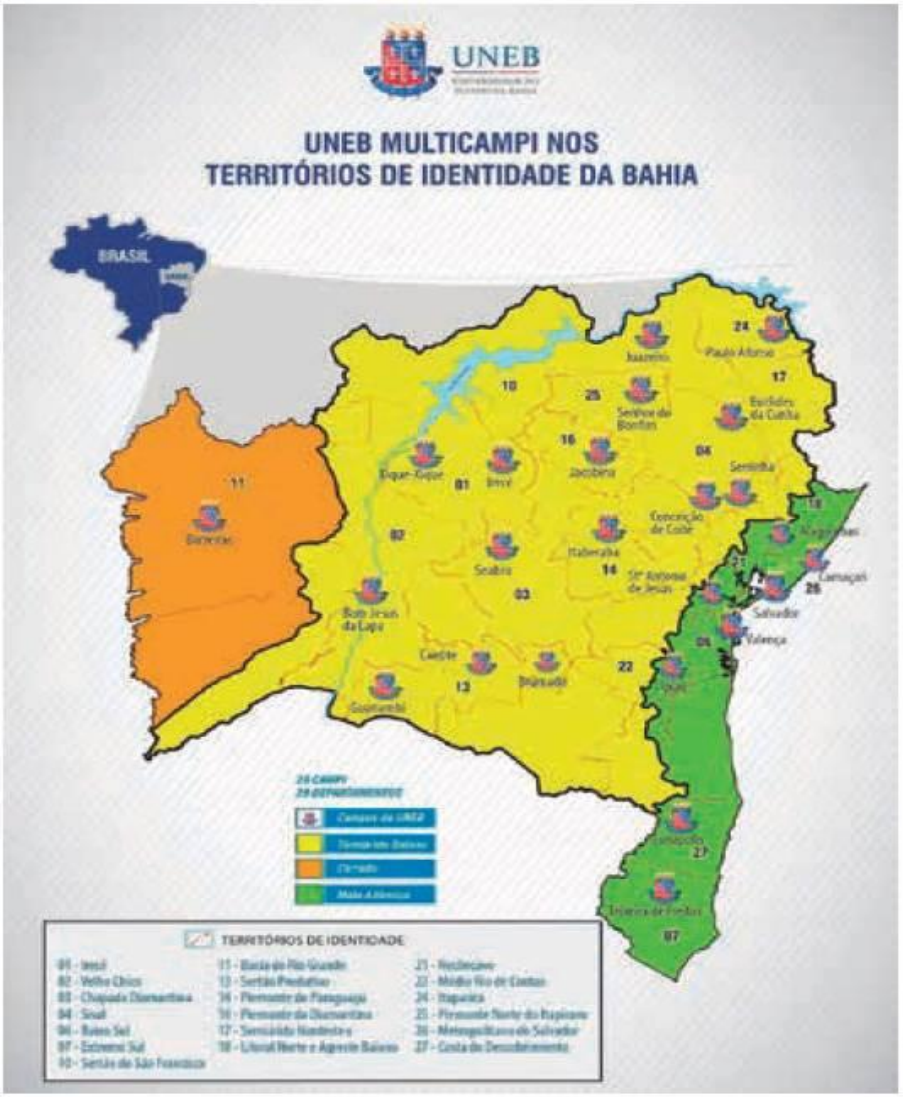
> - Ocupar o chão da Universidade naquele momento era um espaço novo, ainda mais com essa modalidade de Pedagogia da Alternância, então, nós temos algumas dificuldades iniciais de relacionamento até que os próprios estudantes do Campus da UNEB pudessem compreender o que era o curso de Pedagogia da terra. Normalmente, a gente não tinha problemas com greve de professores, porque havia sempre um diálogo anterior e essa relação direta, muitos dos colaboradores dos cursos eram também pessoas vinculadas aos movimentos e organizações sociais, então, a gente não pegou esse processo de uma greve direta e, de modo geral, a UNEB é o chão que eu piso, sabe? É o chão que eu tenho muito orgulho em dizer, eu acho que a UNEB ela contribui e continua a contribuir principalmente para que os sujeitos historicamente marginalizados consigam chegar no chão da universidade. Não é o ideal, mas eu acho que a chegada, a abertura multicampi da UNEB permitiu que os sujeitos pudessem chegar na Universidade e, em grande parte, permanecer ali. É claro que num processo geral há sempre dificuldades, mas o resultado concreto disso me permite dizer que a UNEB corresponde sim , acho que a UNEB é responsável que, de algum modo, ela topou esse desafio, essa parceria. Na Bahia, é a primeira experiência de nível superior, então, é um processo muito novo inclusive para a própria UNEB. Houve anteriormente aqui na Bahia os cursos de nível médio, técnico em agropecuária, mas nível superior essa foi a primeira experiencia da UNEB e foi a segunda experiência em nível nacional de um programa para ofertar licenciatura plena em Pedagogia da Terra, com uma matriz curricular de carga horária superior, inclusive a matriz curricular de qualquer curso de licenciatura da própria universidade inclusive, incluindo componentes que nos permitissem essa relação, sociologia dos movimentos sociais, questão agrária. (Oziel, egresso de Pedagogia da Terra, Campus Bom Jesus da Lapa).
>
> -Aí a UNEB sempre foi parceira dos movimentos sociais, uma universidade, muito, muito, bastante inclusiva no sentido dos movimentos sociais, uma universidade que nos atende sempre com os nossos projetos. (Altamiro, egresso de Agronomia, Barreiras).

Esses dois trechos de entrevistas que introduzem este capítulo contextualizam a trajetória da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no processo de aproximação e diálogo com a sociedade civil organizada da Bahia, “*acho que a UNEB é responsável que, de algum modo, ela topou esse desafio, essa parceria”.* Pelo que as falas de egressos/as mostram, a UNEB se engajou na construção do projeto da Educação do Campo, discutindo desde a implantação dos primeiros cursos de alfabetização de jovens e adultos em 1999 até a oferta da

graduação[14]. Uma longa história de garantia de acesso à educação para povos do campo de todo o estado, justamente porque, como diz Oziel, "*a abertura multicampi da UNEB permitiu que os sujeitos pudessem chegar na Universidade e, em grande parte, permanecer ali".*

Marques (2019) ressalta que a multicampia da UNEB permite que a universidade seja territorializada, desde que foi fundada em 1983. É justamente sua presença em todos os territórios do estado da Bahia, que faz da UNEB uma universidade também popular. A figura 2 permite que compreendamos a fala de Oziel quando afirma que a multicampia da UNEB "*permitiu que os sujeitos pudessem chegar na Universidade".*

Figura 3 – UNEB Multicampi nos territórios de identidade da Bahia



Fonte: FELIX e SALVADORI (2008, p.103).

[14]O último curso ofertado pelo PRONERA\UNEB foi o de Bacharelado em Direito, iniciado em 2012 e finalizado no ano de 2017, com 46 estudantes concluintes.

A figura 3 mostra que a UNEB se espalha pelo interior do território baiano onde se encontra a maior população rural dos estados do Brasil. Além disso, atualmente, conforme informações disponíveis no site da instituição, a UNEB oferece mais de 150 opções de cursos, nas modalidades presencial e de educação a distância (EaD), entre graduação e pós-graduação. Conta com 30 departamentos e 24 *campi*. Essa ampla abrangência geográfica possibilita a aproximação de uma grande parcela da população baiana da UNEB.

Sobre a dimensão geográfica da UNEB, sua interiorização e relação com os movimentos sociais para implantação de políticas públicas, Marques (2019, p.53) discute:

> O histórico da UNEB que, na década de 1980, levou a Educação Superior para regiões do estado da Bahia distante da capital, constitui sua imagem como instituição inclusiva e popular. Acrescenta-se a isso o fato de a UNEB ter sido a primeira instituição pública do estado da Bahia e uma das primeiras do Brasil, a implantar políticas de ações afirmativas, bem como estabelecer parcerias com movimentos sociais de luta pela terra, por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) para a oferta de cursos de graduação com processos seletivos especiais, a exemplo das licenciaturas em Pedagogia da Terra, Educação do campo (Pronacampo), bacharelado em Engenharia Agronômica e Direito.

Entre essas relações, destacamos a construção de diálogos da UNEB com as populações campesinas, movimentos sociais e sindicais em relação as suas demandas e dilemas. Todo esse movimento foi basilar para o envolvimento da Universidade com o projeto de Educação do Campo. Para Ferreira, Carvalho e Bogo (2021, p. 21):

> Esse processo de produção colaborativa entre universidade e movimentos sociais não se dá sem tensões e conflitos entre as partes, sobretudo, porque de um lado encontra-se a universidade como instituição secular, produtora de conhecimento, regida por protocolos que, contrariamente ao que sugere a semântica do termo que a intitula (universidade – universalidade, totalidade), em larga medida se atem à negação do conhecimento popular e à produção de conhecimento a serviço da vida das pessoas; e de outro lado, por parte dos movimentos sociais, há a crítica aleatória e contundente, a preocupação com o comportamento e ações dos militantes, com vistas ao controle dos princípios do movimento sobrepondo-se à ampliação de processos de consciência acerca da estrutura organizativa do próprio movimento. Ou seja, expressões de contradições próprias do contexto social em que ambas as organizações estão inseridas.

Nesse contexto de contradições apresentado pelas autoras, a partir de 1999, a UNEB firma convênio com o MDA, por meio do INCRA, para o início da execução de cursos do PRONERA. Segundo Souza Júnior (2006), entre os anos de 1999 até 2004, são expressivos os números alcançados pela UNEB, chegando a 9.000 alfabetizados (as), 173 concluintes do ensino fundamental e 320 pessoas formadas como professores/as de séries iniciais, na modalidade magistério.

As falas a seguir, resultantes das entrevistas com os/as egressos/as do PRONERA-UNEB, evidenciam a importância desta instituição de nível superior e dos seus profissionais na democratização do acesso à educação.

> *- Já conhecia a UNEB justamente porque a UNEB e os professores da UNEB sempre foram parceiros dos assentamentos, inclusive com os cursos de escolarização, de alfabetização. Muitos estudantes participavam de estágios nos assentamentos e aí eu já atuava no processo de setores do movimento e eu tive contato com esses professores e aí foi dentro do assentamento que, dentro do processo de luta, que a gente teve acesso e conhecimento do PRONERA*. (Robson, egresso de Letras, Campus X Teixeira de Freitas).

> *- Meu primeiro contato com o PRONERA foi como monitor da EJA, aí lá eu conheci, gostei. Como eu sempre fui ativo no assentamento com as atribuições que o movimento me delegou, aí surgiu a oportunidade de eu fazer o magistério, mas o magistério pelo PRONERA e fiscalizado pela UNEB. Tinha que fazer monografia, né, inclusive minha primeira monografia foi na perspectiva da juventude no assentamento Paulo Freire e tive a oportunidade depois de apresentar em vários lugares, inclusive para o pessoal do SESI em Salvador, então, isso só foi alargando mossa experiência e perspectiva de mundo, de sociedade.* (Joaquim, egresso de Pedagogia da Terra, Campus X Teixeira de Freitas)[15]

> *- O PRONERA, na verdade, eu já conhecia. A gente que é da área de assentamento, movimentos sociais, já conhecia o PRONERA por outras pessoas fazerem parte de outras turmas, militantes, companheiros da gente que já tinham feito o PRONERA antes, então, quando eu fui fazer o vestibular, eu já conhecia o PRONERA como um militante do PRONERA.* (João Rodrigues, egresso de Direito, Campus I Salvador).

Assim, em resposta às demandas apresentadas pelos movimentos sociais[16], cumpre-se a meta prioritária do programa na UNEB naquele momento inicial, a saber: escolarizar o maior número possível de jovens e adultos, assentados e assentadas, que não tiveram acesso à educação em período regular, buscando, para além da escolarização, a possibilidade de garantia de permanência desses indivíduos no campo.

No ano de 2003, a UNEB inicia o primeiro curso de graduação pelo PRONERA, com um público inicial de 120 assentados (as) e 92 concluintes em Pedagogia da Terra, cursos vinculados aos *campi* da UNEB em Bom Jesus da Lapa e Teixeira de Freitas. Nos anos

---

[15] João Rodrigues vivenciou o PRONERA várias modalidades, ora como profissional, ora como estudante, atuou como monitor da EJA, cursou o nível médio integrado ao magistério, graduou-se em Pedagogia da terra e atualmente é Pós-graduado em Educação do Campo pelo PRONERA UNEB.

[16] Os movimentos sociais que apresentaram demanda e formaram parceria para a execução do programa nesse primeiro momento, foram: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento de Luta pela Terra (MLT), Movimentos dos Trabalhadores Acampados e Assentados (CETA) e Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura (FETAG).

seguintes, outros cursos de graduação foram executados por meio de convênios PRONERA/UNEB, sendo eles nas áreas de licenciatura em Letras da Terra, divididas em duas turmas (DEDC X – Teixeira de Freitas e DEDC XIV – Conceição do Coité), bacharelado em Engenharia Agronômica (DCH IX, com uma turma em Barreiras e outra no assentamento Terra Vista no município de Arataca - Bahia) e Direito (DCH I– Salvador) com discentes de assentamentos de todas as regiões do estado.

Quadro 5- projetos do PRONERA executados pela UNEB

PROJETO / CURSO	DEPARTAMENTOS	ANO INICIAL	PÚBLICO INICIAL	PÚBLICO FINAL
Projeto de Educação e Capacitação de Jovens e Adultos na Reforma Agrária / Alfabetização	Teixeira de Freitas Bom Jesus da Lapa Barreiras Irecê	1999	4.800	4.604
Projeto de Educação e Capacitação de Jovens e Adultos na Reforma Agrária / Ensino Fundamental de 5ª a 8 ª séries	Teixeira de Freitas Bom Jesus da Lapa Barreiras Irecê	1999	240	111
Projeto Letras em Movimento/ Alfabetização	Teixeira de Freitas Bom Jesus da Lapa Barreiras Irecê Alagoinhas Jacobina Eunápolis Valença	2001	4.900	2.667
Projeto Letras em Movimento / Ensino Fundamental de 5ª a 8 ª séries	Teixeira de Freitas Bom Jesus da Lapa Barreiras Irecê Alagoinhas Jacobina Eunápolis Valença	2001	245	219
Ensino Médio na Modalidade Normal / Magistério	Teixeira de Freitas Bom Jesus da Lapa	2002	80	80
Pedagogia da Terra	Teixeira de Freitas Bom Jesus da Lapa	2003	120	92
Educadores do Campo em Formação / Magistério	Teixeira de Freitas Itaberaba	2004	100	59

PROJETO / CURSO	DEPARTAMENTOS	ANO INICIAL	PÚBLICO INICIAL	PÚBLICO FINAL
Pé na Estrada / Ensino Fundamental de 1ª a 4ª Séries	Teixeira de Freitas Bom Jesus da Lapa Eunápolis Serrinha Itaberaba Ipiau Irecê	2004	2.400	1.750
Curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Agropecuária Sustentável	Barreiras Eunápolis Serrinha Irecê	2004	195	151
No Cio da Terra, O Germinar das Letras em Movimento / Letras da Terra	Teixeira de Freitas Conceição do Coité	2005	120	96
Bacharelado em Engenharia Agronômica	Barreiras Arataca (Assentamento Terra Vista)	2006	100	85
Bacharelado em Direito	Salvador	2012	50	46

Fonte: Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire - CAEACDT/UNEB.

O quadro 5 nos apresenta uma potente articulação da UNEB, tanto com o poder público, por meio do INCRA, quanto com os movimentos sociais para a execução dos convênios do PRONERA. Observamos uma grande demanda em relação aos cursos de alfabetização e escolarização (ensino fundamental 1ª à 4ª e 5ª á 8ª série), o que reflete a realidade e demanda inicial de muitas pessoas que não tiveram acesso na idade esperada para a conclusão da Educação Básica.

Com o passar do tempo, nota-se a necessidade de garantir a continuidade do processo formativo, dando início à oferta de cursos de graduação. Essa oferta tem início em 2003, com o curso de Licenciatura em Pedagogia da Terra, se estendendo até 2012, com 50 discentes matriculados no curso de Bacharelado em Direito.

> *-Contato com o PRONERA a gente já vinha tendo há bastante tempo, porque o MST tinha os cursos de graduação em Pedagogia pelo PRONERA, tinha os cursos técnicos agropecuária, curso de gestão pelo PRONERA, curso de agente de saúde pelo PRONERA, um curso de Direito lá em Goiás, então, o PRONERA pra gente sempre foi familiar, já era nossa casa.* (Altamiro, egresso de Agronomia, Campus IX Barreiras).

A partir da análise da tabela 6 e o detalhamento do percurso do PRONERA/UNEB, nota-se uma trajetória de destaque dessa instituição de ensino superior na execução da política pública de Educação do Campo, especialmente, o PRONERA. Para concretizar essa política, 12 departamentos foram envolvidos, em todas as regiões do estado da Bahia, com exceção apenas da região sudoeste, que contava com a UESB como instituição de ensino superior executora do programa naquele território.

> *- O PRONERA abriu possibilidades que a gente não tinha, então, chegar à universidade era uma realização da família, é tanto que eu fui a primeira da família a entrar na universidade. Então, o PRONERA e a UNEB contribuíram muito, não só com o que eu esperava, mas além..[...] Então, esse foi o grande diferencial do PRONERA não só na minha vida, mas de modo geral era possibilitar duas coisas: uma que a gente pudesse estudar sem se desvincular do campo. Eu acho que essa parte é até mais importante que o acesso em si, porque condição que a gente encontrava para estudar era, você tem que sair do campo, sair de perto da sua família, você tem que sair do seu espaço de cultura e vivências e ir viver como "marginal" em um espaço que não é seu, "marginal" no sentido de ser, você tá buscando um lugar para morar ali enquanto você estuda. E aí o PRONERA possibilita que as pessoas continuem nas suas comunidades, continuem nos seus movimentos continuem com suas famílias e, ainda assim, possam estudar e até mais do que isso, que eles possam estudar no campo. A gente estudava no assentamento, então, tomava café na casa de um trabalhador, almoçava às vezes na casa de outro, ajudava na roça de outro. Então, a gente se sentia em casa, a gente não sentia que tinha sido invalidado socialmente. Muito pelo contrário, nossa identidade de camponês estava viva. Então, o PRONERA foi revolucionário nesse processo e a UNEB foi a instituição que compreendeu isso, essa demanda e até essa dívida histórica com a sociedade brasileira.* (Adna, egressa de Letras, Campus X Teixeira de Freitas)

A fala de Adna expressa que os cursos de graduação do Pronera não perderam de vista os princípios da Educação do Campo: garantir o direito dos povos do campo estudar sem desvincular e sem desenraizar-se da sua realidade "*possam estudar e até mais do que isso, que eles possam estudar no campo".* Nesse caso, Adna se refere à experiência dos cursos de graduação ofertados em Teixeira de Freitas cujas aulas aconteceram no próprio assentamento e não na universidade. Além desse espaço formativo, a organização dos tempos da formação em Tempo Escola e Tempo Comunidade é outro elemento da organização pedagógica dos cursos de graduação do PRONERA/UNEB que aparece com regularidade nas entrevistas.

Geograficamente, os municípios que mais aparecem como sede dos projetos são: Teixeira de Freitas, Bom Jesus da Lapa, Barreiras e Irecê. Nesse processo, é importante destacar a participação dos movimentos sociais e sindicais na busca pela elevação da escolaridade de jovens e adultos das áreas de reforma agrária.

A UNEB, desta maneira, desempenha um importante papel como protagonista de políticas públicas no estado da Bahia. Vale destacar neste processo a importância da multicampia que interioriza a universidade e a aproxima do povo baiano, além da disposição desta instituição em dialogar com movimentos sociais e sindicais na promoção da sua função extensionista. A UNEB, ao executar o PRONERA, contribui para além da democratização da educação em todos os seus níveis de escolarização, mas colabora com o desenvolvimento humano sustentável nas áreas rurais, por meio do acesso à educação e a qualificação profissional. Como Adna ressalta " *o PRONERA foi revolucionário nesse processo e a UNEB foi a instituição que compreendeu isso, essa demanda e até essa dívida histórica com a sociedade brasileira* [...]". A dívida histórica marca a negação da escolarização da classe trabalhadora do campo (camponeses/as) no Brasil. A negação de direitos aos povos do campo é a hegemonia. O PRONERA, portanto, emerge como política contra-hegemônica.

6. OS CURSOS SUPERIORES DO PRONERA E A FORMAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA DOS\AS TRABALHADORES\AS CAMPONESES\AS

Neste capítulo, fazemos, de maneira mais focalizada, a análise das entrevistas realizadas de forma interseccionada com o embasamento teórico metodológico aqui já apresentado. As entrevistas evidenciaram problemáticas que vão além da resposta da questão central desta pesquisa e que, com o objetivo de melhor caracterizar cada sujeito, resolvi não descartar e contextualizá-las aqui como temas geradores[17]. Entre outras questões, os conteúdos das entrevistas descrevem onde e como se deu a educação básica dos/as egressos/as do PRONERA UNEB; tentativas de acesso a cursos superiores; tensões com os atores e atrizes que compõem o meio universitário; relação de militância com movimentos sindicais e/ ou sociais e suas implicações para a chegada aos cursos; apoio da família, relações de gênero, desafios de acesso, dificuldades de permanência e as contribuições dos\as egressos\as dos cursos superiores do PRONERA\UNEB para a Educação do Campo.

6.1. "*TAMBÉM PODEMOS PISAR ESSE CHÃO*" PERFIL DOS\AS EGRESSOS\AS DOS CURSOS SUPERIORES DO PRONERA\UNEB

Antes de tratar da formação em si, fez-se a opção de apresentar um pouco da história de cada um/a dos/as entrevistados/as, uma vez que a Educação do Campo é feita por sujeitos do campo. A presença desses sujeitos na universidade já evidencia um movimento contra-hegemônico, pois contraria a lógica histórica de negação da Educação Superior aos povos do campo.

Oziel

Foi o primeiro entrevistado desta pesquisa. É egresso do curso de Pedagogia da Terra, Campus da UNEB em Bom Jesus da Lapa. No momento da entrevista, Oziel estava com 39 anos. Na época que fez a graduação, não era casado e não tinha filhos. Apresenta-se como militante do movimento CETA, agricultor e filho de agricultores familiares.

-Eu sempre gosto de falar do chão que eu piso, né? Sou agricultor familiar,

[17] Temas geradores são temas que proporcionam a geração de outros temas relacionados entre si, e que tecem as relações entre um indivíduo ou grupo de indivíduos com o mundo e o mundo com indivíduos (PESSANO, 2012, p. 24).

> *filho de agricultor e agricultora familiar, que historicamente vivemos a labuta da luta pela terra não só como um espaço de produção de alimentos, mas como um espaço de produção de vida e um processo de militância no movimento de luta pela terra, o movimento CETA, o movimento de trabalhadores assentados, acampados e quilombolas atuando na Região do Médio São Francisco*. (Oziel, egresso de Pedagogia da Terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa).

Oziel destaca o apoio do seu pai e sua mãe tanto na sua trajetória escolar, quanto na sua vida enquanto militante dos movimentos sociais, sobretudo, no acesso ao curso superior pelo PRONERA.

> *-Minha família... acho que uma questão que é extremamente importante da gente refletir é de que o homem e a mulher do campo, por mais sofrida que seja a vida, qualquer pessoa que perguntar pra ele o que quer para seu filho, a primeira coisa que ele vai dizer é que quer uma educação decente, quer dar a ele aquilo que nunca teve oportunidade, então, meu pai e minha mãe, agricultor e agricultora familiar, meu pai às vezes fazia um serviço de pedreiro, minha mãe tanto no trabalho da roça como em outros serviços de sacoleira, enfim, sempre me apoiaram nesse processo. Não só na educação na perspectiva da educação escolar, mas também a educação no processo de luta dos movimentos sociais, participação em cursos, seminários, intercâmbios. Eles sempre estiveram muito presentes e me incentivaram.* (Oziel, egresso de Pedagogia da Terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa).

Na fala acima e na posterior, fica claro como o apoio e incentivo da família foram importantes para Oziel nas suas decisões, inclusive de sair de um trabalho e apostar na educação, uma formação que para ele foi além das salas de aula, se estendeu à participação em cursos de formação política, seminários e intercâmbios.

> *-A minha mãe por ser uma das organizadoras, uma das chamadas na época delegadas, era a pessoa na comunidade que ficava responsável em fazer a articulação do movimento social, entre manter esse elo entre a comunidade e o movimento, então, a gente ainda estava aí no processo. Inicia ainda no período do assentamento, a gente ainda estava em barracos de lona, depois vai conquistando outros benefícios e a perspectiva da luta do movimento sempre foi a do acesso à moradia, depois a construção das estradas, instalação de água, enfim, a construção de aguadas, a repartição da área para que todos os associados, todos os moradores do assentamento já pudessem ter seu pedaço de chão. E aí, quando em terminei o ensino médio e fui para Brasília, minha mãe recebe a mensagem do movimento social de que a UNEB abriria vagas nessa parceria com o PRONERA e com os movimentos sociais. Aí ela me ligou e colocou a situação e eu com vontade de estudar, embora gostasse de trabalhar bastante, eu também sentia essa necessidade de estudar, então, eu não pensei duas vezes e vim fazer o processo seletivo e passei no processo seletivo. Fiquei então aguardando o início das aulas. Foi então ali em 2004 que inicia as aulas e então eu fui até o final.* (Oziel, egresso de Pedagogia da terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa).

Oziel destaca na sua fala a importância da figura da sua mãe, agricultora e militante dos movimentos de luta pela terra no seu processo educativo, apoiando-o inicialmente na seleção

para o curso, consequentemente, após a aprovação neste, com o seu ingresso no curso superior de uma universidade pública. Atualmente, atua como trabalhador do Centro de Agroecologia do Semiárido (CASA)[18] e está cursando uma especialização. Seu trabalho está ligado à luta por vida digna no semiárido. Nesse sentido, Oziel ressalta:

> *-Nós estamos no semiárido mais chuvoso do mundo, então, o problema do semiárido não é a seca, o problema do semiárido é a cerca. A cerca que cerca a terra, que cerca a água, é a cerca que impede as políticas públicas de chegarem e é a ausência de políticas públicas para garantir que o povo tenha vida digna no semiárido.* (Oziel, egresso de Pedagogia da Terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa).

Como se pode observar, o pedagogo da terra Oziel atua na Educação do Campo em sua dimensão não escolar, no debate e na concretização de políticas públicas para a vida na região semiárida.

Altamiro

Egresso do curso de Agronomia, do Campus de Barreiras, estava com 53 anos no momento da entrevista. Natural do município de Vitória da Conquista, é militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) desta regional. Altamiro relatou como foi o seu processo de escolarização desde as séries iniciais até a conclusão do curso técnico no antigo CEFET, atual IFBA.

> *-Eu fui criado na roça e sai da roça muito menino, saí com 2 anos de idade e fui para a cidade, fiz o meu fundamental, me alfabetizei tardiamente, já velho. Lá pelos 10, 14 anos eu não sabia a ler ainda. Mais ou menos com 17 anos eu parei completamente de estudar por conta do trabalho né? Éramos uma família com poder aquisitivo muito pequeno, muito baixo e aí todos precisavam trabalhar. Aí eu trabalhava à noite e acabei parando de estudar por conta disso. [...] Aí parei e fiquei muito tempo e lá pelos 34 anos, 35 eu entrei no supletivo, fiz o supletivo do 1º grau, conclui, depois fiz o 2º grau.* (Altamiro, egresso de Agronomia, Campus IX Barreiras).

[18] O Centro de Agroecologia no Semiárido, com atuação no semiárido baiano, designado pela sigla CASA, foi constituído em 03 de setembro de 2002, com sede e foro na cidade de Guanambi, estado da Bahia. Surgiu como resposta a uma demanda de agricultores/as familiares ansiosos pela formação e assistência em agroecologia, bem como trabalhar com tecnologias de captação de água de chuva por meio da construção de cisternas para consumo humano, de produção e dessedentação animal. É preciso ressaltar que este trabalho foi iniciado em 1996 pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) da Diocese de Caetité-BA, em parceria com Paróquias e Pastorais da Igreja Católica, Sindicatos de Trabalhadores Rurais, Associações Comunitárias e Instituições Públicas e Privadas, constituindo assim, uma política de Convivência com o Semiárido (CASA, 2016).

Altamiro narra que iniciou sua escolarização tardiamente, que foi por meio da sua militância no MST que ele conheceu o PRONERA e teve a oportunidade de fazer um curso superior, acessar um mestrado e crescer profissionalmente trabalhando na UNEB com Educação do Campo e articulação com os/as camponeses/as.

> *- O PRONERA entrou no percurso da minha vida, porque minha vida começa ter um sentido mais amplo no momento em que eu conheço o Movimento Sem Terra, naquele momento minha vida começa a mudar e o PRONERA ele me tira lá de Vitória da Conquista e me coloca aqui em Salvador na articulação do estado da Bahia [...]O MST primeiro, depois o PRONERA me tiram dessa situação e me coloca em outro patamar, eu estou hoje na UNEB trabalhando com educação do campo, trabalhando com a articulação com os camponeses, estou trabalhando com o diagnóstico das escolas do campo no estado da Bahia, com o diagnóstico do fechamento das escolas do campo, que está sendo patrocinado pela SEC, eu estou hoje num mestrado, então tudo graças ao PRONERA, eu não estaria aqui agora conversando contigo se não fosse o MST e o PRONERA na minha vida e por consequência a UNEB, então são esses três sujeitos que transformaram a minha vida.[...]O que eu esperava aconteceu, porque foi um curso de agronomia especialmente voltado para nós, um curso de agronomia não convencional, um curso de agronomia que tinha como base a agroecologia, né... os trabalhos com a pequena agricultura, durante o curso muitas vezes fomos cooptados para trabalhar no agronegócio, muitas vezes, muitas vezes, o agronegócio fica cooptando os agrônomos para trabalhar fazendo receita de veneno para eles. Enfim o curso atendeu as expectativas, porque tivemos uma formação que são poucos agrônomos que tem essa formação que tivemos. Trabalhar com a pequena agricultura, enfim, trabalhar com as metodologias participativas*. (Altamiro, egresso de Agronomia, Campus IX Barreiras).

É possível perceber pela narrativa que, mesmo passando por um período difícil, Altamiro analisou a conjuntura e compreendeu que não poderia desistir do curso, dadas as poucas oportunidades de acesso ao nível superior para pessoas como ele que pertence à classe trabalhadora, assentado de áreas de reforma agrária.

Atualmente trabalha no Centro Acadêmico de Educação do Campo, em Salvador, contribuindo com a UNEB, com a articulação com os movimentos sociais. Altamiro é mestrando na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESC).

Maria Zilda

Egressa de Pedagogia da Terra, Campus Bom Jesus da Lapa, 38 anos no período da entrevista, Maria Zilda cursou o ensino fundamental I e II em área rural e o ensino médio na cidade. Na época que soube do curso de graduação pelo PRONERA, estava vinculada a um

movimento sindical do território do Sisal, ligado à Fundação de Apoio à Agricultura Familiar do Semiárido da Bahia (FATRES). Maria Zilda, diferente dos demais, não tinha tido contato anterior com o Pronera e conta que foi conhecer melhor sobre o programa e sobre a Educação do Campo no decorrer do curso Pedagogia da Terra.

> *-Nesse período, eu militava pelo movimento sindical, mas não era a FETAG, era o movimento sindical aqui do território do Sisal, ligado à FATRES. Eu tinha acabado de concluir o ensino médio e fui convidada por uma liderança. Eu não conhecia a proposta, não conhecia o PRONERA e foi bem interessante, porque nós fomos a primeira turma de nível superior nessa modalidade de alternância na Bahia. [...] Eu fui apresentada ao PRONERA, à Educação do Campo através da Pedagogia da Terra. Nesse período eu era dirigente sindical e saí da direção do sindicato assim que eu conclui o curso para assumir uma coordenação de educação do campo na prefeitura aqui do município, aqui do território do Sisal*. (Maria Zilda, egressa de pedagogia da terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa)

Maria Zilda relatou que uma das grandes dificuldades no decorrer do curso foi ter que lidar com a descrença da sua comunidade que não acreditava que ela havia sido aprovada no vestibular e enfrentar uma gestação no decorrer do curso. Explicou que, se não fosse o apoio que teve dos colegas nas atividades escolares e nos cuidados com sua filha, assim como o suporte da família, talvez não tivesse conseguido concluir a graduação.

Atualmente, Maria Zilda trabalha prestando serviço para uma associação de bairro que faz reforço escolar, orienta trabalhos de conclusão de curso. É mestre em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Robson

Egresso do curso de letras, Campus Teixeira de Freitas, 40 anos no período da entrevista, Robson cursou até a 7ª série em uma escola de comunidade rural. Da 8ª série em diante realizou sua escolarização na cidade. Destaca o apoio da sua família na sua trajetória tanto como estudante, quanto como militante.

> *-Meu pai também é muito atuante na organização, ele participa da organização do assentamento, participa das lutas, minha mãe também é mais caseira, mas tem essa noção da importância dos estudos. Eles sempre me deram mais que apoio, me incentivaram, meu pai sempre disse que se eu tivesse que escolher entre trabalhar e estudar que eu deveria estudar.* (Robson, egresso de Letras, Campus X Teixeira de Freitas).

Atualmente, Robson trabalha como professor substituto na Universidade Federal de Goiás (UFG) e é doutor pela Universidade de Brasília (UNB). Compreende que o PRONERA

fez dele um estudante e um profissional diferente do que ele seria se tivesse realizado um curso regular de letras.

> *-Sem a perspectiva do PRONERA, talvez eu até tivesse feito uma graduação, mas talvez não com a mesma qualidade e não com a mesma perspectiva que foi o PRONERA, porque um dos elementos que é interessante nesse programa é que o sujeitos não são só passivos do conhecimento quando tá participando de um curso de graduação, então, participamos ativamente do curso, inclusive da construção do seu currículo, dos conteúdos, da perspectiva teórica que defendemos, a perspectiva contra hegemônica, isso aí tá presente nessa configuração.* (Robson, egresso de Letras, Campus X Teixeira de Freitas)

Robson fez questão de ressaltar na sua fala a importância do PRONERA para a sua formação que foi além de uma simples graduação. Ele se identifica como sujeito ativo que participou desde o processo de luta e formulação do curso, até a construção da matriz curricular. Neste sentido, ele discute a capilaridade contra-hegemônica que um curso com essa formatação consegue alcançar.

Roseli Nunes

Egressa do curso de Pedagogia da Terra, do Campus de Teixeira de Freitas, no período da entrevista estava com 41 anos. Roseli afirmou que estudou toda a educação básica em escola na cidade.

Militante do MST, na época do curso de graduação pelo Pronera, não tinha filhos e já havia realizado um vestibular e estava cursando o 1º semestre do curso regular de Pedagogia, mas pela dificuldade de conciliar os estudos com a militância. Assim, optou por migrar para o curso de Pedagogia da Terra pelo PRONERA.

> *-Embora eu tenha feito pouco tempo do curso de Pedagogia regular em Barreiras, eu consigo fazer esse paralelo entre os dois e as expectativas que eu tinha em relação aos dois. O interesse em Pedagogia da Terra, eu não conhecia porque era novo, eu não tinha acompanhado nenhuma outra turma de Pedagogia da Terra, mas, assim, como a gente já vinha discutindo a educação do campo, era um período de lutas do campo, a gente estava nos primeiros seminários, nas primeiras conferências, então, a Pedagogia da Terra para mim era a materialização dessa luta para mim enquanto pessoa, né...Então, eu saí de um curso regular e fui para um curso que estava engajado nesse processo de luta que eu acreditava naquela época.* (Roseli Nunes, egressa de Pedagogia da Terra, Campus X Teixeira de Freitas)

Ao fazer o paralelo entre o curso regular e o realizado pelo PRONERA, Roseli consegue diferenciar os dois e fazer a relação entre o curso de Pedagogia da Terra composto por uma matriz curricular própria com o período de lutas, seminários e conferências que aconteciam

naquele momento, um período importante para o debate sobre a Educação do Campo.

Atualmente, Roseli trabalha como coordenadora pedagógica de uma escola do campo da rede estadual da Bahia, é especialista e mestre em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Joaquim

Egresso do curso de Pedagogia da Terra, Campus Teixeira de Freitas, na ocasião da entrevista, estava com 40 anos. Joaquim estudou em escola localizada na cidade e no ensino médio realizou o curso técnico em contabilidade, em seguida, fez o magistério pelo PRONERA, foi monitor da EJA também pelo programa, já havia prestado outros vestibulares e se especializou em Educação do Campo pelo Programa de Pós-Graduação do `PRONERA-UNEB[19].

> *-Eu estudei em escola na cidade em Pedro Canário até o 2º ano do ensino médio que eu estudei técnico em contabilidade, inclusive eu posso fazer um paralelo por que eu fiz outro ensino médio pelo PRONERA que foi o magistério e através do PRONERA alargou a percepção nossa com a questão da leitura no curso do PRONERA, diferente do curso convencional que eu fiz na cidade, não tinha essa preocupação em fazer esse link com as questões da sociedade, essa questão de se apropriar do conhecimento numa perspectiva de libertação, não tinha isso era uma formação mais voltada para o mercado de trabalho mesmo e depois já no ensino médio pelo PRONERA a gente já se despertou para essa questão da leitura de mundo, porque além das formações a gente tem os encontros e isso acaba fortalecendo alguns debates que temos.* (Joaquim, egresso de Pedagogia da Terra, Campus X Teixeira de Freitas)

Ao fazer uma análise da sua trajetória no programa, destaca a importância deste na sua atual leitura de mundo e as diferenças entre o público do PRONERA e outros/as educadores/as.

> *-Eu sempre gostei de estudar, agora, através do PRONERA, eu passei a gostar mais ainda de estudar, porque a gente sabe que conhecimento é poder também. Hoje a gente tá apto a tá em qualquer espaço debatendo com consciência de classe, consciência política, com análise de conjuntura, entendeu? Então, a gente tá muito bem lapidado. No dia a dia, com outros educadores, a gente percebe a diferença que é a gente fazer um curso dessa magnitude, dessa importância*. (Joaquim, egresso de Pedagogia da Terra, Campus X Teixeira de Freitas)

[19] Joaquim, foi o entrevistado que mais vivenciou o PRONERA em suas diversas modalidades, em alguns momentos como estudante, em outros como trabalhador do programa.

Joaquim tem a compreensão da importância da educação como instrumento de poder que o insere em vários espaços de disputa e, para ele, o PRONERA o lapida para os debates de análises de conjuntura, luta de classes e consciência política. Atualmente, é concursado pela rede municipal e contratado pelo REDA[20] na rede estadual, atuando como professor em ambas as esferas governamentais.

João Rodrigues

Egresso do curso de Direito, Campus I Salvador, na ocasião da entrevista, estava com 31 anos, é militante do CETA. João relata que estudou em escola do campo por toda a vida, inicialmente na educação básica numa escola localizada no seu povoado, posteriormente em uma Escola Família Agrícola[21] (EFA). Não chegou a realizar outros vestibulares e não deu continuidade aos estudos após a graduação. Atualmente João Rodrigues atua como técnico agrícola.

> *-Minha educação básica foi totalmente em escola do campo, eu comecei estudar numa escola de um povoado onde eu morava, era em área de zona rural, depois o ensino médio já foi em escola do campo na época com esse viés totalmente voltado para o campo e o ensino superior não foi diferente, embora não tenha sido no campo, mas foi com uma turma completamente oriunda do campo. Eu estudei em escola pública por toda a vida, estudei numa Escola Família Agrícola, curso técnico agrícola em Monte Santo, depois de lá continuei meus estudos na área técnica e tentei aprofundar com um curso de veterinária ou de agrônomo, mas por falta de ensino, de faculdade pública nas áreas de agronomia e veterinária eu acabei não cursando o que eu desejava, aí fui comecei o direito pelo PRONERA e hoje estou atuando como técnico agrícola ainda.* (João Rodrigues, egresso de Direito, Campus I Salvador)

João destaca a importância do apoio da família para o acesso e a permanência no curso que, por várias vezes, pensou em desistir.

> *-Minha família foi o pilar, na verdade foi que me motivou a ir prestar esse vestibular e também a permanecer no curso, né... por que nos primeiros dois anos foi totalmente desanimador, querendo desistir, por mais que eu estava ali pelo PRONERA, ser militante e entender que uma oportunidade daquela é*

[20] Regime Especial de Direito Administrativo é uma forma padronizada e uniformizada nas contratações, recontratações e prorrogações de serviços no estado da Bahia.

[21] São escolas comunitárias geridas pela associação de moradores e sindicatos rurais vinculados à comunidade. A metodologia utilizada nas EFA's é a pedagogia da alternância onde o/a estudante vivencia, por um período, o tempo escola e, por outro, o tempo comunidade. Incorporada à grade curricular estabelecida pelo MEC, são ministradas disciplinas de agroecologia, manejo animal, agricultura e agroindustrialização.

> *uma em um milhão, né...muitos queriam tá no meu lugar, mas eu sentia que não era a minha área, não conseguia ir a diante nos dois primeiros anos, mas minha família foi uma base, meu pai, irmão, tios e avós, além do mais a gente é filho de agricultor, a gente sabe da dificuldade que a gente tem e sem eles eu não tinha conseguido, eles me apoiaram , me manteram por lá financeiramente, então eu também tinha que por um lado fazer valer todo o esforço deles, então depois dos dois anos que eu tive até essa vontade de desistir do curso, aí depois eu comecei a me identificar com o direito e aprender a gostar de verdade da área.* (João Rodrigues, egresso de Direito, Campus I Salvador).

Outro destaque que João faz é que o curso foi muito além das expectativas dele. Mesmo que inicialmente tenha pensado em desistir por não se identificar com a área, com o passar do tempo e o contato com os colegas e professores engajados com a luta foi compreendendo a amplitude das áreas que o direito engloba e assim concluiu o curso que ele ressalta ter sido uma das turmas com menor índice de evasão.

Dandara

Egressa do curso de Agronomia, Campus Barreiras, Dandara estava com 44 anos na ocasião da entrevista. Único quilombola entre os/as entrevistados/as, pertencente a uma comunidade remanescente de quilombo em Bom Jesus da Lapa, é militante do movimento quilombola e do CETA. Ao discorrer sobre sua educação básica, Dandara nos conta que não chegou a estudar no quilombo, mas teve aulas com uma professora leiga "*numa casinha de taipa*" e que depois para dar continuidade aos estudos teve que migrar para uma escola localizada na cidade.

> *-No meu quilombo eu não cheguei a estudar, mas tinha escola, com uma professora leiga, depois tiraram. Eu estudei na alfabetização numa escola próximo a minha casa, porque assim, eu sou do quilombo, mas não estou morando no quilombo. Eu me lembro muito bem que era uma casinha de taipa, aqui na verdade era onde a gente iniciava, com uma senhora leiga também, aí aos 7, 8 anos eu fui para a sede do município*. (Dandara, egressa de Agronomia, Campus IX Barreiras)

Após concluir o ensino médio e a partir da vivência com os movimentos sociais, Dandara sentiu a necessidade de continuar estudando, mas relata emocionada que não conseguia ver a universidade como um espaço para ela, *"mulher preta, mulher negra quilombola".* Chegou a tentar outros vestibulares, sendo um deles para o curso de pedagogia da terra pelo PRONERA, mas não foi aprovada, conseguiu ingressar posteriormente no curso de agronomia.

> *-É muito de achar assim que a universidade não foi feita para a gente que é mulher preta, mulher negra quilombola, então eu não me via nesse espaço, então ali depois dos 21 eu estava com vontade de fazer, né... aí eu tentei a isenção do vestibular e eu consegui, mas aí ficou só nisso, na vontade, mas eu também não me via ali naquele espaço. Aí com 24 anos quando eu comecei a militar no movimento CETA e quilombola foi que eu fui vendo as possibilidades, a convivência também e foi de fato me direcionando, aí eu tentei pelo PRONERA pedagogia da terra, aí não consegui, aí depois surgiu agronomia, sempre levava para as assembleias da associação e concordaram e eu fui e passei no processo para fazer agronomia em Barreiras.* (Dandara, egressa de Agronomia, Campus IX Barreiras)

É possível perceber na fala de Dandara que foi a partir da sua vivência com os movimentos sociais que ela começa a acreditar que era possível sim uma mulher negra e quilombola adentrar aos espaços da universidade *"Quando eu comecei a militar no movimento em 2004, foi quando eu conheci o PRONERA, foi numa mobilização, nós ocupamos o CDA*[22]*, a partir daí eu fui me aproximando"* (Dandara, egressa de Agronomia, Barreiras). A militância neste sentido ampliou sua visão de mundo e a emponderou enquanto, mulher, negra e quilombola.

Após a graduação, Dandara afirmou ter cursado duas especializações, uma em Economia Solidária e Agroecologia e outra em Educação Ambiental. Atualmente, é mestre em relações étnico raciais e trabalha como agente comunitária de saúde na sua própria comunidade.

Adna

Camponesa, filha de camponeses, mãe e professora de Língua Portuguesa do município de Itabuna. É assim que Adna se identifica. Com 37 anos na ocasião da entrevista, é egressa de Letras, realizado no Campus X em Teixeira de Freitas. Nasceu no Piauí e, desde o nascimento, já morava no campo. Disse que estudou em uma escola da sua comunidade campesina até a 4ª série, depois disso, foi estudar na cidade.

Adna relata que não conhecia a UNEB antes da graduação e conheceu o PRONERA por meio do MST.

> *-Eu fiquei sabendo por meio do movimento desse curso de Letras que ia abrir por meio da parceria com o PRONERA. Fiz o curso preparatório, passei na seleção e fui fazer o curso. Em 2012, eu fiz uma especialização em linguagens, pela UNB, também pelo PRONERA, numa parceria do MST com a UNB. Em*

[22] Coordenação de Desenvolvimento Agrário, atual Superintendência de Desenvolvimento Agrário (SDR)

> *2014, eu fui para Brasília e lá eu fiz o mestrado em linguística pela UNB e fiquei ao mesmo tempo contribuindo concomitantemente na Educação do Campo, como assessora pedagógica e professora voluntária.* (Adna, egressa de letras, Campus X Teixeira de Freitas).

Como se pode observar pela fala de Adna, sua graduação em Letras foi uma porta que se abriu para seguir a formação e também a atuação na Educação do Campo. Em relação a sua graduação em Letras, ressalta:

> *-A gente se deslocou poucas vezes para o Campus, que eu me lembre bem só quando a gente foi fazer a disciplina Tecnologia da Informação porque precisava de computador e no assentamento não tinha. Tem uma coisa muito ímpar em quem é da militância que é de ir e não abaixar a cabeça, de saber o seu lugar de fala, de saber se impor. Então, eu acho que a gente fez isso muito bem, a gente tinha uma consciência militante e um compromisso com os estudos, era tipo... A gente está na universidade que historicamente foi negada à classe trabalhadora, que muitos dos nossos povos não tiveram a oportunidade de estar aqui, então, a gente precisa se apropriar com muita responsabilidade, muito compromisso, muita seriedade. A gente já chegou marcando presença visual no Campus todo, então, a gente já chegou colando bandeiras do MST nas portas dos professores*. (Adna, egressa de Letras, Campus X Teixeira de Freitas).

Adna relata que, nas poucas vezes que ela e seus colegas tiveram que se deslocar para o Campus, sentiram a necessidade de marcar presença naquele espaço que historicamente foi negado aos povos do campo. Uma das formas que encontraram para fazer isso foi colando bandeiras do MST nas portas, "era como se disséssemos também estamos aqui, também podemos pisar esse chão" (Adna, egressa de Letras, Teixeira de Freitas).

Atualmente, Adna é professora concursada da rede municipal de Itabuna, trabalha em uma escola localizada em área periférica com estudantes em situação de vulnerabilidade social.

Margarida

Egressa dos cursos de Pedagogia da Terra, em Bom Jesus da Lapa, e Direito, graduação oferecida no Campus I da UNEB em Salvador, Margarida estava com 46 anos no período da entrevista e se identifica como "uma boa filha de camponês". Margarida, ao falar de si, começa por narrar uma história de vida marcada por dificuldades que vieram desde a infância e assim inviabilizou que ela vivenciasse essa fase da vida como é o direito de toda criança.

> *-Eu costumo dizer que eu não vivi a infância, a adolescência, porque eu conseguia compreender a necessidade de que a gente passava e a gente não consegue vivenciar muito a infância quando a gente tá vendo o perrengue*

> *dentro de casa. Como toda boa filha de camponês, a gente camponesa, sem-terra nesse país e que conseguiu ter a oportunidade de compreender como é que funciona essa sociedade, como é que se estrutura aí do sistema capitalista, esse descaso da sociedade com o camponês que passa por todos os perrengues que todo camponês já passou e consegue compreender, porque tem vários que passam e não compreendem e por isso naturalizam.* (Margarida, egressa de Direito, Campus I Salvador e Pedagogia da Terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa).

Entre todos/as os entrevistados/as, Margarida foi a única egressa de dois cursos de graduação pelo PRONERA. No ensino médio cursou o magistério e conta que o desejo do pai analfabeto era realizar sua festa de formatura, contudo, ela já tinha a preocupação com a necessidade de um trabalho para ajudar arcar com as despesas da família.

Militante do Movimento CETA e do Fundo de Pasto, ela narra que seu sonho era graduar-se em Matemática ou História. Chegou até a prestar vestibular para Matemática, mas sem êxito. Afirmou que, a partir da graduação em Pedagogia da Terra, conseguiu compreender a função social da educação e esse conhecimento que foi adquirido na graduação passou a qualificar sua militância nos movimentos sociais.

> *. E aí, quando eu fiz a Pedagogia da Terra, eu entendi a função social da educação. Aí eu decidi que eu queria era ser professora mesmo. Para além de ser professora, eu queria ser educadora, porque eu também assumi a coordenação de educação do movimento, coordenação estadual, fui me embriagando pela discussão da Educação do Campo, então, eu já tinha essa discussão e a Pedagogia da Terra veio qualificar a minha militância na Educação do Campo.* (Margarida, egressa de Direito, Salvador e Pedagogia da Terra, Campus Bom Jesus da Lapa).

Após a conclusão do curso de Pedagogia da Terra, Margarida realizou uma especialização em Educação do Campo, pela UFRB. Em seguida, foi para Salvador cursar Direito. Sobre esse momento, ela destaca os desafios de uma mãe solo e conseguir conciliar os estudos com a criação de um filho, mesmo contando com uma rede de apoio.

> *-Quando eu fiz a especialização eu já fui grávida, eu fiz em Amargosa. Eu fui participar da seleção já grávida dele, aí pari ele na especialização. Quando eu fiz o curso de Direito, eu ainda precisei levar ele para o curso alguns semestres. Aí, quando ele completou dois anos e meio, que aí a escolinha particular aqui já pegava, aí eu fui coloquei ele na escolinha e não levei mais para o curso. Foi muito difícil, cansei de sair daqui de casa chorando por ter que deixá-lo. Cansei de chorar na faculdade. Eu só conseguia pagar passagem para minha irmã ir com ele para Salvador uma vez no semestre, então, ele sofria de lá e eu sofria de cá [...]foi muito doloroso, mas faria tudo novamente.* (Margarida, egressa de Direito, Campus I Salvador e Pedagogia da Terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa).

Como educadora que está para além das salas de aula, Margarida incentiva os/as

companheiros/as a estudarem por acreditar que somente a educação é capaz de libertar um povo e que a luta pela terra precisa caminhar lado a lado com a luta por uma educação digna, a luta pela Educação do Campo.

> *Eu sempre motivo o povo a estudar. Eu sempre digo que a terra não liberta ninguém. Companheiros que tombaram, que a gente enterrou, a dor de ter perdido os companheiros, o sangue dos companheiros, infelizmente, e me dói muito dizer isso, se a morte dos que tombaram servisse para libertar o povo, pra emponderar o povo, pra fazer o povo entender que precisa lutar e fazer justiça, o que liberta é o conhecimento, nós ocupamos o latifúndio da terra e, por mas vocês achem que foi difícil, não foi. O mais difícil é o latifúndio do conhecimento, esse sim, as portas estão trancadas e pra gente abrir a gente tem que ter muito sangue na veia, muita força de vontade e é esse que a gente precisa ocupar, porque é esse que liberta o povo*. (Margarida, egressa de Direito, Campus I Salvador e Pedagogia da Terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa).

A fala de Margarida demonstra a importância do papel da educação para a formação do cidadão crítico em uma sociedade de classes que exclui os sujeitos do campo desse processo para garantir o controle da formação humana e dos meios de produção.

Ocupar os espaços da universidade, por meio de uma política pública como o PRONERA, é um movimento contra-hegemônico na história brasileira. O perfil dos/as egressos/as que participaram desta pesquisa evidencia que o povo do campo experimentou esse lugar. O quadro a seguir sintetiza isso:

Quadro 6 – Atuação dos\os entrevistados\as

NOME DO/A ENTREVISTADO	CURSO	CAMPUS	ATUAÇÃO
Maria Zilda	Pedagogia da Terra	Bom Jesus da Lapa\Campus XVII	Prestadora de serviço numa associação de bairro
Oziel	Pedagogia da Terra	Bom Jesus da Lapa\Campus XVII	Funcionário do Centro de Agroecologia do Semiárido (CASA)
Roseli Nunes	Pedagogia da Terra	Teixeira de Freitas\ Campus X	Coordenadora pedagógica
Joaquim	Pedagogia da Terra	Teixeira de Freitas\ Campus X	Professor

NOME DO/A ENTREVISTADO	CURSO	CAMPUS	ATUAÇÃO
Adna	Letras da Terra	Teixeira de Freitas\ Campus X	Professora
Robson	Letras da Terra	Teixeira de Freitas\ Campus X	Professor Universitário
Dandara	Agronomia	Barreiras\Campus IX	Agente Comunitária de Saúde
Altamiro	Agronomia	Barreiras\Campus IX	Funcionário do Centro Acadêmico de Educação do Campo da UNEB
Margarida	Direito	Salvador\Campus I	Professora
João Rodrigues	Direito	Salvador\Campus I	Técnico Agrícola

Fonte: entrevistas.

No geral, os/as entrevistados /as desta pesquisa, respeitadas as suas individualidades, apresentam um perfil bem próximo um do outro. No início das entrevistas, quando se solicitava que falassem um pouco sobre eles/as, todos se identificaram como agricultores/as e filhos de agricultores/as. Outro ponto que chama atenção é o destaque que todos fazem sobre o apoio da família para o ingresso no curso, vendo ali uma possibilidade de mudança de vida. Todos compreendem o PRONERA como uma importante política para os povos do campo e fazem a correlação de como o programa foi essencial para suas formações como agentes multiplicadores dentro das suas comunidades.

Ao realizar o questionamento sobre suas contribuições atualmente para o projeto de Educação do Campo, é consensual que o PRONERA garantiu essa percepção e possibilidade, mesmo para quem não trabalha diretamente com educação, como na fala de Dandara que diz *"eu fui aprendendo com o tempo que para educar eu não precisava ser professora. Minhas ações educam, minha vestimenta educa, minha fala e minha militância educa".* Todos/as defendem a permanência do programa, inclusive, pautando para isso a garantia de sua continuidade como uma Política de Estado, sua expansão e maior financiamento para as ações.

6.2 "NÓS OCUPAMOS ALGUMAS UNIVERSIDADES PARA ACEITAR O NOSSO PROJETO": HEGEMONIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTRA-HEGEMÔNICAS

> *-Como nós estávamos na autuação e lutamos, eu participei do processo de luta para a conquista do curso também, isso dentro dos setores do movimento. A expectativa sempre foi muito grande porque, primeiro, essa ideia da classe trabalhadora e os povos do campo terem acesso ao curso superior, segundo essa perspectiva de formar educadores que tinham essa perspectiva do campo mais familiarizada. Quer dizer, não era só formar os professores num nível de educação, mas formar com uma intencionalidade política que voltassem e tivessem essa perspectiva de pensar que a formação não era uma formação individual, mas sim coletiva e essa formação coletiva precisaria dar o retorno também para a coletividade, também para os assentados. Então, nesse sentido, eu já entrei no curso pensando e sabendo dessas perspectivas, porque eu ajudei como militante a construir isso. É claro que dentro das contradições de qualquer curso também tivemos alguns problemas em relação especial a essa demanda de informações que era nova para a classe trabalhadora, em especial, para quem tinha muito tempo sem estudar. Muitos dos assentados que foram fazer o curso tinha muito tempo sem estudar formalmente, então, isso gera um impacto, nós tivemos alguns problemas de adaptação, de organização, de aprender novamente como se estuda, mas também as soluções foram coletivas, isso foi sendo suprido com os grupos de estudos que nós criando paralelos às aulas para dar conta das atividades. Então, o curso ele supriu as expectativas de formar educadores, mas além disso de formar professores da classe trabalhadora voltado para o campo.* (Robson, egresso de Letras, Campus X Teixeira de Freitas)

> *-Em 2008, nós ocupamos algumas universidades para aceitar o nosso projeto de Agronomia, nosso projeto que a gente estava construindo naquele momento. Nós precisávamos de uma universidade que aceitasse aquele curso. Ocupamos a UESB, ocupamos a UESC, a UFBA, por fim, a UNEB aceitou o nosso projeto.* (Altamiro, egresso de Agronomia, Campus IX Barreiras).

> *-E o PRONERA é pra mim esse marco, que ali fortaleceu essa necessidade, essa articulação direta entre a luta dos movimentos sociais e o papel que a educação exerce nesse processo. Não é só sobre Educação do Campo, mas na luta sobre direitos pela terra e tantas outras que são bandeiras dos movimentos e organizações sociais [...]Na época, a gente estava numa área de Reforma Agrária, eu e minha família, e a gente conseguiu conquistar pela luta do movimento social junto ao INCRA, junto ao Governo Federal e na parceria com a Universidade do Estado da Bahia garantir a implantação do curso de Pedagogia da Terra. Nesse período, eu havia participado anteriormente do processo de luta, né. [...] Do ponto de vista de contribuição, ao acessar o PRONERA, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa, nós tivemos uma oportunidade nesse curso de discutir, tanto a matriz curricular comum de qualquer curso de graduação em Pedagogia, mas tivemos a oportunidade de trabalhar outros componentes curriculares que nos permitiram dialogar essa relação entre os saberes sistematizados, entre os saberes da universidade e a relação com o campo, saberes produzidos pelos sujeitos do campo, inclusive, com o meu próprio saber enquanto sujeito do campo, que historicamente teve o direito à educação negado.* (Oziel, egresso de Pedagogia da terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa)

Esses trechos extraídos das entrevistas foram escolhidos para introduzir este tópico por

descreverem como o PRONERA se coloca nesse cenário de contra-hegemonia que vai além da educação ofertada entre quatro paredes de uma sala de aula. As falas demonstram que o PRONERA, aliado à militância nos movimentos sociais e sindicais, educa para uma compreensão mais ampla e crítica de mundo, possibilitando que esses sujeitos participem de todo o processo de construção dessa política.

Das ocupações de prédios públicos, como forma de manifestação, à formatação coletiva das matrizes curriculares, esses indivíduos que, ao mesmo tempo são demandantes, participaram da elaboração e gestão dos projetos dos cursos. Por isso, se colocam na contramão da história de negação de suas condições de sujeitos ativos. Estão na via contra-hegemônica.

Para entendermos esse movimento, toma-se por referência o conceito de hegemonia desenvolvido por Antonio Gramsci no contexto histórico da Europa após o lançamento do Manifesto do Partido Comunista por Marx e Engels em 1848.

Contudo, as teorias do movimento socialista e as expostas no Manifesto Comunista, naquele momento, já não dão conta de explicar as dinâmicas contidas nas relações de forças sociais, sobretudo, após as profundas transições ocorridas na sociedade nesse período.

No Manifesto do Partido Comunista, Marx e Engels compreendem que o Estado representava toda a sociedade civil e atuava como um "comitê para gerir os negócios comuns de toda classe burguesa" onde "o poder político era o poder organizado de uma classe para a opressão de outra" (MARX; ENGELS, 1998, p. 59). Ao Estado cabia o papel de englobar toda a sociedade civil, até então caracterizada pela sua inexistência enquanto seguimento social, "todas as instituições coletivas eram mediadas pelo Estado, adquirindo por meio dele uma forma política" (MARX; ENGELS, 2007, p. 76).

Gramsci, então, formula um novo conceito de Estado, em que a sociedade civil assume papel de grande relevância neste novo contexto. Para tanto, ele apresenta o desdobramento de novas manobras políticas utilizadas pela burguesia para garantir o controle estatal. A conquista desse domínio se deu tanto pelo uso da força coercitiva, quanto pelo acolhimento de demandas políticas de grupos subalternos. A sociedade civil que anteriormente apresentava-se pouco expressiva, neste cenário, já se apresenta enquanto parte coesa do Estado.

O conceito de hegemonia discutido por Gramsci detalha o processo pelo qual uma classe ou um grupo social conquista e mantém sua liderança política e cultural sobre outras classes e ouros grupos sociais através do uso de sua influência, ideias, valores e práticas. Ele argumentou que a hegemonia não se limitava ao controle econômico ou político, mas também envolvia a produção e legitimação de ideologia e valores que moldavam as percepções das pessoas sobre a realidade e suas relações sociais. Para Gramsci (referência), a luta política era

fundamentalmente uma batalha pela hegemonia cultural e ideológica, visando estabelecer uma nova ordem social baseada na solidariedade e cooperação entre classes e grupos sociais.

Nesse processo dialético que medeia reivindicações e concessões, formou-se, ao longo do tempo, organizações da sociedade civil que foram constituindo vínculos a partir da percepção de determinados grupos enquanto um seguimento social. Podemos citar como exemplos: os partidos políticos, o sindicato, a imprensa, a escola, entre outros.

A contra-hegemonia para Willians (1979) representa formas alternativas e que se opõem por meio de experiências, valores, significados à cultura dominante. Nos estudos relacionados à educação, Saviani (2008) discute o conceito de contra-hegemonia a partir das teorias pedagógicas, que ele divide em dois polos: o grupo hegemônico ou dominante que determina as diretrizes educacionais na perspectiva de reproduzir a ordem vigente, do outro lado está o movimento contra-hegemônico que representa os interesses de setores das chamadas classes oprimidas.

> As teorias pedagógicas se dividem, de modo geral, em dois grandes grupos: aquelas que procuram orientar a educação no sentido da conservação da sociedade em que se insere, mantendo a ordem existente. E aquelas que buscam orientar a educação tendo em vista a transformação da sociedade, posicionando-se contra a ordem existente. As primeiras correspondem aos interesses dominantes e, por isso, tendem a hegemonizar o campo educativo. As segundas correspondem aos interesses dominados situando-se, pois, no movimento contra-hegemônico. Numa sociedade como a nossa, de base capitalista, as pedagogias hegemônicas correspondem aos interesses da burguesia, já que esta ocupa a posição de classe dominante. E as pedagogias contra hegemônicas correspondem aos interesses do movimento operário. (SAVIANI, 2008, p.12).

O PRONERA se apresenta neste contexto pautado por uma lógica contra-hegemônica de educação, tem seus atores sociais envolvidos em todas as etapas, que vão desde a demanda por novos cursos, até a elaboração do projeto pedagógico e do currículo, uma forma de demarcar espaço, poder e a identidade dos povos do campo na construção de uma proposta de educação que seja uma alternativa à educação defendida pelos grandes conglomerados.

Freire (1996) discute que a educação, no geral, segue a tendência de reproduzir a ideologia dominante, entretanto, se esta for desenvolvida por meio da criticidade, contribuirá para a superação desse projeto ideológico. É nesse sentido que precisamos pensar o processo educativo como algo capaz de considerar a cultura, processos artísticos e históricos próprios do contexto social dos estudantes, trabalhando na direção de contribuir com a desconstrução de uma escola como mera reprodutora de uma hegemonia social atualmente vigente.

A educação precisar ser capaz de fazer com que o sujeito se identifique naquele espaço e se perceba como parte dele, que não tenha aquela realidade como algo distante ou impossível, conforme Dandara relata em sua fala.

> *-Sabe quando você tem um desejo distante e não sabe como chegar? Eu pensava... Como eu faço para chegar ali? Será que eu consigo? Então foi muito nessa eu queria, mas não via muitas possibilidades, não via caminho, não me via naquele espaço. Aí eu sou muito grata às pessoas do movimento, porque, a partir de quando eu comecei a militar, , eu comecei a despertar para essa possibilidade. Aí quando veio a turma do PRONERA pra cá, a turma de Pedagogia, aí outros quilombolas participaram, aí você vê as possibilidades, né? Isso é o tanto que o nosso povo nos encoraja. Eles vinham e diziam que a gente também tinha que ir pra cima, ocupar o espaço que era nosso, mas sabe assim... Eu acho que tudo é o momento em que você começa a ver as coisas, a partir do momento que eu comecei e não parei e eu sempre levo comigo... "Olha não é você que está aqui, é seu quilombo todinho" sempre foi a comunidade toda, a minha e as demais [...]Éramos uma turma de 52 acampados, assentados e quilombolas. Num primeiro momento foi uma luta, né, conseguir levar essa turma para Barreiras que é a terra do agronegócio, então, foi impactante. As pessoas... alunos, professores, funcionários, eu acredito que era medo, não tinha nenhuma aproximação com a gente, de professor se negar mesmo até a se negar a dar aula. Aí o tempo foi passando e as pessoas foram vendo que não era aquilo também e foi mudando.*(Dandara, egressa de Agronomia, Campus IX Barreiras).

> *O que eu esperava aconteceu, porque foi um curso de Agronomia especialmente voltado para nós, um curso de Agronomia não convencional, um curso de Agronomia que tinha como base a agroecologia, né? Os trabalhos com a pequena agricultura, durante o curso, muitas vezes fomos cooptados para trabalhar no agronegócio. Muitas vezes, muitas vezes, o agronegócio fica cooptando os agrônomos para trabalhar fazendo receita de veneno para eles. Enfim, o curso atendeu às expectativas, porque tivemos uma formação que são poucos agrônomos que tem essa formação que tivemos. Trabalhar com a pequena agricultura, enfim, trabalhar com as metodologias participativas.* (Altamiro, egresso de Agronomia, Campus IX Barreiras).

A educação contra-hegemônica precisa contribuir para a formação de sujeitos capazes de formular indagações acerca do mundo. As falas de Dandara e Altamiro evidenciam as contradições por dentro da universidade pública e nos contextos em que ela se situa. O curso de graduação em Agronomia é um exemplo de uma formação universitária que, na história do Brasil, sempre buscou formar profissionais para atender aos interesses do capital, da burguesia agrária atualmente conhecida como agronegócio. Todavia, a graduação pelo PRONERA/UNEB foi, nas palavras de Altamiro, "*um curso de Agronomia não convencional"* que tomou como base a Agroecologia, uma perspectiva contrária àquela hegemonicamente presente na área.

Essa perspectiva contra-hegemônica se justifica porque as graduações pelo PRONERA foram pensadas com os povos do campo organizados em Movimentos Sociais. Como Altamiro

afirmou "*nosso projeto que a gente estava construindo naquele momento";* porque foram graduações cujas matrizes curriculares eram ampliadas, conforme Oziel ressaltou *"[...] tivemos a oportunidade de trabalhar outros componentes curriculares que nos permitiram dialogar essa relação entre os saberes sistematizados, entre os saberes da universidade e a relação com o campo [...]"* e porque *"[...] a formação não era uma formação individual, mas sim coletiva e essa formação coletiva"* (Robson). Esses aspectos contradizem a lógica hegemônica dos cursos de graduação pensados sem a participação de quem mais interessa.

6.2.1 "LÁ VEM OS ESFOMEADO DA ROÇA": UNIVERSIDADE PÚBLICA, DIFICULDADES DE ACESSO, PERMANÊNCIA E UM ESPAÇO PERMEADO POR TENSÕES

> *-Por ser uma turma especial, a gente encontrou algumas resistências na universidade...E aí isso foi um ponto crucial e um pouco humilhante pra gente... e acabava fazendo com que a gente pensasse na desistência. A gente, quando chegou na universidade, não tinha uma sala específica, a gente era tratado diferente das outras turmas, apesar de tá tudo ali no mesmo departamento. A gente chegou a estudar em almoxarifado. Até que a gente conseguisse ter uma sala de aula nossa foi uma luta, mas, logo no início, além daquele susto de você tá vivenciando uma outra vida, acabava desmotivando. [...] O preconceito, a forma como eles nos tratavam era evidente por toda a universidade. Tipo assim, na hora do lanche, eles nunca se enturmavam com a gente. Uma pessoa ou outra era que se enturmava com a gente. A gente ficava um pouco sentido por ser uma universidade pública e a gente sabia que ali tinha muitas pessoas que passavam por dificuldades como a gente, mas, mesmo sendo pública, é uma faculdade elitizada, um curso elitizado na verdade. Aquelas pessoas que estavam ali fazendo aquele curso tinham nomes, como diz o ditado, então, a gente encontrou essa resistência também e durou, viu... Durou aí mais de dois anos, por aí. No primeiro ano foi uma dificuldade imensa, até na questão da alimentação. A gente tinha a bolsa para se manter por lá, uma bolsa pequena, mas a gente se virava, então, tudo que a gente tinha era organizado, todo mundo reunia o dinheiro numa conta, como a gente ficava todo mundo numa república do Governo do Estado, então, a gente conseguia fazer o dinheirinho render e na faculdade a gente fazia um pacote no restaurante, então, o outro pessoal ou ia antes ou ia depois da gente. Geralmente eles iam antes, porque eles tinham medo da gente comer a comida toda... "lá vem os esfomeado da roça"...* (João Rodrigues, egresso de Direito, Campus I Salvador).

O relato de João Rodrigues demonstra que, mesmo após o processo de democratização do acesso ao ensino superior com a promulgação da Lei nº 12.711/2012[23] e a implantação de

[23] Aqui nos referimos à conhecida Lei de Cotas que busca reparar a dívida histórica das universidades com as populações negras do Brasil. A citada lei usa critérios raciais, econômicos (renda familiar) e a condição de

políticas públicas como PRONERA, a universidade brasileira continua apresentando dificuldades em trabalhar com diferentes sujeitos. Essa realidade demonstra que o acesso a estas instituições de ensino continua sendo um instrumento excludente baseado no discurso de meritocracia e a permanência permeada por conflitos e tensões marcadas pela dificuldade de convivência com o diferente. Como João disse "*mesmo sendo pública, é uma faculdade elitizada, um curso elitizado na verdade".*

A entrada do povo do campo nos espaços da universidade indaga o modelo de universidade e, ao mesmo tempo, educa os/as camponeses/as na afirmação da educação como direito em todos os níveis.

> *-A gente sentia de um lado também o choque de nós de movimentos, de organizações, com outras vestimentas, turbantes, com outras culturas, porque éramos um coletivo de pessoas de várias regiões da Bahia, gente de comunidade quilombolas, gente de acampamentos, gente ligado aos sindicatos, então, automaticamente, de forma geral, era um choque, né? Tanto para nós, mas também eu acho que maior para quem estava ali e nos via e algumas pessoas que a gente sentia que olhava para a gente e como se dissesse: "Aqui não é lugar para vocês, aqui não é lugar para o sujeito que chega de chinelo de couro, de bermuda, que chega de chapéu, enfim, não é lugar para quilombolas, não é lugar para assentados da reforma agrária", que historicamente eles veem como baderneiros na luta dos movimentos sociais, mas, com tudo isso, acho que ocupar esse espaço da própria universidade acho que foi contribuir para que a universidade fosse se apropriando desse papel dela e que esses sujeitos também são sujeitos de direitos e precisam estar no chão da universidade.* (Oziel, egresso de Pedagogia da terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa).

A fala de Oziel revela outra importante questão, o processo histórico de criminalização dos movimentos sociais, vistos como *"baderneiros",* como ele próprio relata. O processo de criminalização dos movimentos sociais faz parte de um pacote de estratégias utilizadas pelas classes dominantes com o objetivo de dificultar as lutas sociais e a conquista de direitos. Assim, o controle exercido pelas forças conservadoras sobre as instituições do Estado permite que diversos mecanismos sejam utilizados de forma clara e objetiva contra a classe trabalhadora. No caso da classe trabalhadora do campo, a negação do direito à escolarização faz com que a maioria dos/as entrevistados/as só tentasse o acesso a um curso de graduação a partir dos projetos do PRONERA.

Quadro 7 - Tentativas anteriores de aprovações em vestibulares regulares

---

egresso/a de escola pública para ampliar a democratização do acesso ao Ensino Superior.

ESTUDANTE	CURSO	CAMPUS	VESTIBULARES ANTERIORES
Oziel	Pedagogia da terra	Bom Jesus da Lapa	NÃO
Altamiro	Agronomia	Barreiras	NÃO
Dandara	Agronomia	Barreiras	SIM
Maria Zilda	Pedagogia da terra	Bom Jesus da Lapa	NÃO
Margarida	Direito Pedagogia da terra	Salvador Bom Jesus da Terra	SIM
João	Direito	Salvador	NÃO
Joaquim	Pedagogia	Teixeira de Freitas	SIM
Robson	Letras	Teixeira de Freitas	NÃO
Adna	Letras	Teixeira de Freitas	NÃO
Roseli Nunes	Pedagogia da terra	Teixeira de Freitas	SIM

Fonte: Entrevistas

No quadro 7, que sintetiza as tentativas anteriores de aprovações em vestibulares regulares dos/as entrevistados/as egressos/as do PRONERA/UNEB, é possível perceber que dos 10 (dez) entrevistados, 6 (seis) não chegaram nem mesmo a tentar vestibulares regulares antes do PRONERA e os outros 4 (quatro) que se submeteram ao exame apenas 1 (uma) obteve aprovação. Isso demonstra como a universidade brasileira ainda é uma instituição seletiva, elitista e excludente, embora, ao longo das últimas duas décadas, tenhamos avançado no seu processo de democratização (Ristoff, 2014 apud Marques. 2011. p. 119).

Maria Zilda, egressa do curso de Pedagogia da Terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa, relata que foi aprovada em um vestibular regular para o curso de Pedagogia e até chegou a cursar o primeiro semestre, contudo, por conta da distância do seu município ao ser aprovada na seleção do PRONERA optou por migrar para este.

> . *De fato, ele foi um curso que atendeu às expectativas de entender a Educação do Campo como uma política necessária, entender essa negação da educação dos povos do campo, essa compreensão que talvez dentro do Campus IX eu não teria, até porque é outro foco, outra grade curricular, a nossa era bem específica. Então ele atendeu as minhas expectativas, da profissionalização também, eu costumo dizer assim... eu tenho várias colegas, a gente teve oportunidades na Pedagogia da Terra que em outro curso não teria, de formação política principalmente. Mas não só isso, do pedagogo que atua em vários espaços, seja ele da gestão, da coordenação, na sala de aula, essa visão mais ampla*. (Maria Zilda, egressa de Pedagogia da terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa).

Maria Zilda consegue traçar um paralelo entre a experiência dos dois cursos, o primeiro de Pedagogia de uma turma de oferta regular e o segundo de uma turma de Pedagogia da Terra pelo PRONERA, com uma matriz curricular específica e sendo a primeira experiência de projeto de ensino superior pelo programa na Bahia. Para ela, a graduação pelo PRONERA foi

uma experiência enriquecedora, pois, além de ter vivido o conteúdo teórico entre as quatro paredes da sala de aula, teve a oportunidade de colocar o conhecimento adquirido em prática no tempo escola e nas lutas dos povos do campo como militante participando de seminários, conferências em torno das pautas da Reforma Agrária e da Educação do Campo.

> *-A gente se deslocou poucas vezes para o campus, que eu me lembre bem só quando a gente foi fazer a disciplina tecnologia da informação, porque precisava de computador e no assentamento não tinha. Tem uma coisa muito ímpar em quem é da militância que é de ir e não abaixar a cabeça, de saber o seu lugar de fala, de saber se impor, então eu acho que a gente fez isso muito bem, a gente tinha uma consciência militante e um compromisso com os estudos, era tipo[...]A gente já chegou marcando presença visual no campus todo, então, a gente já chegou colando bandeiras do MST nas portas dos professores*. (Adna, egressa de Letras, Campus X Teixeira de Freitas)

A fala de Adna é incisiva ao frisar a postura de demarcação de espaço dentro da universidade, inclusive no campo visual, pela militância. Esse comportamento se apresenta como forma de resposta e resistência aos preconceitos e tensões vividas dentro daquele ambiente.

> *-É preciso pensar que a gente está na universidade que historicamente foi negada à classe trabalhadora, que muitos dos nossos povos não tiveram a oportunidade de estar aqui, então a gente precisa se apropriar com muita responsabilidade, muito compromisso, muita seriedade dessa oportunidade que estamos tendo.* (Adna, egressa de Letras, Campus X Teixeira de Freitas)

Adna, assim como outros\os entrevistados\as, destaca a consciência da histórica negação ao acesso à educação aos povos do campo, processo que vai se afunilando à medida em que vai aumentando o nível de escolarização.

Quadro 8 – Nível de escolarização dos entrevistados\as

Nome	Curso	Campus	Idade	Escolaridade
Oziel	Pedagogia da terra	Bom Jesus da Lapa	39	Especialização em andamento
Altamiro	Agronomia	Barreiras	53	Mestrado em andamento
Dandara	Agronomia	Barreiras	44	Especialista em Agroecologia e em Economia Solidária. Mestre em relações étnico-raciais
Maria Zilda	Pedagogia da terra	Bom Jesus da Lapa	38	Mestre em Educação do Campo
Margarida	Direito e Pedagogia da terra	Salvador Bom Jesus da Lapa	46	Especialista em Educação do Campo
João	Direito	Salvador	31	Graduação

Nome	Curso	Campus	Idade	Escolaridade
Joaquim	Pedagogia	Teixeira de Freitas	40	Especialista em Educação do Campo pelo PRONERA
Robson	Letras	Teixeira de Freitas	40	Doutorado
Adna	Letras	Teixeira de Freitas	37	Mestre em Linguística
Roseli Nunes	Pedagogia da terra	Teixeira de Freitas	41	Especialista e Mestre em Educação do Campo

Fonte: Entrevistas

Há uma representação de alguns setores em nosso país de considerar o camponês/camponesa e o que é oriundo do campo como parte atrasada e descontextualizada de tudo o que é tido como modernidade (referência de autores/as que falam disso). A educação é fator preponderante para mudança dessa crença política e cultural. É por meio de um processo formativo que compreenda a diversidade de dimensões que envolvem os povos do campo e seus costumes que será possível desconstruir esse tipo de crença e representação social historicamente construída.

Como é possível perceber no quadro 8 os/as egressos\as dos cursos superiores do PRONERA\UNEB estão quebrando os preconceitos em relação aos povos do campo ao dar continuidade aos seus estudos e conquistar seus espaços no meio acadêmico. Esse movimento contra-hegemônico de ocupar os espaços sociais em todas as suas esferas é de grande relevância para a formação de futuros profissionais com novas concepções sociais.

6.3 – "[...] *A FORMAÇÃO NO PRONERA, ELA ME ENCAMINHA PARA A CONTINUIDADE NA LUTA":* CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO DOS/AS EGRESSOS\AS DOS CURSOS SUPERIORES DO PRONERA\UNEB PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

> *-A partir do momento que eu ingressei no MST e em seguida no PRONERA e me envolvi com as escolas do campo, eu percebi essa importância que o movimento dá para as escolas do campo. A primeira coisa que se faz quando se ocupa uma terra, a primeira coisa que se faz é o barraco para fazer escola, então, eu já carregava isso. Quando eu chego no PRONERA, eu já estou namorando com o Centro Acadêmico de Educação do Campo, tanto é que*

> *antes de terminar a faculdade eu já estou trabalhando na articulação da Educação do Campo.* (Altamiro, egresso de Agronomia, Campus IX Barreiras)

A fala de Altamiro evidencia como o Movimento Sem Terra prioriza, em suas ocupações, o espaço da escola. Nas palavras dele, *"o barraco para fazer a escola".* Fica evidente na sua fala a importância da preparação por meio do curso do PRONERA para sua atuação profissional no Centro Acadêmico de Educação do Campo.

A escola, segundo Altamiro, é vista pelo movimento como um meio de conscientização e organização dos trabalhadores rurais, permitindo que eles se tornem a gentes de transformações em suas comunidades. Assim, segundo Caldart (2008) a Educação do Campo não pode se resumir ao espaço físico da escola, visto que a escola é caracterizada pelos sujeitos que que nelas estão inseridos. É nesse contexto que a Educação do Campo se situa incluindo aqueles historicamente excluídos, sujeitos que resistem e lutam pelo seu direito de permanecer no campo.

Conceber a educação como um direito humano é englobá-la no rol de direitos fundamentais à realização plena da dignidade da pessoa humana. Desta forma, todo direito humano deve ser garantido de forma irrestrita a todos os indivíduos, independentemente de qualquer condição pessoal. A Educação do Campo insere-se nesse processo também como um direito fundamental, sendo uma modalidade de ensino que busca atender às especificidades dos estudantes que vivem em áreas rurais valorizando sua cultura e saberes locais com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento sustentável dessas comunidades.

Ao discutir sobre o surgimento da expressão "Educação do Campo", Caldart (2011, p.258) destaca que esta pode ser datada.

> Nasceu primeiro como *Educação Básica do Campo* no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás de 27 a 30 de julho de 1998. Passou a ser chamada de *Educação do Campo* a partir das discussões do Seminário Nacional, realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro de 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional realizada em julho de 2004.

Como é possível perceber na citação, as primeiras discussões em torno da Educação do Campo são levantadas em meio à realização de conferências e seminários, contudo, é um debate que surge e ganha força nas lutas e reivindicações dos movimentos socais, em especial, os de defesa da luta pela terra. Dessa maneira, é possível notar nas últimas décadas a presença marcante dos povos do campo no cenário político e cultural do país.

> *-Nós somos a resistência do campo, pautado na agricultura familiar, pautado na agroecologia e essas contradições, né... Essa concepção de campo com o estereótipo de "Jeca Tatu" tá superado. Hoje a gente discute em qualquer espaço possibilidades de vida, de viver com dignidade, e é isso que a gente busca. A gente sempre fala que a luta do movimento é a luta pela terra, pela reforma agrária e pela transformação social, então, isso é uma dinâmica permanente de luta de resistência.* (Joaquim, egresso de Pedagogia da Terra, Campus X Teixeira de Freitas)

Joaquim destaca em sua fala *"hoje a gente discute em qualquer lugar*", para ele a vivência de um curso pelo PRONERA foi decisivo nesse processo de resistência que aponta para as contradições socias e ao mesmo tempo faz a defesa da Educação do Campo como um espaço dinâmico de debate de pautas como, a agricultura familiar, a agroecologia e a reforma agrária.

O pedagogo Joaquim também discute a a necessidade de mudanças na visão estereotipada comuns associadas aos povos do campo, vistos na opinião dele como *"Jeca Tatu"*. Essa concepção preconceituosa, conservadora e arcaica precisa ser superada e compreendida como costumes de um conjunto de aspectos culturais de comunidade que muito tem a nos ensinar.

Entre os direitos defendidos pelo projeto de Educação do Campo, destacamos: Acesso à educação de qualidade com professores capacitados; estrutura escolar e materiais didáticos adequados e de qualidade; combate ao fechamento de escolas do campo; participação das comunidades locais na gestão da educação com vistas a construção de uma gestão democrática; calendário escolar que leve em consideração as condições climáticas e de produção agrícola, já assegurado em legislação; transporte de qualidade; debater e promover as questões como sustentabilidade e preservação ambiental; estímulo à agricultura familiar e agroecologia. No entanto, a realidade nas escolas do campo que temos ainda é de analfabetismo em todas as idades, defasagem idade série, conteúdos inadequados voltados para uma visão pautadas no urbano centrismo, sucateamento das escolas e do transporte escolar, fechamento de escolas e consequente expulsão dos estudantes do campo para escolas da cidade.

Sobre o deslocamento compulsório dos povos do campo para a cidade, Margarida, egressa do curso de Direito, Campus I Salvador, defende:

> *-O que nós queremos é que nossas crianças quando ficarem adultas façam a escolha de continuar ou sair do campo por consciência e não por necessidade e façam a opção de ter que ir embora, de bater em retirada das suas raízes. A gente quer fortalecer a identidade do nosso povo para que se preciso for ir para o mundo, se deslocar da sua realidade, das suas raízes, ir de cabeça erguida e saber que não devem nada a ninguém, seja onde for*. (Margarida, egressa de Direito, Campus I Salvador)

A formação de Margarida no PRONERA contribui para que ela faça o debate da defesa do projeto de Educação do Campo nos diversos espaços de disputas e debates que ela participa representando seu assentamento, como assembleias, congressos e conferências promovidos pelo poder público.

Em sua fala defende que o sujeito do campo tenha condições de escolher entre ficar ou ir embora do que ela chama de *"suas raízes",* que não seja um processo forçado pelas condições materiais, realidade atual no capo brasileiro.

Ao longo do tempo, foi-se percebendo no país o aumento nos números de pessoas que migram do campo para a cidade em consequência das condições insustentáveis, sejam elas políticas, econômicas, climáticas ou sociais. Raramente esses fatores se dão de forma isolada, a falta de acesso a serviços básicos como saúde e educação, a escassez de trabalho, aliada a concentração de terras nas mãos de poucos e à violência no campo são condições decisivas para a expulsão dos povos do campo das suas comunidades originárias. A melhor forma de contornar esta realidade é com investimentos em políticas públicas que garantam o desenvolvimento rural sustentável, distribuição de terras e geração de empregos no campo, por meio da Reforma Agrária e garantia da Educação do Campo que perpassa por todas as reflexões acerca do debate da relação "campo-cidade".

> A Educação do Campo nomeia *um fenômeno da realidade brasileira atual*, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivos e sujeitos arremetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate "de classe" entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que tem implicações no projeto da país e de sociedade e nas concepções de políticas públicas, de educação e de formação humana. (CALDART 2012, p. 257)

Caldart (2012) discute essa importância do papel das organizações socias na formulação de políticas sociais no campo da educação para o camponês, com a percepção que esse processo precisa dialogar com outros temas como trabalho, cultura e formação humana que implicam na inserção desses sujeitos num processo de embate mais amplo, o de luta de classes.

Sobre a importância da educação para a manutenção das raízes camponesas, bem como a garantia da preservação da sua cultura, do seu território, costumes e valores, Robson discute a diferença do sentido da educação do e no campo, principalmente para fazer o embate às constantes investidas do agronegócio.

-Essa questão da educação do e no campo também é uma preocupação nossa

> *principalmente quando percebemos que o agronegócio começa a se apropriar dela, uma educação que deve servir a classe trabalhadora, então a gente precisa ter esse cuidado para que esse termo não seja apropriado pelo capital, a gente precisa estar atento a isso, eu sempre trago isso nas discussões quando fazemos sobre a educação do campo porquê de fato é um novo momento da educação e há um projeto de destruição da educação da classe trabalhadora como um todo e agora da educação do campo com um certo requinte porque eles investem muito dinheiro, muita perspectiva ideológica por trás dos conteúdos para que o sujeitos não permaneçam no campo. (Robson, egresso de Letras, Campus X Teixeira de Freitas)*

Como egresso do curso de Letras Robson compreende que sua contribuição para a Educação do Campo acontece em sala de aula fazendo a relação entre educação rural e a Educação do Campo, trazendo para o debate as implicâncias da apropriação pelo agronegócio de um projeto pedagógico para a área rural. É preciso ter de forma muito clara a quem cada perspectiva ideológica está a serviço e fazer a defesa de que o homem e a mulher do campo conscientes do seu pertencimento à classe trabalhadora lutem para o rompimento com uma educação que destrói, poda e expulsa o camponês da sua terra. Por outro lado, a Educação do Campo precisa ter uma visão ampliada que abarque um novo projeto de desenvolvimento para suas comunidades, que esteja incluído num projeto nacional, comprometido com a análise de dificuldades maiores, como a sobrevivência, em todas as suas esferas, dos povos camponeses em seus territórios. Sobre o um projeto amplo de desenvolvimento para o campo Arroyo, Caldart e Molina (2011, p. 14) discutem:

> Um projeto popular de desenvolvimento para o campo é uma realidade que começa a ser construída. Consequentemente exige uma educação que prepare o povo do campo para ser sujeito desta construção. Uma educação que garanta o direito ao conhecimento à ciência e à tecnologia socialmente produzidas e acumuladas. Mas também que contribua na construção e afirmação dos valores e da cultura, das autoimagens e identidades da diversidade que compõe hoje o povo brasileiro do campo.

Na perspectiva de educação como um direito historicamente negado aos povos campesinos, Maria Zilda fala sobre seu ingresso tardio na escola, realidade ainda presente entre os camponeses.

> -*Uma coisa que eu sempre defendi foi a educação. Eu digo que para nós a educação sempre foi negada, eu entrei na escola com 9 anos, já muito tarde e foi tarde porque meu pai dizia que para ler e contar não precisava ir para a escola, porque ele aprendeu a ler e contar sem precisar ir, então foi uma briga eu tentando convencer a ele deixar a gente estudar e minha mãe tu sabe, né, submissa como a maioria das mulheres, então o acordo era eu teria que trabalhar pela manhã e estudava a tarde e não podia perder de ano.* (Maria Zilda, egressa de Pedagogia da Terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa)

A pedagoga Maria Zilda narra uma realidade muito comum entre as comunidades rurais

que é a de que toda a família precisa contribuir com o trabalho da roça, como é aquele trabalho que mantém o sustento de todos os entes têm-se a compreensão e necessidade que todos ajudem. Na fala de Maria Zilda fica claro que o pai dele reproduz uma crença cultural que provavelmente ele herdou de seus pais, a de que "*para ler e contar não precisava ir para a escola, porque ele aprendeu a ler e contar sem precisar ir".* Essa afirmação tem algumas implicações que precisam ser analisadas, a primeira que para o pai de Maria Zilda a educação é algo secundário, que a prioridade para ele e toda a família era primeiramente garantir o sustendo da casa que era proveniente da lida na roça. Outra questão importante que fica claro é a crença que o processo de ensino aprendizagem se limita a *"ler e contar",* o que realmente foi realidade de muitos por um longo período da história da educação em nosso país. Era comum que apenas um dos filhos tivessem acesso à educação básica e reproduzissem, dentro das suas limitações, um pouco do que aprendeu para os outros irmãos e crianças mais próximos da família.

Sobre a sua contribuição enquanto egressa do PRONERA\UNEB para o projeto de Educação do campo Maria Zilda, afirma que acredita no seu retorno para a sociedade.

> *-Eu acredito que sim, se eu não acreditasse nisso que a minha formação que toda essa base que eu tive, todo esse processo que eu passei não contribuísse para esse projeto contra-hegemônico, eu acho que eu teria desistido no meio do caminho. Inclusive, tive oportunidade de fazer isso desde a base que foi na gestão de uma política pública no período que passei na coordenação de Educação do Campo na prefeitura de 2010 a 2015, onde nós criamos ali juntos as Diretrizes Municipais de Educação do Campo do município de Serrinha. Acho que isso foi um avanço muito grande, foi o primeiro município do território a fazer isso, acho que a gente conseguiu fazer uma base. E, como eu te falei, eu continuo orientando alunos com trabalhos sobre educação do campo, eu trago isso para dentro, então você acaba indicando algum autor, questionando algumas escritas.* (Maria Zilda, egressa de Pedagogia da Terra, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa)

É interessante perceber que quando falamos em contribuições da formação desses/as egressos/as, não estamos e nem podemos nos limitar ao espaço da sala de aula, justamente por acreditar que o processo educacional ocorre em todos os espaços. Maria Zilda relata o período que atuou na Coordenação da Educação do Campo pela prefeitura por um período de 05 (cinco) anos e ali, em conjunto com outros sujeitos, conseguiram elaborar e aprovar as Diretrizes Municipais de Educação do Campo do Município de Serrinha, o que para ela representa um grande avanço, inclusive por ser o primeiro município do território a ter essa iniciativa.

Por outro lado, trabalhando com orientação de monografias e TCC's, ela aponta que consegue contribuir junto a seus orientandos com a indicação de autores/as, textos, questionando escritas e levando-os a questionar algumas produções, pensamentos e a própria realidade. Em suma, no caso de Maria Zilda, ela consegue fazer a contraposição desse projeto

contra-hegemônico tanto como professora, na sua atuação como orientadora, quanto no campo da gestão pública na discussão e defesa de políticas públicas específicas para a educação das comunidades campesina.

Outro ponto importante levantado por Maria Zilda, atualmente estudante de Direito, bolsista por uma faculdade privada, é como o PRONERA a empondera enquanto mulher educadora e crítica.

> *-Outra coisa é de conseguir me impor enquanto mulher, enquanto educadora. Se eu não tivesse feito um curso como o PRONERA, talvez eu não me colocasse como eu me imponho hoje no curso de Direito, porque eu vejo lá os outros colegas que fazem o debate superficial, morno, não vai na raiz do problema e quem me deu essa base foi o PRONERA.* (Maria Zilda, egressa de Pedagogia da Terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa)

Ao analisarmos a fala de Maria Zilda, notamos que ela também educa dentro de uma sala de aula onde ocupa o papel de estudante e essa educação se dá, segundo a mesma, por meio da provocação de debates mais aprofundados que possibilitem a todos\as refletirem de forma crítica sobre o problema posto, não ficando na superficialidade das questões colocadas no decorrer do curso. Maria Zilda demonstra convicção de que essa base de educar em todo e qualquer espaço que ela esteja e de se impor foi o PRONERA que lhe possibilitou, inclusive, enquanto mulher camponesa que só conseguiu ingressar num curso regular de direito de uma faculdade particular por conta das políticas públicas de democratização de acesso ao ensino superior.

João Rodrigues, egresso de Direito do Campus I de Salvador, em diversos momentos da entrevista, apontou as contribuições da sua formação para sua atuação na Educação do Campo

> *-Eu creio que eu consigo contribuir, tanto na área que eu atuo, talvez seja até por isso que até hoje eu esteja atuando na área técnica, eu trabalho numa entidade que se preocupa muito com isso, né... tem como lema não só as questões técnicas, mas as questões sociais, então desde a organização de associações a trabalho com juventude e as intervenções em escolas justamente para levar esse conhecimento da valorização das culturas locais, que querendo ou não eu entendo que isso é educação também, educação do campo, então eu acredito que minha formação tem contribuído sim, interfere dentro da educação*. (João Rodrigues, egresso de Direito, Campus I Salvador).

João Rodrigues ainda não foi aprovado no exame de ordem da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), portanto, não pode atuar como advogado. Contudo, ele consegue aliar sua formação técnica trabalhando em uma entidade que, embora priorize a assistência técnica, também se preocupa com as questões sociais, então, ele consegue utilizar dos seus conhecimentos adquiridos no PRONERA para assessorar na criação de associações. Como ele

próprio afirma, faz "*intervenções em escolas justamente para levar esse conhecimento da valorização das culturas locais".* Essa é mais uma forma de trabalhar e contribuir com a Educação do Campo, inclusive, não tendo como formação uma licenciatura. No momento em que ele debate, por meio de palestras, com a juventude dentro das escolas sobre temas relacionados ao projeto político pedagógico da Educação do Campo, consequentemente, ele está sendo um agente multiplicador deste.

Outro exemplo de atuação fora das quatro paredes da sala de aula é o de Dandara, egressa do curso de Agronomia, Campus IX Barreiras, especialista em Agroecologia e Mestre em Relações Étnico Raciais, liderança na sua comunidade quilombola. Dandara é agente comunitária de saúde e, como ela mesma nos conta, *"lá cada uma faz um pouquinho do que sabe e pode"*.

> *-Trabalhar como agente comunitária de saúde possibilita outras coisas fora das nossas atuações, justamente por ser na comunidade, então, às vezes eu ainda acabo trabalhando com as pessoas essas outras questões voltadas para a educação, então, foi o PRONERA que me deu essa possibilidade de tá também ajudando as pessoas com a minha formação, fazer o que eu posso*. (Dandara, egressa de Agronomia, Campus IX Barreiras).

O agente comunitário de saúde em comunidades rurais, além de serem vistos como lideranças, acabam atuando em outras áreas justamente pela relação de confiança que é construída com a população local. Essa proximidade da comunidade permite a Dandara a condição de contribuir com outros setores para além da sua área de atuação. É exatamente nessa perspectiva que ela considera que contribui na esfera educacional e essa realidade só é possível segundo a mesma por conta da sua formação no PRONERA.

Outro exemplo de contribuição para além da educação formal, palavras usadas por ela mesma, é o de Adna, licenciada em Letras pelo Campus X de Teixeira de Freitas. Para ela, o PRONERA possibilitou aos seus egressos uma visão de mundo de forma mais ampla e essa perspectiva global e crítica permite uma inserção no campo social como um todo.

> *-A minha formação no PRONERA me possibilitou uma contribuição para além da educação formal, porque a gente aprendeu a lidar com a vida de forma muito mais ampla, mas de forma específica na educação, logo depois que eu me formei e ingressei na especialização, a contribuição direta que eu tive foi no curso de licenciatura em Educação do Campo na FUP, um curso com uma natureza muito semelhante ao que eu tinha feito.* (Adna, egressa de Letras, Campus X Teixeira de Freitas)

Do ponto de vista da sua contribuição para a Educação do Campo, Adna, que atualmente é Mestre em Linguística e professora da rede municipal de Itabuna e trabalha numa escola da cidade, situada na em área periférica, consegue perceber sua atuação de forma mais contundente

no período em que lecionou no curso de Licenciatura em Educação do Campo na FUP. Para ela, uma proposta muito próxima da experiência vivida no curso de Letras pelo PRONERA, do qual que ela é egressa.

O pedagogo Oziel relaciona sua militância nos movimentos sociais à passagem pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) na área de juventude e sua formação no PRONERA com sua forma de pensar a Educação do Campo. Ele evidencia as divergências entre as propostas político pedagógicas desta com a Educação Rural.

> *-A formação no PRONERA e, junto a ela, a relação com os movimentos sociais e sindicais do campo, com a Comissão Pastoral da Terra, Pastoral da Juventude, elas contribuíram para que eu pudesse repensar essa Educação do Campo sob outra ótica, inclusive para aprender a diferenciara Educação do Campo da educação rural. A luta nossa e a minha luta, não uma luta individual, mas uma luta coletiva, né... eu sou parte do processo... é a defesa de uma Educação do Campo, de uma educação que seja do campo e também no campo para a garantia desse direito, desse direito a uma educação que fale da gente, do jeito que a gente é, de uma educação que não negue a nossa identidade, que não negue a nossa raiz, é dessa educação que transborda de sentidos e significados, nós mesmo e o chão que a gente pisa. A agricultura familiar produz 70% da alimentação que vai para a mesa de brasileiros e brasileiras, então na minha perspectiva de educação eu preciso desconstruir essas narrativas e reconstruir. A gente vai chamar isso aí de descolonizar esse saber que foi incutido na nossa cabeça de que aqui é chão de atraso*. (Oziel, egresso de Pedagogia da Terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa)

Oziel se inclui em um coletivo de luta que para ele não pode ser individual. É a luta em defesa da Educação do Campo que, nas palavras dele, *"seja do campo e no campo"*, uma educação que não negue a identidade e a raiz dele e do seu povo.

Oziel traz na sua fala uma reflexão muito importante, que é a educação em uma proposta descolonizadora, que trabalhe no sentido de descontruir a representação do campo como um lugar de atraso, obsoleto e superado. Nesta mesma concepção Fernandes e Molina (2004. p.37) a Educação do Campo rompe com paradigmas postos pela proposta ideológica da educação rural que tem uma visão do campo como um meio meramente mercadológico, lugar de produção e não como espaço de vida.

Na perspectiva de Oziel, é fundamental pautar este processo formativo na valorização da cultura e costumes locais, assim como na conscientização da importância da agricultura familiar, responsável por colocar a comida na mesa de grande parcela da população brasileira. Esse debate é fundamental para fazer o contraponto ao discurso de defesa do agronegócio encabeçado pela grande mídia e pelos grandes produtores rurais.

> *-É um movimento de resistência individual e ao mesmo tempo coletivo, é*

> *somente a partir do momento que a gente consegue refletir sobre a nossa prática, sobre o nosso meio, que nós podemos fazer melhor, fazer diferente, podemos resistir e para poder construir uma outra narrativa. Então, eu só vou estar convencido, eu só vou conseguir contribuir para a construção desse outro saber, dessa outra narrativa sobre o campo, como esse lugar de significados, de produção e reprodução da vida na medida em que eu sou convencido de que eu sou esse sujeito do campo e se eu continuar com a mesma mentalidade eu não vou conseguir ajudar a provocar essa ruptura que precisa ser provocada. Então, eu acho que o PRONERA, a formação no PRONERA, ela me encaminha para a continuidade na luta. Hoje eu estou aqui no CASA há 8 anos e a gente continua na defesa da educação, uma das nossas pautas de defesa aqui no CASA é a Educação do Campo, além da agroecologia, além da formação dos agricultores e agricultoras para produzir melhor da assistência técnica, do guardar a semente repassada de geração e geração, nossa defesa é por uma educação que seja aos moldes de vida que respeite os sujeitos do campo. Então, eu diria assim, forjado na luta ali e um pouco lapidado pelo PRONERA, atuação aqui no CASA, a articulação no Semiárido e a parceria com tantas organizações, movimentos e pessoas que vão nos provocando, vai nos ajudando a pensar, eu diria que isso contribuiu com uma base para que eu continue ainda hoje e quero continuar fazendo a defesa da educação do campo com dignidade, com qualidade, com proposta pedagógica e específica para os sujeitos do campo. Não dá mais para a gente continuar fazendo adaptações, urge há muito tempo a defesa da escola do campo, não só a defesa da permanência no campo, mas a defesa de uma proposta pedagógica que assegure a esses sujeitos o produtor de saber, é... a gente tem o direito de aprender sobre o que é nosso, a gente pode aprender sobre o do outro, mas o primeiro "cadinho" desse saber, desse aprendizado, tem que ser a nossa vida, tem que ser o nosso meio.* (Oziel, egresso de Pedagogia da Terra, Campus XVII Bom Jesus da Lapa)

Atualmente, trabalhador do Centro de Agroecologia do Semiárido (CASA), Oziel considera que contribui na construção desse outro saber a partir do momento que se engaja na proposta do CASA e, aliado ao conhecimento adquirido ao longo do curso pelo PRONERA, debate e coloca em prática a defesa da Educação do Campo, da agroecologia e da assistência técnica para garantir ao agricultor familiar e sua família melhores condições de trabalho e vida. Para ele, já não cabe a continuação da reprodução da educação oferecida na cidade nas escolas do campo. É preciso fazer a conscientização do camponês e da camponesa de seu direito à educação pensada e formulada pelo seu próprio povo. É justamente nessa lógica de trabalho de formação, agroecologia e assistência técnica que Oziel percebe sua contribuição atualmente dentro do CASA para o projeto de Educação do Campo.

Altamiro, egresso de Agronomia, do Campus IX em Barreiras é mestrando em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, pela UNESC, e atualmente trabalha na UNEB em Salvador, com a articulação com os movimentos sociais, no Centro Acadêmico de Educação do Campo.

> *-O que eu sei te dizer é que o PRONERA me prepara. Eu venho trabalhar com as escolas do campo. O que eu não sei é te dizer assim, em que momento se*

> *deu essa passagem, porque foi muito natural, eu estava na agronomia, quando pensa que não eu já estava nos encontros de Educação do Campo. O 1º EBEC eu participei, 3º EBEC eu ajudei a construir, participei da organização, que o encontro nosso de Educação do Campo na Bahia.* (Altamiro, egresso de Agronomia, Campus IX Barreiras)

O engenheiro agrônomo Altamiro trabalha diretamente com as escolas do campo, na UNEB, através da articulação com os movimentos sociais. É interessante perceber como ele entende esse seu processo de profissionalização e aproximação com a área da Educação do Campo como *"uma passagem muito natural"*. Essa mesma percepção tive em outras entrevistas.

O/a egresso/a do PRONERA já sai do curso com um algo a mais até porque já se constitui sujeito e objeto dessa política. A relação com os movimentos sociais e sindicais, a facilidade de articular uma fala engajada politicamente, sua compreensão de mundo ampliada e crítica e, como dito em diversas entrevistas, *"o fato de saber de onde veio, que não deve nada a ninguém, saber levantar a cabeça e se impor enquanto um sujeito de direitos em qualquer que seja e em qualquer situação".* Tudo isso faz do/a egresso/a do PRONERA um/a profissional não apenas preparado para o "mercado de trabalho", mas engajado e disposto a discutir e contribuir com mudanças sociais.

Joaquim, egresso de Pedagogia da Terra, Campus X Teixeira de Freitas, especialista em Educação do Campo pelo Programa de Pós-Graduação do `PRONERA-UNEB, atualmente é professor da rede estadual e municipal, relata sua experiência ao ministrar uma oficina pedagógica que debatia a Educação do Campo como desafio e possibilidade. Nessa oficina, ele traçou o perfil do professor do campo que ele defende que seja um educador militante.

> *-Em 2020, eu ministrei uma oficina pedagógica onde eu trazia exatamente essa discussão da Educação do Campo, desafios e possibilidades. Aí uma das minhas premissas de analisar a Educação do Campo foi essa questão mesmo de traçar o perfil do educador do campo. O perfil do educador do campo pressupõe ser um perfil de educador militante com a causa do campo, porque tem muitas conquistas que foram da classe trabalhadora campesina que, às vezes, são mal interpretadas. Um exemplo a questão do transporte escolar. Dependendo do gestor, vai pegar aquele benefício que foi uma luta e vai pegar o menino do campo e mandar estudar na cidade, perdendo todas as suas especificidades, características e valorização do campo. Então hoje no PRONERA e esses cursos com formato em parceria com universidades e movimentos sociais, isso foi fundamental pra gente ampliar essa consciência de classe, essa consciência do território em que a gente se encontra e isso faz a diferença. Embora a gente sabe que no dia a dia tem muitos educadores que não têm esse compromisso social, tá trabalhando ali simplesmente por conta do salário no final do mês, mas eu acho que não é nosso perfil, né? Por isso que a gente tá sempre fazendo valer a dinâmica do projeto político pedagógico da escola, trazendo para o debate nosso princípio filosófico e pedagógico do movimento mesmo que a gente sabe que na sua plenitude a*

> *gente não consegue efetivar, mas a gente tá ali buscando implementar a organização do trabalho pedagógico uma escola que dialogue com essa diversidade do campo, compreendendo essa correlação.* (Joaquim, egresso de Pedagogia da Terra, Campus X Teixeira de Freitas).

Por meio da sua atuação como professor, Joaquim entende que, mesmo diante tanta resistência de alguns colegas e gestores, que estão preocupados apenas com a remuneração, ele consegue contribuir com a Educação do Campo, seja por meio de inserções com suas palestras, seja debatendo e ajudando a construir o projeto político pedagógico das escolas, pautando nessa construção uma escola comprometida em dialogar com a diversidade encontrada no campo e que compreenda a correlação de forças e interesses que estão envolvidos em cada projeto educacional.

Licenciado em Letras pelo Campus de Teixeira de Freitas, Robson é doutor pela Universidade de Brasília (UNB), trabalha atualmente como professor substituto na Universidade Federal de Goiás (UFG). Ele afirma, de forma categórica, que ao ministrar aulas numa Universidade Pública escolhe conteúdos que façam com que seus alunos sejam protagonistas do processo ensino aprendizagem.

> *-É claro que ao longo da minha trajetória e da minha atuação... Veja eu estou hoje atuando numa Universidade Pública onde minha atuação, o conteúdo que eu escolho para trabalhar com meus alunos tem essa perspectiva, de trabalhar para que meu aluno seja protagonista. É mais difícil para quem não participa de um projeto político ou de uma organização política, como quem participa dos movimentos sociais, seja ele do campo ou não. Então a gente percebe esse detalhe, de quem já vem com essa bagagem com uma trajetória da participação ou formação nos movimentos sociais e de quem não vem, então atuar nisso é importante, perceber e saber diferenciar isso, né... que os sujeitos são outros, mas ao mesmo tempo provocá-los para que eles participem desse ato de construção do conhecimento. Então isso eu tenho na construção do meu planejamento, que meus alunos sejam protagonistas no sentido de pensar, aí muitas vezes eu discuto com eles quais são essas temáticas que poderiam propor para eles apresentarem essas contradições, isso é interessante. (Robson, egresso de Letras, campus X Teixeira de Freitas).*

Robson ressalta a diferença que para ele é perceptível de um profissional que não participa de um projeto ou organização política, para um que como ele, já vem com essa bagagem. Aqui podemos perceber que as contribuições desses egressos se dão de várias formas e em diversos níveis de escolaridade. No caso de Robson ele contribui com a educação do Campo ao atuar como professor de cursos de nível superior, com sujeitos que estão sendo formados para atuarem nas salas de aula futuramente. Percebemos assim a importância e o alcance dessa contribuição. Robson forma futuros colegas que ao vivenciarem com ele um processo formativo baseado numa pedagogia que tem no estudante um sujeito ativo e que leva

em consideração as especificidades e diversidades encontradas nas salas de aula, prepara esses sujeitos para serem também agentes transformadores nas suas relações futuras com a educação.

Roseli Nunes, egressa de Pedagogia da Terra do campus de Teixeira de Freitas, é especialista e Mestre em Educação do Campo, defende que não só ela, mas todos que passaram pela experiência de ser estudante de um curso superior pelo PRONERA, seja em qual área tenha sido, dão essa contribuição para a Educação do Campo, até mesmo como um compromisso e retorno pela oportunidade que eles tiveram.

> *-Eu penso que não só eu, mas todo mundo que passou pelo PRONERA seja nos cursos de magistério, pedagogia, letras, agronomia, vários outros cursos, então esse retorno hoje para o projeto de educação do campo ele é notório, a gente percebe, a gente vê na própria atuação que é diferenciada, por que as vezes numa escola do campo, para você que teve um curso pelo PRONERA, curso pensado nessas especificidades do campo, do camponês, da luta para aqueles que não tiveram a atuação da gente é muito diferenciada, o nosso olhar é diferenciado. É uma luta, você vem para uma escola dessa que é intitulada do campo, é uma luta, a questão do preconceito, do não compreender, da própria política que o estado ainda não implementou como de fato deveria ser, né... ainda é algo muito longe do ideal, mas que o fato de já existir na própria rede estadual já é fruto dessa luta, né... E é fruto dessas pessoas que passaram pelo PRONERA, que lutaram nas universidades.* (Roseli Nunes, egressa de Pedagogia da Terra, Campus *X* Teixeira de Freitas)

Atualmente trabalhando na gestão de escola do campo, Roseli desabafa que é um processo difícil, nas palavras dela *"uma luta"* em vários aspectos. É preciso enfrentar os preconceitos ainda existentes, a não compreensão do projeto político pedagógico destinado às escolas do campo, que para ela ainda é mais um desafio, pois não foi ainda implementado na sua totalidade, como deveria ser, pelo Estado.

Ao dialogarmos com todos esses relatos percebemos que a formação no PRONERA permitiu condições aos seus egressos de atuarem em suas diversas áreas de formação e não se limitou a titular pedagogos, licenciados em letras, engenheiros agrônomos e advogados. Muito além disso, os cursos superiores do PRONERA\UNEB formou seres críticos, comprometidos com as questões sociais, políticas, econômicas e culturais das suas comunidades que contribuem ativamente para a Educação do Campo.

Por outro lado, como já demonstrado nesta pesquisa a maioria dos\os entrevistados\as estão dando continuidade à sua formação acadêmica, essa é uma forma importante desses egressos\as continuarem ocupando seus lugares na sociedade e qualificando o debate na defesa da Educação do Campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação na sociedade capitalista é percebida como destino para o emprego. Neste contexto, historicamente, o que se percebe é que educar tem se restringido a fornecer conhecimentos técnicos essenciais para a capacitação de mão de obra apenas para manuseio de maquinário e reprodução do sistema e de interesses das classes dominantes. Os\as trabalhadores\as figuram, na sociedade de classes, como uma mera peça no processo de acumulação do capital.

Quando observado a partir da realidade do campo, os meios de produção, terras e recursos naturais, são apropriados pelo capital agrário. Outra característica é a substituição da mão de obra e energia humana e animal por maquinário e uso intenso de combinados de agrotóxicos. Desta maneira, cada vez mais as classes dominantes do campo no Brasil garantem lugares estratégicos na reprodução e profissionalização dos seus interesses.

Nesta conjuntura, a educação atua como uma das ferramentas utilizadas na perpetuação desse sistema, quando poderia estar sendo pensada como meio de emancipação para a classe trabalhadora conforme propõe o projeto da Educação do Campo. Desta forma, enquanto a educação rural é a defesa ideológica do capital, representado pelo agronegócio, a Educação do Campo nasce e se reafirma como um projeto da agricultura camponesa e da classe trabalhadora do campo.

A educação, na perspectiva capitalista, é tratada como mercadoria e vem sendo afetada com grandes cortes de orçamento público, baseada na lógica de que *"tudo tem preço"*. Consoante ao enfraquecimento e desmobilização da educação enquanto um bem público, percebemos o crescimento da educação privada aliada ao bombardeio midiático de incentivo ao consumo. É exatamente por este motivo que é preciso pensar a educação do ponto de vista da luta pela emancipação, como questiona Mészáros (2004, p.17): "Para que serve o sistema educacional – mais ainda, quando público, se não for para lutar contra a alienação? Para ajudar a decifrar os enigmas do mundo, sobretudo o do estranhamento de um mundo produzindo pelos próprios homens?". A educação nesse sentido se apresenta enquanto uma ferramenta política ideológica, dentro do sistema hegemônico que trabalha para satisfazer os interesses do capital.

Nesta proposta educacional os saberes do campo, seus costumes, valores e crenças são tratados de forma pejorativa, considerando seus conhecimentos próprios como algo ultrapassado. É a partir dessa perspectiva que o agronegócio e os grandes conglomerados da educação querem impor uma educação para o campo que tenha como base a proposta político pedagógica da cidade, concebida como moderna e modelo a ser seguido.

A Educação do Campo, portanto precisa se apresenta neste contexto como uma alternativa, contra-hegemônica à ordem posta, contribuir e fazer o contraponto ao processo de exploração, dominação e opressão, superando, assim, o capital, não somente no campo educacional, mas na sociedade como um todo, ou seja, educar para desalienar.

No desenvolvimento deste trabalho de pesquisa foram realizadas entrevistas e a aplicação de um questionário com a Coordenadora do Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire da UNEB, ambos com o objetivo de responder à questão central desta pesquisa, a saber: Qual a contribuição dos egressos\as dos cursos superiores do PRONERA\UNEB para a Educação do Campo?

Os estudos produzidos até aqui nos possibilitaram contextualizar o PRONERA nesse espaço de lutas, retrocessos, desafios e avanços, que reafirma a necessidade da pauta político pedagógica da Educação do Campo como uma política pública e, sobretudo, como uma bandeira pela reforma agrária como um direito.

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) se apresenta nesse cenário como uma importante instituição de ensino superior, comprometida com os três pilares de ensino, pesquisa e extensão. Esta universidade consegue se destacar entre as outras estaduais baianas pelo seu formato multicampi que possibilitou sua interiorização pelo estado, além da aproximação e capacidade de diálogo com a sociedade civil organizada da Bahia, representada nesta pesquisa, sobretudo, pelos movimentos sociais e sindicais de luta pela terra.

Como já era esperado, as entrevistas semiestruturadas geraram uma rede gigantesca de informações, uma vez que seu próprio formato possibilita um diálogo mais livre e dinâmico entre entrevistadora e entrevistado\a. Contribuíram com as entrevistas, 10 (dez) egressos/as dos cursos superiores do PRONERA/UNEB, sendo 02(dois) de cada curso, respeitada a equidade de gênero, uma pessoa do sexo feminino e outra do masculino.

O que fica ao final desta pesquisa é que egressos/as do PRONERA\UNEB são seres multiplicadores que contribuem com o projeto político da Educação do Campo, seja nas suas atuações profissionais nas mais diversas áreas ou como militantes. Aplicam seus conhecimentos adquiridos nos cursos superiores ofertados pela UNEB por meio do PRONERA de diversas maneiras: nas salas de aula como professores, nas escolas do campo como gestores, em universidades atuando na docência e orientações de trabalhos de conclusão de curso, em seminários de formações políticas, como agente comunitária de saúde, na assistência técnica para agricultores familiares e aliado a tudo isso como lideranças locais de suas comunidades a partir de suas trajetórias de militância nos movimentos sociais e\ou sindicais.

A análise das entrevistas revelou sujeitos comprometidos com a construção de um

projeto popular e um modelo contra-hegemônico de educação para o país. Pessoas que pautam na suas mais diversas áreas de atuação profissional a defesa de um processo formativo pensado para a realidade e necessidade da população do campo. Para além disso, esses sujeitos tem contribuído dentro e fora dos espaços das salas de aula para a formulação de um currículo educativo que tenha como marca central a identidade do seu povo, uma educação engajada na luta pela reforma agrária, por uma sociedade mais justa e igualitária, que tenha como ponto central os sujeitos do campo e seus territórios como espaço de saberes e de produção de vida.

REFERÊNCIAS

BALL, Stephen J**. Educação global S.A**.: **novas redes** de política e o imaginário neoliberal. Ponta Grossa: **UEPG,** 2014.

BARBOSA**,** Catarina. **Massacre de Eldorado do Carajás completa 24 anos: "Um dia para não esquecer"** Disponível em: < https://terradedireitos.org.br/> Acesso em: 06/02/2023.

FINE, Ben. FILHO, Alfredo Saad (orgs.). **Dicionário de economia política marxista.** Colaboração: Marco Boffo. São Paulo, Expressão Popular, 2020.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 04 de novembro de 2010 – **Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA**.

BRASIL. INCRA. **II Pesquisa Nacional sobre Educação na Reforma Agrária – II PNERA.** Disponível em < http://www.incra.gov.br/tree/info/file/6592>, Acesso em: 06/09/2023.

BRASIL.INCRA. **Manual de Operações do PRONERA**. Brasília/DF. 2004.

BRASIL. INCRA. **Manual de Operações do PRONERA**. Brasília/DF. 2008.

BRASIL. INCRA. **Manual de Operações do PRONERA**. Brasília/DF. 2011.

BRASIL. INCRA. **Manual de Operações do PRONERA**. Brasília/DF. 2014.

BRASIL. INCRA. **Manual de Operações do PRONERA**. Brasília/DF. 2016.

BARROSO, João**.** O Estado, a Educação e a Regulação das Políticas Públicas. **Educação e Sociedade,** Campinas, São Paulo, v. 26, n. 92, p. 725-751, Especial, Out. 2005. <Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a02.pdf.>.Acesso em:

06/10/2020.

BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (Orgs.). **Educação do Campo:** identidade e políticas públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 4, 2011. p. 25-36.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos. (Org.). **Por uma Educação do Campo:** campo - políticas públicas-Educação. Brasília: INCRA; MDA, 2008.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. Trabalho**. Educação e Saúde**. v. 7, n° 1, p. 35-64, mar/jun. Rio de Janeiro, 2009.

CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento Sem Terra. Escola é mais que escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CHAYANOV, Aleksandr Vasílievich. **La organizácio de la unidad económica campesina.** Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1974.

DRAIBE, Sônia Mirian. **O sistema Brasileiro de Proteção Social; o legado desenvolvimentista e a agenda de reformas.** Texto preparado para PNUD. Relatório sobre o Desenvolvimento Humano 1998, PNUD/IPEA: Brasília.

DORE, Rosemary; SOUZA, Herbert Glauco de. **Gramsci nunca mencionou o conceito de contra-hegemonia.** Cad. Pesq., São Luís, v. 25, n. 3, jul./set. 2018.<Disponívelem:https://www.researchgate.net/publication/329728926_gramsci_nunca_mencionou_o_conceito_de_contra-hegemonia>. Acesso em: 10\10\2022.

Dos Santos, D., Segundo, M. D. D. M., Freitas, M. C. C., & Lima, T. V. (2014). **A política educacional brasileira e as diretrizes do Programa Educação para Todos: notas críticas**. Revista HISTEDBR On-Line, 14(59).

Escola Familia Agricola experiencia de escola. Disponível em: <https://agroecologia.org.br/2014/11/26/comunitaria-e-pedagogia-da-alternancia/>Acesso em: 17/03/2023.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERREIRA, Maria Jucilene Lima; CARVALHO, Luzeni Ferraz de Oliveira; BOGO, Maria Nalva Rodrigues de Araújo. Reflexões sobre o percurso histórico da Educação do Campo na UNEB: Abordagem Histórica. Rev. **FAEEBA** – Ed. e Contemp., Salvador, v. 30, n. 61, p. 17-37, jan./mar. 2021.

FERREIRA, Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas "Estao da Arte"**. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 79, Agosto/2002.<Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt257 -272>. Acesso em: 16\08\2022.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREITAS, Luiz Carlos de. Materialismo histórico-dialético: pontos e contrapontos. In: II Seminário Nacional "o MST e a Pesquisa". **Cadernos do ITERRA**. Veranópolis. Ano VII – N° 14 – Dezembro, 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio**.** Educação para a "inclusão" e a "empregabilidade": promessas que obscurecem a realidade. In: CANÁRIO, R.; RUMMERT, S. M. **Mundos do trabalho e aprendizagem.**Lisboa: Educa, 2009. p.61-77.

FRIGOTTO, Gaudêncio**. O enigma da teoria nas pesquisas e análises da relação trabalho-educação:** pontos para debate**.** Rio de Janeiro, IESAR/FGV, 1987, Mimeo.

GENTILI, Pablo (org.) **Pedagogia da Exclusão:** crítica ao neoliberalismo em educação. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI:** antigos e novos atores sociais.Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais paradigmas clássicos e contemporâneos**.11.ed. São Paulo: Eições Loyola, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Sociologia dos Movimentos Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014. (Questões da nossa época.; v.47)

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del carcere. Edizione critica dell'Istituto Gramsci**. Turim: Einaudi, 1975. Organizado por Valentino Gerratana.

KONDER, Leandro. O que é dialética. São Paulo, Brasiliense, 2014. (coleção Primeiros Passos)

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais.** São Paulo: Cortez, 1999

LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social:** questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.

Lula da possea 37 ministros, 14 a mais do que Bolsonaro Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/lula-da-posse-a-37-ministros-14-a-mais-do-que-bolsonaro/> Acesso em: 16\03\2023.

Lula autoriza reestruturação do MEC com volta da diversidade e Inclusão. Disponível em:<https://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/noticias/75631-lula-autoriza-reestruturacao-do-mec-com-volta-da-diversidade-e-inclusao>Acesso em: 16\03\2023.

MARQUES, Tatyanne Gomes. **Pedagogia da terra:** significados da formação para educadores e educadoras do campo. 2010. 183. F. Dissertação (Mestrado) - UFMG/FaE, 2010.

MARQUES, Tatyanne Gomes. **Um pé na roça - outro na universidade:** experiências de acesso e permanência de jovens mulheres da roça na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). 2019. 366. F. Tese. (Doutorado) UFMG/FaE, 2019.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política: Livro I; tradução de Reginaldo Santana, 18 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política do capital: o rendimento e suas fontes. São Paulo**: Nova Cultural, 2000 (Col. Os Pensadores).

MARX, Karl ENGELS, Friedrich. Crítica ao programa de Gotta. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escolhidas**. Edições Progresso, 1985.

MARX, Karl ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. 3ª edição, São Paulo, Global, 1988**.**

MARX, Karl ENGELS, Friedrich. **Trabalho assalariadoe Capital & Salário, Preço e Lucro.** 1. ed. São Paulo, Expressão Popular, 2006.

MEC trabalaha no enfrentamento de desigualdades na educação. Disponível em:<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-trabalha-no-enfrentamento-de-desigualdades-na-educacao> Acesso em: 16\03\2023.

MELO. Conceição Coutinho. Os 20 anos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) e a importância do tripé Movimentos Sociais- Instituições de Ensino-INCRA In: **MEMÓRIA dos 20 anos da educação do campo e do Pronera**. Brasília: Universidade de Brasília; Cidade Gráfica, 2018. p. 22-35. Disponível em:<https://fonec.org/wp-content/uploads/2021/04/Memoria-dos-20-anos-da-educacao-do-campo-e-do-PRONERA_16.04.2021.-1.pdf. >Acesso em: 07/10/2022.

MESZAROS, I**. A teoria da alienação em Marx. São Paulo:** Boitempo, 2006.

MESZAROS, I. **A educação para além do capital.** 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008. (Col. Mundo do trabalho)

MOLINA. Mônica Castagna. **A Contribuição do PRONERA na construção de políticas públicas de Educação do Campo e desenvolvimento sustentável**. Tese de Doutorado, defendida em 2003. Brasília, UNB, 2003.

NUNES, Claudio Pinto.Conversas interativo-provocativas como opção teóricometodológica nas ciências humanas e na educação.Revista **Práxis Educacional**. Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 16, n. 37, p. 408-439, Edição Especial, 2020. <Disponível em: https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i37.6207>. Acesso em: 05\03\2022.

PAVAN, D. **O caminho feminino para a reforma agrária.** Rev. NERA. n. 3. Presidente Prudente: Núcleo de pesquisas, estudo e projetos de reforma agrária. FCT/UNESP, 2000. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1482/1458. Acesso em: 07 dez 2020.

PETERS, B. G. **American Public Policy**. Chatham, N.J.: Chatham House. 1986.

PESSANO, E. F. C. **O uso do rio Uruguai como tema gerador para a educação ambiental no Ensino Fundamental.** 2012. 98p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde da UFSM, Santa Maria. 2012.

Reda definições e legislação. Disponível em:< https://servidores.rhbahia.ba.gov.br/> Acesso em: 11/02/2023.

SAFFIOTI, Heleieth I.B**. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 1. ed., São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Primórdios do conceito de gênero**. Cadernos Pagu, n. 12, p. 157-163, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/.>Acesso em 02/02/2023.

SANTOS, Arlete Ramos dos. **Aliança (neo) desenvolvimentista e decadência ideológica no campo.Movimentos sociais e reforma agrária do consenso.** Curitiba: CRV, 2016, 210 p.

SANTOS, Arlete Ramos dos. **Ocupar, resistir e produzir também na educação**. UFMG/FaE, 2012.

SANTOS, Arlete Ramos dos; NUNES, Cláudio Pinto. **Reflexões sobre Políticas Públicas Educacionais para o Campo no contexto brasileiro.** Editora Edufba : Salvador – Ba. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1999), "Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo", *in* Reis, Daniel Aarão et al (org.), **A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Contraponto.

SAVIANI, D. TEORIAS PEDAGÓGICAS CONTRA-HEGEMÔNICAS NO BRASIL. **Ideação**, *[S. l.]*, v. 10, n. 2, p. 11–28, 2000. DOI: 10.48075/ri.v10i2.4465. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4465. Acesso em: 12 jan. 2023.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. (org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DA BAHIA; **Política Territorial**. <Disponível em:https://www.seplan.ba.gov.br/politica-territorial>.Acesso em: 16\08\2022.

SOUZA JÚNIOR, Mauro Roque de. **Educação na Reforma Agrária:** uma proposta extensionista da UNEB para o PRONERA. Dissertação de Mestrado - Salvador: UNEB, 2006.

STÉDILE, J. P. Questão Agrária. In: CALDART, R. S; PEREIRA, I. B; ALENTEJANO, P; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 639 - 644. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf. Acesso em: 18 set. 2018.

Superitendência de Desenvolvimento Agrario. Disponível em:<http://www.sda.sdr.ba.gov.br/ > Acesso em: 22/01/2023.

Trabalhadores Rurais são assassinados por jagunços em vitória da Conquista- BA. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PSOLISP111994006.pdf> Acesso em: 22/01/2023.

WOORTMANN, K. **Com parente não se neguceia: o campesinato como ordem moral**. Anuário Antropológico. Brasília: V. 12, Nº 01, 1988, p. 11-73. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7394439. Acesso em: 18 jul 2020.

DISCOGRAFIA

GONZAGUINHA. **E vamos à luta.** Álbum: De volta ao começo. Gravadora: EMI-Odeon,1980.

LOS HERMANOS . **Além do que se vê**. Álbum: Ventura. Gravadora: Universal Music, 2003.

APÊNDICE 1 – Questionário para a coordenadora do Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Sou Hete Teixeira Leal, discente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGed/UESB) responsável pelo trabalho intitulado **"Egressos e egressas dos cursos superiores do PRONERA\UNEB: Contribuições para a educação do campo"**, orientado pela Prof. Drª. Tatyanne Gomes Marques.

A pesquisa em questão tem como objetivo analisar como a formação superior de egresso/as do PRONERA/UNEB contribui para a Educação do Campo. Para tanto, são objetivos específicos: contextualizar o PRONERA como uma política pública em disputa no projeto de Educação do Campo; identificar egressos(as) do PRONERA- UNEB e suas formações; conhecer as contribuições dos cursos superiores do PRONERA/UNEB para a educação do campo.

A realização desta pesquisa poderá trazer benefícios para a geração e difusão de novos conhecimentos no estudo de uma política pública da envergadura do PRONERA, além de ser uma possibilidade de contribuição com dados e indicadores que possam orientar novas pesquisas, planos e programas que tenham como pilar o projeto de educação do campo.

A seguir elenco e encaminho algumas questões que contribuirão para o desenvolvimento deste trabalho.

1. Qual o ano de início da parceria PRONERA/UNEB e quais movimentos sociais/sindicais estavam engajados neste processo; (Aqui me refiro ao primeiro convênio entre o PRONERA e a UNEB, independente de ter sido ou não curso de graduação).
2. Quantos e quais foram os cursos superiores executados por meio do programa nesta instituição?

3. Qual o primeiro curso de graduação a ser executado pelo PRONERA/UNEB e em que ano?
4. Quantos cursos superiores foram executados e quais os movimentos sociais\ sindicais estavam envolvidos em cada um deles?
5. Qual o ano de início e conclusão de cada curso superior?
6. Quantos alunos iniciaram e concluíram cada curso superior?
7. Quais os departamentos envolvidos em cada curso superior?
8. Onde (cidade) aconteceu cada curso?
9. Os projetos pedagógicos dos cursos faziam previsão de disciplinas, seminários ou outras atividades voltadas à discussão do tema da Educação do Campo? Se positivo, quais?

Desde já agradeço a atenção e contribuição dispensada!

APÊNDICE 2– Roteiro de entrevista semiestruturada com os egressos\as dos cursos superiores do PRONERA\UNEB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Este roteiro semiestruturado faz parte do trabalho de pesquisa da mestranda Hete Teixeira Leal, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual da Bahia (PPGed/UESB), intitulado: "**EGRESSOS E EGRESSAS DOS CURSOS SUPERIORES DO PRONERA\UNEB: CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO"** sob a orientação da Profa. Dra. Tatyanne Gomes Marques, desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Neste primeiro encontro, buscam-se analisar como a formação superior de egressos/as do PRONERA/UNEB contribui para a Educação do Campo.

1. Gostaria que começasse me falando um pouco sobre você.

2. Militou em algum movimento social? Qual?

3. Durante a educação básica onde você estudou (campo e/ou cidade)? Como foi?

4. Quando foi que pensou em fazer um curso superior?

5. Como conheceu o PRONERA?

6. Já conhecia a UNEB?

7. Você ingressou em outro curso/universidade antes? Quantas tentativas fez? Como foi?

8. Sua família participou dessa decisão? Você teve apoio deles?

9. O que esperava da universidade e do curso antes de ingressar?

10. Conte como se deu acesso ao curso superior do PRONERA?

11. O curso correspondeu suas expectativas?

12. Você acredita que a formação no curso superior do PRONERA contribuiu em algum aspecto na sua vida? Quais?

13. Você está trabalhando atualmente? Em que área?

14. Você considera que sua formação e atuação contribui para o projeto de Educação do Campo? Como?

15. Você deu seguimento aos estudos acadêmicos depois da graduação? (Especialização, mestrado, doutorado)

16. Após vivenciar a experiência de um curso superior pelo PRONERA qual a sua opinião, sugestões e críticas sobre essa política pública?

APÊNDICE 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTOLIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N. 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade nº:_____ Órgão emissor:_____

Sexo: F ( ) M ( )

Data de Nascimento: ____/____/____

Email: _____

Endereço:_____

Complemento: _____ Bairro: _____

Cidade:_____ Estado: _____

CEP:_____ Telefone: ( ) _____

II -DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

TÍTULO DO PROTOCO: EGRESSOS E EGRESSAS DOS CURSOS SUPERIORES DO PRONERA\UNEB: CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

LOCAL DE PESQUISA: Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Hete Teixeira Leal

Cargo/Função: Mestranda

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidad**o/**a para participar da pesquisa: **"Egressos e egressas dos cursos superiores do PRONERA\UNEB: Contribuições para a educação do campo"**de responsabilidade da pesquisadora Hete Teixeira Leal, discente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGed/UESB). A pesquisa em questão tem como objetivo geral analisar como a formação superior de egresso/as do PRONERA/UNEB contribui para a Educação do Campo.

Para tanto, são objetivos específicos: contextualizar o PRONERA como uma política pública em disputa no projeto de Educação do Campo; identificar egressos (as) do PRONERA- UNEB e suas formações; conhecer as contribuições dos cursos superiores do PRONERA/UNEB para a educação do campo.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios para a geração e difusão de novos conhecimentos no estudo de uma política pública da envergadura do PRONERA, além de ser uma possibilidade de contribuição com dados e indicadores que possam orientar novas pesquisas, planos e programas que tenham como pilar o projeto de educação do campo.

Caso aceite, você participará do estudo, respondendo ao formulário com questões fechadas e abertas e uma entrevista comigo, em data, horário e local previamente agendados, com a possibilidade de realização de forma remota, por meio da plataforma Google Meet, com a garantia de que as gravações serão utilizadas apenas para a transcrição e que todos os cuidados éticos serão preservados, inclusive que sua imagem não será utilizada para divulgação. Os questionários serão entregues por mim. Você terá liberdade e tempo adequados para registrar suas respostas. Como na entrevista descrevemos experiências, você poderá vivenciar emoções manifestadas por meio de choro. Caso isso ocorra, poderemos interromper temporariamente as respostas e retomar em momento que avaliar mais oportuno.

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, você não será identificado/a. Caso queira, poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Quaisquer dúvidas que apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e, caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que, de acordo com as leis brasileiras, você tem direito à indenização caso seja prejudicado/a por esta pesquisa. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o contato da pesquisadora, que poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Hete Teixeira Leal
Endereço: Rua 5, casa 46, Vila Serrana III, Zabelê CEP: 45.078-076.
Cidade: Vitória da Conquista
Estado: Bahia
Telefone: (77) 98843-3647
E-mail: hete.leal@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Prédio da Reitoria, 1° andar-Cabula, Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End:SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF.

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido/a pela pesquisadora sobre os objetivos, benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **"Egressos e egressas dos cursos superiores do PRONERA\UNEB: Contribuições para a educação do campo",** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar de livre e espontânea vontade. Como voluntário/a, consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada. Assim sendo, assinarei

este documento em duas vias, sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de 2022.

_____
Assinatura do participante da pesquisa

_____ _____
Assinatura do pesquisador discente (orientando) Assinatura da professora responsável (orientadora)

APÊNDICE 4 – Parecer Consubstanciado do Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EGRESSOS E EGRESSAS DOS CURSOS SUPERIORES DO PRONERA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA: CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO.

Pesquisador: Tatyanne Gomes Marques

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 59272422.0.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.632.056

Apresentação do Projeto:

O projeto é vinculado ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGed) da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB).

Resumo informado pela autora:

"O PRONERA é uma política pública de educação do campo desenvolvida pelo governo federal no âmbito do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, por meio de parceria entre este e o INCRA, Instituições de Ensino Superior e os Movimentos Sociais que têm na sua bandeira de luta a reforma agrária, tem como beneficiários jovens e adultos das áreas de assentamentos de reforma agrária, bem como quilombolas e trabalhadores cadastrados no INCRA e beneficiários do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF).É nesse cenário que o presente projeto de pesquisa busca compreender focalizar uma política pública resultado da luta de classes no Brasil. isto é. o Programa Nacional de Educacão na Reforma Agrária (PRONERA). Buscaremos analisar as contribuições da formação de egressos e egressas dos cursos superiores da Universidade Estadual da Bahia - UNEB, ofertados a partir dessa política para a Educação do Campo". Acessará também os projetos pedagógicos e relatórios dos cursos superiores do PRONERA/UNEB.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

Analisar como a formação superior de egresso/as do PRONERA/UNEB contribui para a Educação do Campo.

Objetivo Secundário:

Contextualizar o Pronera como uma política pública em disputa no projeto de Educação do Campo;

Identificar egressos(as) do PRONERA- UNEB e suas formações;

Conhecer as contribuições dos cursos superiores do Pronera/UNEB para a educação do campo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme orienta a Resolução nº 510/16.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Em conformidade;

2 – Termo de confidencialidade: Aceito;

3 – A autorização institucional da proponente: Em conformidade;

4 – A autorização da instituição coparticipante: Em conformidade;

5 - Folha de rosto: Em conformidade;

6 – TCLE: Adequado;

7 - Termo de Concessão: Encontra-se adequado;

8 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Em conformidade;

9 – Declaração de concordância com a execução do projeto de pesquisa: Em conformidade.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados

com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.59272422.0.0000.0057

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1950893.pdf	19/08/2022 10:52:06		Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_coleta_de_dados.pdf	19/08/2022 10:51:46	Tatyanne Gomes Marques	Aceito
Outros	Termo_de_confidencialidade.pdf	19/08/2022 10:49:31	Tatyanne Gomes Marques	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_de_concordancia.pdf	20/07/2022 13:54:04	Tatyanne Gomes Marques	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	20/07/2022 13:48:55	Tatyanne Gomes Marques	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_de_autorizacao_institucional_da_proponente.pdf	20/07/2022 13:29:06	Tatyanne Gomes Marques	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_coooparticipante.pdf	20/07/2022 13:20:42	Tatyanne Gomes Marques	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso_do_pesquisador.pdf	20/07/2022 13:13:50	Tatyanne Gomes Marques	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	20/07/2022 12:46:24	Tatyanne Gomes Marques	Aceito
Outros	Termo_concessao.pdf	03/06/2022 09:11:43	Tatyanne Gomes Marques	Aceito
Brochura Pesquisa	Roteiro_de_entrevista_semiestruturada.docx	25/05/2022 13:40:03	Tatyanne Gomes Marques	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto.pdf	25/05/2022 10:55:54	Tatyanne Gomes Marques	Aceito

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Continuação do Parecer: 5.632.096

Investigador	Projeto.pdf	25/05/2022 10:55:54	Tatyanne Gomes Marques	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto.docx	25/05/2022 10:52:32	Tatyanne Gomes Marques	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SALVADOR, 09 de Setembro de 2022

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br